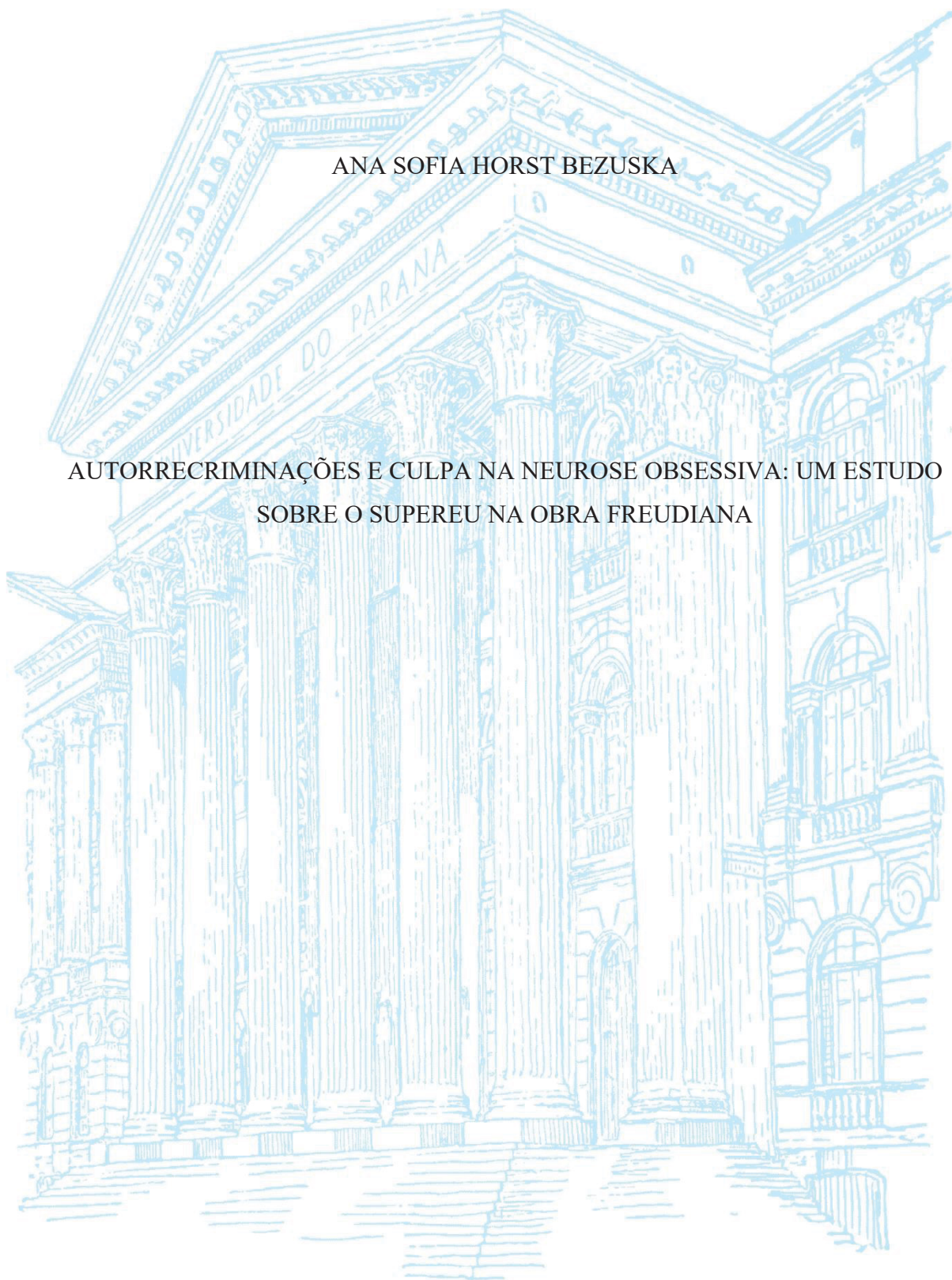


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA SOFIA HORST BEZUSKA

AUTORRECRIMINAÇÕES E CULPA NA NEUROSE OBSESSIVA: UM ESTUDO
SOBRE O SUPEREU NA OBRA FREUDIANA



CURITIBA

2023

ANA SOFIA HORST BEZUSKA

AUTORRECRIMINAÇÕES E CULPA NA NEUROSE OBSESSIVA: UM ESTUDO
SOBRE O SUPEREU NA OBRA FREUDIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nadja Nara Barbosa Pinheiro

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Bezuska, Ana Sofia Horst

Autorrecriações e culpa na neurose obsessiva : um estudo sobre o Supereu na obra freudiana. / Ana Sofia Horst Bezuska. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nadja Nara Barbosa Pinheiro.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Neuroses. 3. Culpa. 4. Superego. I. Pinheiro, Nadja Nara Barbosa, 1957-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ANA SOFIA HORST BEZUSKA** intitulada: **Autorrecriações e culpa na neurose obsessiva: um estudo sobre o Supereu na obra freudiana**, sob orientação da Profa. Dra. NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 11 de Setembro de 2023.

Assinatura Eletrônica

12/09/2023 16:03:23.0

NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

18/09/2023 17:15:53.0

ÉRICO BRUNO VIANA CAMPOS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO)

Assinatura Eletrônica

18/09/2023 09:55:10.0

MAURICIO JOSE D ESCRAGNOLLE CARDOSO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Paraná, por ter sido o local que, desde a graduação, me possibilitou construir uma formação acadêmica e profissional sólida, abrindo as portas para a pós-graduação.

À professora Dr.^a Nadja Nara Barbosa Pinheiro, orientadora que em todas as ocasiões me ensinou o valor e o prazer pela leitura atenta de Freud, a importância do rigor acadêmico e a indissociabilidade entre clínica e teoria. Sem a sua paciência para ensinar e a sua generosidade na transmissão do conhecimento, esse caminho teria sido muito mais árduo.

Aos membros da banca examinadora. Ao professor Dr. Maurício José d'Escagnolle Cardoso, pelas contribuições feitas durante a banca de qualificação e por ter aceitado o convite para participar da banca de defesa. Foi muito importante para minha formação ter tido a oportunidade de tê-lo como professor desde a graduação, sua dedicação à psicanálise é inspiradora. Ao professor Dr. Érico Bruno Viana Campos, pelos instigantes apontamentos na banca de qualificação, os quais me possibilitaram vislumbrar mais claramente o caminho teórico a ser traçado nesta dissertação, e pela disponibilidade em integrar a banca de defesa.

Aos colegas do Laboratório de Psicanálise, por terem feito com que esse percurso fosse um pouco mais leve e pelas contribuições para a realização deste trabalho.

Ao Bruno Kons, que acreditou em mim quando nem mesmo eu acreditava. Obrigada pela compreensão, carinho, e por estar ao meu lado ao longo de todo esse caminho.

À minha família, que me proporcionou o necessário para chegar até aqui.

Peço-lhe que tente ter amor pelas próprias perguntas, como quartos fechados e como livros escritos em uma língua estrangeira. Não investigue agora as respostas que não lhe podem ser dadas, porque não poderia vivê-las. E é disto que se trata, de viver tudo. Viva agora as perguntas. Talvez passe, gradativamente, em um belo dia, sem perceber, a viver as respostas.

Rainer Maria Rilke (1929/2009, p. 21).

RESUMO

Esta pesquisa partiu de impasses encontrados no manejo de fortes e insistentes autorrecriações manifestas por pacientes na clínica psicanalítica. Diante da necessidade de melhor compreender esse fenômeno, levantou-se a hipótese de que ele seria produto da atuação de um Supereu severo responsável por fazer emergir, no Eu, um sentimento de culpa. Considerando a neurose obsessiva como tipo clínico que ilustraria a ação do Supereu e com o propósito de verificar a validade dessa hipótese, construiu-se a presente pesquisa cujo objetivo foi investigar, na obra freudiana, o sentimento de culpa na neurose obsessiva e a sua relação com o Supereu. Assim, no primeiro capítulo, analisou-se as primeiras formulações sobre a neurose obsessiva, o que permitiu destacar que as autorrecriações eram consideradas sintomas típicos da neurose obsessiva e que originalmente fariam referência a desejos edípicos – sobretudo parricidas – inconscientes recalçados que teriam sido deformados por ação da censura. Em seguida, no segundo capítulo, verificou-se que o sentimento de culpa, antes pouco mencionado por Freud, passou a ser considerado elemento integrante do mecanismo de neurose obsessiva, a partir de *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/2021), sendo responsável por engendrar sintomas obsessivos, vários de cunho autopunitivo. Ainda, a partir de uma análise do caso *O homem dos ratos* (1909/2017), identificou-se que a culpa obsessiva está intimamente relacionada com os desejos parricidas e com a ambivalência afetiva nutrida para com o pai. No terceiro capítulo, evidenciou-se que o estudo freudiano sobre as obsessões, o narcisismo, a melancolia e a compulsão à repetição na transferência conduziram Freud a conceituar a pulsão de morte e o revelaram que o Eu é parcialmente inconsciente, profundamente alterado por meio do mecanismo de identificação, o qual produz gradações como a instância ideal do Eu, responsável por observar e criticar o próprio Eu. No quarto e último capítulo, investigou-se a conceituação do Supereu como instância crítica do psiquismo, localizando sua origem nas primeiras identificações parentais e demarcando que sua severidade advém da pulsão de morte que nele se encontra entrançada pelo mecanismo de desfusão pulsional. Nessa esteira, enfatizou-se que o sentimento de culpa é fruto da tensão entre Eu masoquista e Supereu sádico, sendo especialmente forte na neurose obsessiva. Por fim, concluiu-se que é em razão da culpa e punição impostas pelo Supereu que são produzidas autorrecriações e demais fenômenos obsessivos, os quais insistem em se repetir devido à existência de um masoquismo moral do Eu, um sentimento inconsciente de culpa que se expressa como necessidade de punição. Por essa razão, ao psicanalista cabe estar atento à quota de prazer envolvida na doença e à magnitude da severidade do Supereu em cada caso, pois podem produzir forte resistência ao tratamento.

Palavras-chave: Autorrecriação. Culpa. Neurose obsessiva. Supereu. Freud.

ABSTRACT

This research started from impasses found in the management of strong and insistent self-reproaches manifested by patients in the psychoanalytic clinic. Faced with the need to better understand this phenomenon, we proposed as a hypothesis that it would be the product of the action of a severe Super-ego responsible for making a sense of guilt emerge in the Ego. Considering obsessional neurosis as a clinical type that would illustrate the action of the Superego and with the purpose of verifying the validity of this hypothesis, the present research was constructed, whose objective was to investigate in Freud's work the sense of guilt in obsessional neurosis and its relation with the Super-ego. Thus, in the first chapter, the first formulations on obsessional neurosis were analyzed, which made it possible to highlight that self-reproaches were considered typical symptoms of obsessive neurosis and that originally, they would make reference to oedipal desires – mainly parricidal – repressed unconscious that would have been deformed by action of censorship. Then, in the second chapter, it was verified that the sense of guilt, previously barely mentioned by Freud, came to be considered an essential element of the mechanism of obsessional neurosis from *Obsessive actions and religious practices* (1907/2021), being responsible for engendering obsessive symptoms, several of a self-punishing nature. Also, based on an analysis of the case *The Rat Man* (1909/2017), it was identified that obsessive guilt is closely related to parricidal desires and the affective ambivalence nurtured towards the father. In the third chapter, it was evidenced that the Freudian study on obsessions, narcissism, melancholy, and the compulsion to repeat in the transference led Freud to conceptualize the death instinct and revealed that the Ego is partially unconscious, profoundly altered by means of the identification mechanism, which produces gradations as the Ego ideal, responsible for observing and criticizing the Ego itself. In the fourth and last chapter, the conceptualization of the Super-ego as a critical instance of the psyche was investigated, its origin was identified in the first parental identifications and its severity was demarcated as being derived from the death instinct that is entrenched in it by the defusion of instincts mechanism. It was emphasized that the sense of guilt is the result of the tension between the masochistic Ego and the sadistic Super-ego, being especially strong in obsessional neurosis. Finally, it was concluded that it is because of the guilt and punishment imposed by the Super-ego that self-reproaches and other obsessive phenomena are produced, which insist on repeating themselves due to the existence of a moral masochism of the Ego, an unconscious sense of guilt that is expressed as a need for punishment. For this reason, it is up to the psychoanalyst to be aware of the amount of pleasure involved in the disease and the magnitude of the severity of the Super-ego in each case, as they can produce strong resistance to treatment.

Keywords: Self-reproach. Guilt. Obsessional neurosis. Super-ego. Freud.

RÉSUMÉ

Cette recherche a commencé à partir des impasses trouvées dans la gestion de forts et insistants reproches manifestés par les patients dans la clinique psychanalytique. Face à la nécessité de mieux comprendre ce phénomène, nous avons proposé comme hypothèse qu'il serait le produit de l'action d'un Surmoi sévère chargé de faire émerger un sentiment de culpabilité dans le Moi. Considérant la névrose obsessionnelle comme un type clinique qui illustrerait l'action du Surmoi et dans le but de vérifier la validité de cette hypothèse, la présente recherche a été construite dont l'objectif était d'étudier dans l'œuvre de Freud le sentiment de culpabilité dans la névrose obsessionnelle et sa relation avec le Surmoi. Ainsi, dans le premier chapitre, les premières formulations sur la névrose obsessionnelle ont été analysées, ce qui a permis de mettre en évidence que les reproches étaient considérés comme des symptômes typiques de la névrose obsessionnelle et qu'à l'origine ils feraient référence à des désirs œdipiens – principalement parricides – refoulés inconscients qui auraient été déformés par l'action de la censure. Puis, dans le deuxième chapitre, il a été vérifié que le sentiment de culpabilité, précédemment peu mentionné par Freud, est devenu partie intégrante du mécanisme de la névrose obsessionnelle à partir d'*Actes obsédants et exercices religieux* (1907/2021), étant responsable de l'engendrement de symptômes obsessionnels, plusieurs de nature autopunitive. De plus, sur la base d'une analyse du cas *L'homme aux rats* (1909/2017), il a été identifié que la culpabilité obsessionnelle est étroitement liée aux désirs parricides et à l'ambivalence affective entretenue envers le père. Dans le troisième chapitre, il a été mis en évidence que l'étude freudienne sur les obsessions, le narcissisme, la mélancolie et la compulsion de répétition dans le transfert a conduit Freud à conceptualiser la pulsion de mort et a révélée que le Moi est partiellement inconscient, profondément altéré par le mécanisme d'identification, qui produit des gradations comme l'idéal du Moi, chargé d'observer et de critiquer le Moi lui-même. Dans le quatrième et dernier chapitre, la conceptualisation du Surmoi en tant qu'instance critique de la psyché a été étudiée, en localisant son origine dans les premières identifications parentales et en démarquant que sa sévérité provient de la pulsion de mort qui y est ancrée par le mécanisme de désunion des pulsions. Dans ce sens, il a été souligné que le sentiment de culpabilité est le résultat de la tension entre le Moi masochiste et le Surmoi sadique, particulièrement fort dans la névrose obsessionnelle. Enfin, il a été conclu que c'est à cause de la culpabilité et de la punition imposées par le Surmoi que se produisent les reproches et autres phénomènes obsessionnels, qui insistent pour se répéter en raison de l'existence d'un masochisme moral du Moi, d'un sentiment inconscient de culpabilité qui se traduit par un besoin de punition. Pour cette raison, il appartient au psychanalyste d'être conscient de la quantité de plaisir impliquée dans la maladie et de l'ampleur de la sévérité du Surmoi dans chaque cas, car elles peuvent produire une forte résistance au traitement.

Mots-clés: Reproche. Culpabilité. Névrose obsessionnelle. Surmoi. Freud.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A NEUROSE OBSESSIVA E O ADVENTO DO COMPLEXO DE ÉDIPO	18
2.1 O MECANISMO DE DEFESA NA NEUROSE OBSESSIVA	19
2.2 A FORMULAÇÃO DO ÉDIPO E OS SINTOMAS OBSESSIVOS	25
2.3 OS DESEJOS EDÍPICOS NA PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA	33
2.4 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO	39
3 O SENTIMENTO DE CULPA E A NEUROSE OBSESSIVA NA PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA	42
3.1 O SENTIMENTO DE CULPA NA NEUROSE OBSESSIVA	43
3.1.1 Primeiras formulações sobre o sentimento de culpa	43
3.1.2 A sexualidade infantil e a neurose obsessiva	46
3.1.3 O sentimento de culpa no mecanismo dos atos obsessivos	49
3.1.4 O sentimento de culpa e os desejos edípicos	51
3.2 O SENTIMENTO DE CULPA NO CASO <i>O HOMEM DOS RATOS</i>	53
3.2.1 História clínica e análise teórica	54
3.3 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO	62
4 UMA FORÇA DEMONÍACA NO PSIQUISMO	66
4.1 O DESENVOLVIMENTO E GRADAÇÃO DO EU	67
4.1.1 O narcisismo e o ideal do Eu	68
4.1.2 Uma instância cruel	71
4.2 O REORDENAMENTO PULSIONAL	74
4.2.1 Índícios da insuficiência do princípio de prazer	76
4.2.2 Vida e morte	81
4.3 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO	84
5 O SUPEREU E O SENTIMENTO DE CULPA	89
5.1 UM NOVO MODELO DE APARELHO PSÍQUICO	90
5.1.1 Uma nova concepção de Eu	91
5.1.2 O herdeiro do complexo de Édipo	94
5.1.3 O Supereu e suas raízes no Isso	98
5.2 UMA RELAÇÃO SÁDICA E MASOQUISTA	101
5.2.1 O masoquismo originário e suas formas	102
5.2.2 Sentimento de culpa: produto da tensão entre Eu e Supereu	104

5.3 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO	108
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS	120

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem suas origens nos impasses encontrados na prática clínica em consultório particular como psicanalista. Em muitos casos, frequentemente aparece com muita intensidade o fenômeno clínico das autorrecriações. Os pacientes se criticam pelas mais variadas razões: pelos afetos que sentem (odiar quem se ama, amar quem se odeia, ciúmes, inveja), por não serem como gostariam (excesso de timidez, de agressividade, de passividade), por não conseguirem controlar suas condutas (compulsões que não conseguem abandonar), entre outras situações. São indivíduos muito exigentes com eles mesmos: um mero passo em falso é capaz de provocar grandes sofrimentos, que se assemelham a um automartírio, uma autopunição. Os motivos das autorrecriações muitas vezes parecem banais ou desproporcionais à intensidade dos sintomas. É interessante que tais pacientes costumam ser indivíduos¹ com um comportamento “exemplar”, isto é, sua conduta está alinhada ao que se é esperado socialmente de um “bom cidadão”, dificilmente cometem atos que seriam recrimináveis pelos outros.

Citamos alguns exemplos de situações que figuram como motivos para as autorrecriações. Em geral, as críticas não se referem a apenas uma situação, mas a várias ao mesmo tempo. A impressão que se tem é de que o fundamental é recriminar-se, não importa pelo que seja, qualquer coisa poderia servir como motivo para as autorrecriações. É como se inconscientemente procurassem um motivo para se martirizarem e sofrerem. Percebe-se que há um elemento inconsciente em jogo, principalmente devido ao fato de que os pacientes não são capazes de pararem de recriminar-se. Na clínica, revelou-se uma certa dificuldade de manejo desses casos, pois a autorrecriação parece onipresente, não sendo possível vislumbrar uma saída dessa situação em que o mais importante parece ser o fazer-se sofrer.

Essa situação se mostrava, portanto, como um impasse. Dela emergiu a seguinte questão: por que alguns pacientes se recriminam tanto e não conseguem deixar de fazê-lo? É a partir disso que surgiu a presente pesquisa. A nossa hipótese seria de que essas autorrecriações adviriam de uma atuação de um Supereu severo responsável por fazer emergir, no Eu, um sentimento de culpa. Nossa pesquisa se desenvolveu, então, para verificar

¹ O termo “indivíduo” transmite a ideia de que há uma unidade. Ao longo deste trabalho, veremos que, conforme as considerações freudianas, todos são marcados por um psiquismo dividido em instâncias, conscientes e inconscientes. Assim, tendo em vista essa divisão fundamental, seria contraditório o emprego do termo “indivíduo”. Contudo, optamos por utilizá-lo alicerçados na concepção de que ao longo do desenvolvimento constrói-se uma ilusão de unidade pessoal que permite ao bebê que diferencie sujeito de objeto e trace um caminho em direção ao processo de individuação pessoal (Pinheiro, 2019). Em estados de angústia, por exemplo, é possível verificar o desmoronamento dessa ilusão (Pinheiro, 2019).

a validade dessa hipótese. Assim, nossos objetos de estudo seriam o Supereu e o sentimento de culpa. No entanto, no intuito de refinar e melhor delimitar o percurso a ser traçado neste trabalho, incluímos também a neurose obsessiva nessa equação. Além disso, essa inclusão considerou a origem desta pesquisa, para lhe acrescentar um elemento clínico. A escolha pela neurose obsessiva se deu pelo fato de que seria um tipo clínico que ilustraria a atuação do Supereu no psiquismo, pois seria caracterizada por um forte embate entre Supereu e Eu (Roudinesco & Plon, 1998). Dessa forma, incluindo-a, permite-se visualizar como opera essa instância no psiquismo, até porque as autorrecriações figuram entre seus principais sintomas. Levando tudo isso em consideração, propôs-se como objetivo desta dissertação investigar o sentimento de culpa na neurose obsessiva e a sua relação com o Supereu.

Esta pesquisa é de cunho teórico-conceitual e fundamenta-se em uma proposição metodológica de pesquisa psicanalítica que toma como modelo o processo de fundação da psicanálise por Freud (Pinheiro et al., 2019; Pinheiro, 2022). A psicanálise se originou da prática clínica de Freud com pacientes afetados por diversas afecções, notadamente a histeria. Já desde o início, ele dispunha de certo aporte teórico que fundamentava sua prática. No entanto, eventualmente, deparou-se com certos impasses clínicos que denunciavam uma insuficiência teórica, que exigiram dele a revisão de conceitos e noções, por vezes abandonando alguns ou colocando outros temporariamente de lado. A teoria revisitada e alterada fazia avançar a psicanálise, cada vez mais munida de conceitos precisos e adequados para explicar os fenômenos clínicos e possibilitar o tratamento dos pacientes (Pinheiro, 2022). Assim, a psicanálise e toda a sua metapsicologia foi progressivamente desenvolvida para dar conta daquilo que se manifestava na clínica, revelando a indissociabilidade entre a investigação e o tratamento (Pinheiro et al., 2019). Com isso, Freud incluía as descobertas proporcionadas pela clínica na construção de uma teoria acerca do psiquismo. Ao longo de sua vida, inúmeros impasses clínicos se impuseram a ele, que continuamente precisou repensar os fundamentos teóricos de sua prática (Mezan, 2006).

Construímos este trabalho inspirados por esse movimento de constante refinamento teórico que sustenta a clínica. A pesquisa psicanalítica poderia ser, então, compreendida como inserida dentro desse movimento, o qual seria composto de cinco momentos (Pinheiro, 2022). Primeiramente, adquire-se o conhecimento teórico que em um segundo momento irá embasar o início da prática clínica. Em um terceiro tempo, o psicanalista irá se deparar com certos impasses que denunciam a insuficiência de seu saber. Em nosso caso, como mencionado anteriormente, o impasse foi o encontro com as autorrecriações que certos pacientes não cessam de infligir sobre eles mesmos. Disso, segue-se para uma revisão da teoria na esperança

de tentar responder ao impasse encontrado, para desenvolver uma formalização conceitual que seja capaz de melhor sustentar a prática e escuta clínicas. É nesse momento que esta dissertação se situa, nesse processo de retorno à teoria, sendo a universidade um local que fornece as condições necessárias para isso (Pinheiro et al., 2019).

Por essa razão, sustentamos que a pesquisa em psicanálise jamais é unicamente teórica, sempre tem em sua origem a clínica², seja de forma mais ou menos direta (Mezan, 2006). Isso porque os conceitos fundamentais da psicanálise foram todos frutos da clínica e é a partir deles que será desenvolvida uma pesquisa (Mezan, 2006). Ou seja, não há separação entre a pesquisa teórica e a clínica, visto que a psicanálise consiste numa práxis: é um saber que é construído juntamente com o fazer clínico (Tavares & Hashimoto, 2013). Ainda, é importante destacar que uma pesquisa teórica não consiste em uma simples repetição de conceitos: por meio dela é possível com que algo novo seja criado pelo pesquisador na tentativa de resposta à questão clínica suscitada, ao que nos propusemos neste trabalho.

É nesse sentido que se estabelece o quinto e último momento dessa proposta metodológica de pesquisa psicanalítica. Uma vez elaborado esse retorno à teoria, finalizada a pesquisa, retorna-se para a clínica, então mais bem sustentada pela teoria, enriquecida com conceitos mais precisos. Contudo, a teoria nunca será totalizada, sempre tem caráter provisório e incompleto porque outros impasses surgirão a partir da atividade clínica, e o percurso que aqui descrevemos tornará a se repetir (Pinheiro, 2022; Tavares & Hashimoto, 2013). Quer dizer, as respostas construídas para a questão de pesquisa serão apenas temporariamente satisfatórias, pois a prática as colocará repetidamente à prova (Pinheiro, 2022). Assim, é possível considerar a finalização de um trabalho acadêmico como simultaneamente um ponto de chegada e de partida, pois é a partir da rede conceitual construída na pesquisa que será possível a elaboração de novas linhas de pesquisa (Tavares & Hashimoto, 2013). Quantos às contribuições do desenvolvimento de uma pesquisa nesses moldes, além de possibilitar um refinamento do manejo clínico, também acrescenta à literatura psicanalítica uma leitura singular do autor – sempre nova – a respeito da teoria, que sai renovada desse processo (Pinheiro et al., 2019).

Nosso trabalho será realizado a partir da leitura e discussão de textos freudianos que nos auxiliem a alcançarmos o objetivo proposto. Traçaremos um percurso na obra freudiana visando a analisar como, desde os textos pré-psicanalíticos, a neurose obsessiva e o sentimento

² Apesar desta pesquisa ser provocada por impasses vividos na prática clínica em consultório particular, o termo “clínico” não se refere unicamente a essa modalidade de trabalho. Um trabalho clínico em psicanálise é aquele que se ocupa do sofrimento psíquico singular e tem a teoria psicanalítica como fundamento da escuta, podendo ser praticado em ambientes dos mais diversos, escolas, clínicas-escola, hospitais etc. (Pinheiro, 2022).

de culpa foram estudados para então estabelecermos suas relações com o conceito de Supereu. A nossa escolha em nos restringirmos a Freud se deve ao fato de que, apesar da questão de pesquisa estar situada na atualidade, nosso tema foi primeiramente tratado por Freud em sua obra, sendo ele, por exemplo, o criador da entidade clínica “neurose obsessiva” (Freud, 1896/1986b). É preciso que haja um retorno ao pai da psicanálise, cuja obra de forma alguma deve ser considerada como obsoleta ou secundária (Pinheiro, 2022). O texto freudiano por nós é considerado o ponto de partida que fornece as coordenadas para que seja possível seguir em direção às contribuições realizadas por autores contemporâneos (Pinheiro, 2022). Ao mesmo tempo, nos serviremos de comentadores para nos guiarem e embasarem nossas discussões, entre eles figuram: Renato Mezan, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Luiz Roberto Monzani, Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis, Didier Anzieu, Jean-Michel Quinodoz. Ainda, livros e artigos produzidos por outros autores que enriquecem a reflexão sobre certas temáticas tratadas ao longo do trabalho também serão consultados.

Nesta dissertação, foram tomadas algumas decisões relativas às traduções de certos termos psicanalíticos. Na edição das obras completas de Freud consultada, figura a tradução de *Trieb* por “instinto”, realizada por Paulo César de Souza. Contudo, optamos por verter o termo alemão por “pulsão”. Essa escolha se deu em razão do fato de que *Trieb*, conforme conceituado por Freud (1905/2016), consistiria justamente em uma desnaturalização do instinto (Garcia-Roza, 2018). Além disso, as instâncias psíquicas *Ich*, *Über-Ich* e *Es* foram traduzidas, respectivamente, por Eu, Supereu e Isso. Ou seja, contrariamente à tradição de vertê-los por termos latinos, utilizamos os pronomes no português que seriam equivalentes àqueles do alemão. Ainda, *Schuldbewußtsein* foi traduzido por “sentimento de culpa” ao invés de “consciência de culpa”, esse último tradução literal feita por Paulo César de Souza. Assim decidimos porque “sentimento de culpa” é a tradução mais comum e popularizada dessa expressão. Tendo isso em consideração, quando houver citações diretas o leitor poderá por vezes encontrar os termos “instinto”, “Id” e “consciência de culpa”, que deverá ler como “pulsão”, “Isso” e “sentimento de culpa”.

Dividimos o percurso desta pesquisa em quatro capítulos. Considerando que tomamos a neurose obsessiva como fio condutor para nossa investigação, no primeiro nos ocupamos de investigar a primeira noção de neurose obsessiva apresentada já nos textos pré-psicanalíticos e as transformações que sofreu com o advento do complexo de Édipo. Iniciamos, portanto, nos alicerçando em *As neuropsicoses de defesa* (1894/1986) e *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (1896/1986c), analisando o mecanismo da neurose obsessiva, seus principais sintomas – a autorrecriação o principal deles – e a sua etiologia sexual em uma

experiência de sedução. Nesse momento da obra freudiana, o sentimento de culpa não fora estudado por Freud, sendo brevemente mencionado. Entretanto, já estaria implícito no recriminar-se dos obsessivos (Laplanche & Pontalis, 2001).

Foi necessário, então, verificarmos como se deu o abandono da teoria da sedução e, com auxílio da correspondência entre Wilhelm Fliess e Freud, identificar as contribuições do advento do complexo de Édipo para a concepção de neurose obsessiva. Localizamos haver uma estreita relação entre neurose obsessiva, autorrecriminações, sentimento de culpa e os desejos incestuosos, sobretudo os parricidas. Nessa esteira, finalizamos o primeiro capítulo empreendendo um percurso na primeira tópica do aparelho psíquico apresentada por Freud em *A interpretação dos sonhos* (1900/2021), a fim de compreender a natureza desses desejos, tidos como inconscientes, e como operam no psiquismo – a partir desse momento considerado dividido em sistemas. Nesse caminho, em especial uma análise dos sonhos de punição anunciou a possível existência de desejos inconscientes no Eu de punir a si mesmo, um indicativo da existência de tendências masoquistas no psiquismo.

Em seguida, no segundo capítulo avançamos em direção a um exame das primeiras menções ao sentimento de culpa na obra freudiana e das relações que possui com a neurose obsessiva, isso no contexto da primeira tópica freudiana. Contando principalmente com o texto *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/2021), nos dedicamos a identificar como o sentimento de culpa é inserido como elemento constituinte do mecanismo de neurose obsessiva, sobretudo em sua vertente inconsciente. Para tanto, foi necessário fazermos uma breve incursão na concepção de sexualidade infantil introduzida nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016) e suas particularidades na neurose obsessiva. Quanto à origem do sentimento de culpa, pudemos localizá-la a partir de uma análise de situações clínicas descritas por Freud em *Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica* (1916/2016). Por fim, para compreendermos como o sentimento de culpa opera na clínica da neurose obsessiva, desenvolvemos uma análise do caso do *Homem dos Ratos* (1909/2017), que colocou em evidência a culpa como produto da ambivalência afetiva, sendo capaz de engendrar sintomas de natureza punitiva como impulsos suicidas.

A análise desse caso de neurose obsessiva nos forneceu indícios de que o aparelho psíquico poderia ser tripartido, uma de suas partes sendo especialmente austera com outra. Assim, no terceiro capítulo nos propusemos a identificar os elementos que aos poucos indicaram a Freud que o Eu poderia sofrer gradações, ser inconsciente e habitado por forças destrutivas. A partir de *Introdução ao narcisismo* (1914/2016a), procuramos identificar como ocorre o processo de desenvolvimento do Eu, em especial os resquícios deixados pela fase

narcísica: Eu ideal e ideal do Eu, esse último cujas funções são a observação e crítica do Eu. Seguindo para *Luto e melancolia* (1917/2016), investigamos como esse ideal do Eu na realidade possui caráter de instância, pode ser altamente cruel e tomar o Eu como próprio objeto, bem como situamos a identificação como processo capaz de alterar profundamente o Eu, provocando sua gradação – o que denuncia o fato de não ser mais todo consciente. Tendo em mente os elementos punitivos e sádicos que identificamos ao estudar a neurose obsessiva e também a melancolia, analisamos, com base em *Além do princípio de prazer* (1920/2021), as razões pelas quais o primeiro dualismo pulsional (pulsões sexuais e de autoconservação) se mostrou insuficiente e precisou ser reordenado em pulsões de vida e de morte. Essa última operando como uma força de desligamento, uma tendência psíquica de retorno a um estado de quietude inorgânica.

Dado o anúncio de um Eu inconsciente, dividido e onde habitam forças destrutivas, seguimos para o quarto e último capítulo, no qual examinamos a conceituação do Supereu, sua atuação no psiquismo e manifestação na forma de sentimento de culpa. A partir de *O Eu e o Id* (1923/2019b) e *Conferência 31: a dissecação da personalidade psíquica* (1933/2019), localizamos os motivos elencados por Freud para propor um novo modelo de aparelho psíquico e verificamos no que consistiria. Ainda nesse caminho, situamos as origens do Supereu nas identificações edípicas estabelecidas pelo Eu, bem como examinamos as razões pelas quais se mostra severo e cruel com o Eu. A seguir, avançamos para uma análise da relação entre Eu e Supereu a fim de compreender fenômenos que destacamos ao longo do trabalho: autorrecriações, sonhos punitivos, sentimento de culpa, entre outros. Fizemos isso com base em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2019), que nos permitiu verificar o sadismo-masoquismo que perpassa essa relação. Finalmente, a partir disso pudemos delimitar as origens do sentimento de culpa e suas variadas formas de manifestação: consciente, inconsciente e como reação terapêutica negativa.

Tendo construído esse percurso teórico, adiantamos para o leitor algumas das conclusões a que chegamos. Após termos retomado a teoria acerca da neurose obsessiva, na qual figura autorrecriações e demais sintomas, pudemos verificar que o estudo acerca dessa afecção forneceu a Freud vários elementos que o conduziram à conceituação do Supereu e/ou o renunciaram, bem como o orientaram até conceitos a ele relacionados, dentre eles destacamos: pulsão de morte, sentimento inconsciente de culpa e masoquismo primário e moral. Além disso, identificamos que é fundamental que o psicanalista leve em consideração o fator econômico envolvido nos sintomas apresentados pelo paciente, isto é, que esteja atento à quantidade de prazer e desprazer por eles gerados. Isso porque localizamos que o sentimento

inconsciente de culpa – ancorado no masoquismo moral – faz com que o indivíduo frequentemente prefira o sofrimento à cura, uma vez que retira dele certa quota de prazer masoquista. Assim, na prática clínica é essencial analisar como atua o Supereu, seu nível de sadismo, e avaliar o prazer masoquista que o Eu retira dos castigos impostos pela instância crítica – que faz com que frequentemente os procure ativamente, como observado nas autorrecriações na origem deste trabalho.

2 A NEUROSE OBSESSIVA E O ADVENTO DO COMPLEXO DE ÉDIPO

O objetivo deste capítulo é investigar como Freud compreendia a neurose obsessiva em seus textos pré-psicanalíticos e as alterações que essa concepção sofreu com a proposição do complexo de Édipo. A neurose obsessiva será o ponto norteador deste trabalho, pois a tomaremos como um tipo clínico que exemplifica a atuação do Supereu no psiquismo, revelada nas autorrecriações³ e sentimento de culpa⁴. Escolhemos discutir no mesmo capítulo os textos pré-psicanalíticos e *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2021), uma vez que é nesta obra que a descoberta dos desejos sexuais infantis é tornada pública. Esses desejos são introduzidos em uma nova teoria das neuroses fundada na divisão do aparelho psíquico em sistemas Pré-consciente/Consciente (Pcs/Cs) e Inconsciente (Ics).

Dentre os textos freudianos trabalhados se destacam *As neuropsicoses de defesa* (1894/1986), *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (1896/1986c) e *A Interpretação dos sonhos* (1900/2021). Além disso, sabendo que as inquietações pessoais de Freud e as mudanças teóricas que estava por efetuar eram frequentemente antes compartilhadas e discutidas com seu caro amigo Wilhelm Fliess (1858-1928), iremos nos servir também da vasta correspondência compartilhada entre eles. Muitas dessas cartas eram acompanhadas de rascunhos, alguns dos quais nos auxiliarão em nossa empreitada, pois neles encontramos antecipadas ou mais bem detalhadas algumas das ideias de Freud, auxiliando-nos na compreensão do processo de formalização de certos conceitos. Nesse caminho, contaremos com alguns comentadores da obra freudiana para enriquecer nossa discussão teórica. Para complementar, iremos nos valer de algumas obras de autores do meio psicanalítico que discutem temas tratados neste trabalho, como a neurose obsessiva e o complexo de Édipo.

Primeiramente, neste capítulo, investigaremos qual era a concepção de neurose obsessiva sustentada por Freud à época dos primeiros textos psicanalíticos – quando era considerada uma das “neuropsicoses de defesa” e cuja etiologia se pautava em uma experiência de sedução sexual ativa –, de forma a compreender por que as autorrecriações eram consideradas sintomas típicos dessa afecção. Em um segundo momento, iremos analisar, nos baseando sobretudo na correspondência de Freud a Fliess, como essa teoria da sedução veio a ser abandonada, dando lugar à formulação do complexo de Édipo, isto é, a descoberta do

³ No alemão originalmente *Zwangsvorwürfen*, que foi traduzido de diversas formas para o português: “autorrecriações”, “autocensuras” ou “autoacusações” obsessivas. Neste trabalho, optamos por utilizar o termo “autorrecriações” obsessivas, visto que nele está contida a ideia de um ato criminoso.

⁴ Esse será nosso objeto de investigação sobretudo a partir do segundo capítulo deste trabalho.

importante papel das fantasias edípicas infantis na etiologia das neuroses. Assim, poderemos examinar os efeitos do complexo de Édipo na neurose obsessiva. Para finalizar o capítulo, com base na obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2021), analisaremos a natureza recalçada e inconsciente dos desejos edípicos e como operam na formação de sintomas e sonhos.

2.1 O MECANISMO DE DEFESA NA NEUROSE OBSESSIVA

Diz-se que a psicanálise nasceu da escuta de Freud de suas pacientes histéricas. Isso não é por acaso. No início de sua obra, boa parte de seus esforços estavam concentrados em seus estudos sobre a histeria, nos quais buscava compreender a etiologia e o mecanismo psíquico dessa afecção, para poder propor o método de tratamento mais adequado para seus pacientes (Ribeiro, 2011). Contudo, Freud também tratava pacientes com outras afecções nervosas e verificou que em muitos casos o seu método de tratamento (naquela época conhecido como método catártico) também possuía efeito terapêutico (Freud, 1895/1996a). Era o caso das obsessões, até então integrantes do grupo das psicoses e entendidas como uma forma de degeneração mental (Ribeiro, 2011). Na contramão dessa concepção, os estudos de Freud o levaram a considerar a neurose obsessiva uma afecção independente e criar uma entidade clínica própria. Assim ele o faz no artigo *A hereditariedade e a etiologia das neuroses* (1896/1986b):

Fui obrigado a começar meu trabalho por uma inovação nosográfica. Julguei razoável dispor ao lado da histeria a neurose obsessiva (*Zwangsneurose*), como distúrbio auto-suficiente e independente, embora a maioria das autoridades situe as obsessões entre as síndromes constitutivas da degeneração mental ou as confunda com a neurastenia. Por meu lado, examinando o mecanismo psíquico das obsessões, eu havia aprendido que elas estão mais estreitamente ligadas à histeria do que se poderia supor. (p. 139).

Dois anos antes, Freud já havia descrito essa neurose em *As neuropsicoses de defesa* (1894/1986). Junto com a histeria e alguns casos de confusão alucinatória, a neurose obsessiva foi definida como uma neuropsicose de defesa. Isso quer dizer que nela opera um mecanismo de defesa quando o Eu se confronta com representações moralmente incompatíveis com ele. A noção de defesa surgiu da percepção clínica de Freud de que, ao abandonar a técnica hipnótica, precisava vencer uma resistência para chegar até o material patogênico que estaria na origem da histeria (Freud, 1895/1996a). Em termos teóricos, Freud (1895/1996a) supôs que aquilo que precisava vencer deveria ser uma força contrária às lembranças patogênicas se tornarem conscientes. Essa força deveria ser a mesma que produziu o sintoma. Logo, a resistência com a

qual Freud se deparava na clínica seria a manifestação da atuação de uma força responsável por uma defesa psíquica.

As representações incompatíveis são ideias de “natureza aflitiva, capazes de despertar afetos de vergonha, de autocensura e de dor psíquica, além do sentimento de ser prejudicado” (Freud, 1895/1996a, p. 191). Frente à incompatibilidade, evocaria do Eu uma força de repulsão – aversão –, cujo objetivo é se defender. Isso se manifesta na forma de um esforço consciente do paciente em reprimir a representação conflituosa na tentativa de fazer como se ela nunca tivesse ocorrido. Entretanto, para Freud (1894/1986), o paciente acaba por provocar, sem saber, uma divisão da consciência. Essa perspectiva diferiria radicalmente daquela de outro estudioso da histeria contemporâneo a Freud, Pierre Janet (1859-1947), que, por outro lado, defendia que a divisão da consciência era a condição para o surgimento de uma neurose (Quinodoz, 2004). Nesse momento da teoria freudiana, se há uma divisão da consciência, ela é consequência do acionamento de um mecanismo defesa.

A tentativa de esquecimento da representação incompatível está fadada ao fracasso. Não é possível reprimi-la totalmente, somente enfraquecê-la. De acordo com Freud (1894/1986), toda representação possui ligada a ela um afeto ou soma de excitação. O enfraquecimento consistirá em separar a representação de seu afeto, que em cada neuropsicose terá um destino diferente. Vejamos brevemente como opera o mecanismo de defesa na histeria e na paranoia naquilo que nos auxilia a demarcar a especificidade da neurose obsessiva.

No mecanismo de defesa histérico, a representação incompatível com o Eu é isolada na consciência, isto é, fica sem acesso à cadeia de associação, enquanto seu afeto é transportado para o corpo em um processo chamado conversão (Freud, 1894/1986). Por esse motivo, os principais sintomas da histeria se manifestam no corpo, como dores, paralisias, desmaios, entre outros (Ribeiro, 2011). O mecanismo de defesa na paranoia é muito mais radical, tanto a representação quanto seu afeto correspondente são rejeitados pelo Eu, de tal modo que é como se de fato nunca tivesse existido a representação. Com isso, o Eu se separa parcialmente ou totalmente da realidade (Freud, 1894/1986).

Assim como na histeria, a representação incompatível na neurose obsessiva é isolada na consciência. O afeto, porém, permanece consciente e é deslocado para uma representação compatível (Freud, 1895/1986). Quer dizer, por exemplo, que as autorrecriações que emergem junto à representação se mantêm, mas são deslocadas para uma representação não incompatível, formando-se falsas-ligações de caráter obsessivo e aparentemente sem sentido (Freud, 1894/1986, 1896/1996c). Esse mecanismo de defesa é chamado por Freud de “deslocamento” e faz com que a marca da neurose obsessiva seja o estado afetivo. É por esse

motivo que, apesar de estarem presentes menções às autorrecriações em casos de histeria, é na neurose obsessiva que estão mais presentes, figurando entre seus principais sintomas.

A prática clínica indicava para Freud que as representações incompatíveis produtoras de autorrecriações advinham em geral da vida sexual de seus pacientes (Freud, 1894/1986). Isso significa que os sintomas da neurose obsessiva originalmente se referiam a representações sexuais contra as quais o paciente se defendeu, mas que foram substituídas por outras. Um caso de neurose obsessiva descrito em *As neuropsicoses de defesa* (1894/1986) ilustra bem como opera esse mecanismo.

Uma jovem se recriava obsessivamente. Sempre que lia notícias de crimes nos jornais se questionava se teria sido a responsável por crimes diversos como roubo, falsificação de dinheiro, entre outros. Sentia-se tão culpada que teve sua capacidade crítica alterada e chegou ao ponto de acusar-se para sua família e médico de ser responsável por diversos crimes. Mesmo sabendo que essas acusações eram de cunho obsessivo, isso não diminuía seu sentimento de culpa pelos crimes. Em seu trabalho de investigação clínica, Freud (1894/1986) julgava que o afeto da paciente era verdadeiro, isto é, o sentimento de culpa e as autorrecriações eram reais, apenas deveriam corresponder a alguma outra representação. Ao longo do tratamento, Freud (1894/1986) descobriu que na realidade o sentimento de culpa da moça derivava do seu hábito de masturbação que já durava anos. Mesmo que sua consciência moral indicasse que ela não deveria se masturbar, recriando-se por isso, a paciente não conseguia parar. Segundo Freud (1894/1986), a paciente se recuperou após passar por meses de tratamento.

Veamos que aquilo pelo qual a paciente se culpava e se recriava aparentemente não tinha lógica. Claramente, ela não havia cometido nenhum daqueles crimes. Entretanto, Freud (1894/1986, 1895/1986) defendia que o afeto sentido pelo paciente deveria ser considerado verdadeiro e justificado, sendo função do psicanalista investigar como se estabeleceu a ligação entre esse afeto e essa representação. Dessa maneira, seria possível chegar até a representação original, tornando-a consciente e produzindo alívio terapêutico para o paciente (Garcia-Roza, 2018). Com seu trabalho, Freud pôde descobrir que originalmente a paciente se culpava por uma experiência sexual, nesse caso a masturbação. O mecanismo de deslocamento fez com que a culpa passasse a incidir sobre representações sem cunho sexual, mas se manteve um encadeamento lógico: assim como os crimes, a masturbação era uma prática interdita pela sociedade da época.

Esse caso traz à tona o sentimento de culpa, outro sintoma presente na neurose obsessiva, mas ao qual, nesse momento, Freud não atribuiu muita importância no contexto do quadro obsessivo. Primeiramente, ele se dedicou a estudar a recriação, mas nela já estaria

contida a noção de uma culpa por aquilo pelo que se recrimina. É o que defendem Laplanche e Pontalis (2001) ao afirmarem que “o sentimento de culpa foi descoberto, sobretudo na neurose obsessiva, sob a forma das auto-recriminações, das ideias obsedantes contra as quais o sujeito luta porque elas lhe surgem como repreensíveis” (p. 473).

Conforme avançou em sua clínica e acumulou um maior número de casos, Freud reparou que as representações remontavam cada vez mais a períodos distantes do momento de desencadeamento da doença, chegando até a infância, que passou, então, a ser considerada o período nuclear do surgimento da neurose. Muitos pacientes afirmavam terem sido seduzidos por um adulto durante a infância. A partir desse dado clínico, Freud elaborou o que passou a ser conhecido como a teoria da sedução, detalhada sobretudo no artigo *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (1896/1986c). É também importante ressaltar que além de descoberta clínica, a sedução fornecia uma explicação lógica para a etiologia das neuroses e sua estruturação. Freud considerava existir em todos uma tendência normal à defesa, isto é, a evitar experiências desprazerosas. Era preciso, portanto, descobrir por que somente alguns indivíduos se tornavam neuróticos (Mezan, 2013).

Freud (1896/1986c) propôs que, para que emergisse uma neurose, era preciso que o indivíduo tivesse vivenciado antes da puberdade, quando ainda não havia maturidade sexual, um trauma sexual: a sedução por um adulto. De acordo com Garcia-Roza (2018), essa proposta trazia consigo um problema: até então, Freud não considerava existir uma sexualidade infantil. Portanto, não teria como a criança ter vivenciado uma experiência de natureza sexual. Por essa razão, Freud (1896/1986c) dividiu o trauma em dois momentos. Primeiro, a criança sofreria a sedução sexual sem que ela se desse conta da natureza sexual do ocorrido. Posteriormente, na puberdade, quando a sexualidade já estivesse presente, uma situação (não obrigatoriamente de natureza sexual) evocaria, por meio de uma associação, a cena de sedução (Garcia-Roza, 2018). Essa lembrança da sedução é acompanhada de desprazer e torna-se patogênica. Logo, aquilo que provocaria a neurose não seria a experiência traumática de sedução, mas a sua lembrança desprazerosa em um momento posterior.

Na histeria e na neurose obsessiva, a cena traumática foi experienciada de formas diferentes. Enquanto na histeria os traumas teriam sido vividos passivamente e acompanhados de medo e desprazer, o indivíduo, na neurose obsessiva, teria vivido de forma prazerosa e ativa a experiência de sedução, tendo cometido atos de agressão ou participado de atos sexuais (Freud, 1896/1986c). Mesmo assim, Freud (1896/1986a, 1896/1986c) destacou que em todos os casos de neurose obsessiva haveria uma dose de passividade anterior à experiência de prazer,

teria ocorrido uma sedução muito precocemente que não impediu a posterior emergência de prazer.

A inclusão de uma cena traumática na etiologia das neuroses altera a explicação sobre os sintomas obsessivos. Apesar de serem muito comuns, até então as autorrecriações eram um dos possíveis sintomas na neurose obsessiva. A partir da teoria da sedução, o sintoma, sendo ou não manifesto como uma autorrecriação, sempre é reduzível a uma autorrecriação relativa a um ato sexual praticado com prazer na infância (Freud, 1896/1986c). Ela não é perceptível à primeira vista, pois foram “distorcidas por um trabalho psíquico inconsciente de transformação e substituição” (Freud, 1896/1986b, p. 147).

Para explicar essa nova concepção, Freud (1896/1986c) descreve detalhadamente como seria formada a neurose obsessiva. Antes de tudo, seria preciso que a criança fosse seduzida, o que permitiria que o recalque⁵ sobreviesse posteriormente, motivado pela moralidade e pela repulsa à sexualidade (Freud, 1896/1996a). A sedução seria seguida pela prática de atos sexuais prazerosos, característica da neurose obsessiva, que se manifestará posteriormente na forma de autorrecriações. Esse período de “imoralidade infantil” termina com a maturação sexual, ocasião em que os atos prazerosos se ligam a uma autorrecriação e são recalçados e substituídos pelo que Freud (1896/1986c) nomeia de sintomas primários de defesa, como a conscienciosidade⁶, a vergonha ou a autodesconfiança. Esses sintomas sinalizam o início de um período de aparente saúde, sucedido por uma falha na defesa que conduz à emergência da neurose.

Esse é o momento do retorno do recalçado em que as lembranças recalçadas e as autorrecriações correspondentes retornam para a consciência na forma de ideias obsessivas (Freud, 1896/1986c). Primeiramente, a autorrecriação retorna se manifestando como um sentimento de culpa sem conteúdo. Em seguida, liga-se a um conteúdo distorcido pelo trabalho psíquico de deslocamento cronológico e substituição por analogia, fruto da ação recalçadora do Eu (1896/1986c, 1896/1996c). Algo do presente ocupa o lugar de algo do passado, e o conteúdo é substituído por outro análogo, mas sem referência à sexualidade. Por essa razão, Freud (1896/1986c) considera que as ideias obsessivas são formações de compromisso entre as representações recalçadas e as forças recalçadoras. O método psicanalítico permitiria descobrir

⁵ A partir de 1896, além de “defesa”, Freud passa a empregar o termo “recalque”. Nesse momento, “defesa” é um conceito genérico que indica uma tendência geral do psiquismo, podendo ser patológica ou normal. Já “recalque” é o destino das representações isoladas da consciência que formam um grupo psíquico a parte, estando presente tanto na histeria quanto na neurose obsessiva (Laplanche & Pontalis, 2001).

⁶ Também traduzido por “escrupulosidade”. Ambos descrevem um traço de personalidade de ser cuidadoso ou diligente.

que há um fio lógico que permanece entre a lembrança recalçada e a obsessão mesmo após as substituições.

Quanto ao afeto, a autorrecriação pode se transformar em qualquer outro que seja igualmente desprazeroso. Por exemplo, pode se tornar vergonha, pois alguém poderia descobrir os atos sexuais; angústia hipocondríaca, em razão do medo dos danos produzidos pelos seus atos; angústia social, uma vez que poderia ser descoberto e punido; angústia religiosa; delírios de ser observado, pois correria risco de ser descoberto; medo da tentação, já que sabe que não tem forte poder de resistência (Freud, 1896/1986c). Portanto, apesar da autorrecriação ser o único afeto correto a ser desperto, vários poderiam emergir em seu lugar.

O momento do retorno do recalçado, quando são formados os sintomas propriamente ditos, é também um período de luta entre o Eu e as lembranças recalçadas, no qual o Eu se ajusta, é subjugado, se recupera de uma alteração. Pode ser que o Eu não seja capaz de resistir a essa subjugação imposta pelas ideias obsessivas e produza, por exemplo, uma melancolia temporária (Freud, 1896/1996c). Contudo, se o Eu conseguir conduzir sua defesa, nesse embate entre Eu e ideias obsessivas podem ser produzidos sintomas de defesa secundária que operam como medidas protetoras. Ao tentar defender-se das lembranças obsessivas, pode ser que o indivíduo tente controlá-las pelo pensamento, recorrendo às suas lembranças, às representações obsessivas que surgem na consciência, de tal forma que emergem sintomas secundários como o pensamento obsessivo, a compulsão a testar coisas, a mania de duvidar (*folie du doute*). Já se a defesa for contra os afetos obsessivos, algumas medidas protetivas são: medidas penitenciais (caracterizadas por cerimoniais opressivos e contagens), medidas de precaução (fobias, superstições, aumento da conscienciosidade), medo de se delatar (se isolar) e medidas para entorpecer a mente (compulsão por bebidas alcóolicas) (Freud, 1896/1986c, 1896/1996c). Todas essas medidas podem fazer o indivíduo chegar a um ponto em que sua vida é restringida quase que por completo.

Observamos, portanto, que, na neurose obsessiva, há uma manifestação patológica de um estado afetivo normal, a autorrecriação, que nesse caso emergiu quando houve uma experiência sexual precoce (Freud, 1896/1996c). As autorrecriações são transformadas e manifestas nos sintomas obsessivos, que agem de forma a subjugar o Eu, causar-lhe dano. Na tentativa de se defender, o Eu pode também produzir medidas protetivas, que podem chegar a ter como objetivo a punição do próprio indivíduo (Freud, 1896/1986c). A natureza obsessiva dessas ideias não está relacionada com a crença ou não do sujeito nelas, até porque o indivíduo obsessivo não acredita em suas representações obsessivas. O Eu consciente vê a ideia obsessiva como estranha a si, não acredita nela justamente por causa do sintoma primário de

conscienciosidade com nuances obsessivas que o protege, fazendo com que ele acredite ter vivido uma vida moralmente correta (Freud, 1896/1986c, 1896/1996c). Nesse sentido, Roudinesco e Plon (1998) sublinham que “é o próprio sujeito que é internamente torturado por uma força diabólica, embora permaneça lúcido quanto a seu estado” (p. 539).

Na realidade, o caráter obsessivo de uma ideia advém da impossibilidade em desfazê-la pela atividade psíquica consciente, resultado de sua relação com as lembranças infantis recalçadas. A proposta de tratamento da psicanálise nesse momento é justamente descobrir e tornar consciente a ligação da ideia obsessiva com a cena infantil, “resolvendo” o sintoma obsessivo (1896/1986c). Para isso, o médico precisa considerar o afeto do paciente como verdadeiro e descobrir as transformações sofridas pelas autorrecriações.

2.2 A FORMULAÇÃO DO ÉDIPO E OS SINTOMAS OBSESSIVOS

A teoria da sedução foi aos poucos se revelando inadequada para a compreensão da etiologia das neuroses. Os impasse clínicos com os quais Freud se deparou, bem como as descobertas proporcionadas por sua autoanálise, progressivamente lhe deram indícios de que os sintomas neuróticos não dependiam exclusivamente da ocorrência de um evento traumático real, a sedução, mas sim que as fantasias edípicas infantis possuíam papel determinante na estruturação das neuroses (Garcia-Roza, 2018). A descoberta de que a criança possui desejos sexuais, sobretudo incestuosos e parricidas, conduziu Freud ao abandono de uma teoria ancorada principalmente na realidade material. A realidade psíquica passou a ser considerada tão ou mais importante que a material (Costa, 2010; Monzani, 2014). Esse momento de descoberta da fantasia é classicamente apontado na bibliografia psicanalítica como o início da psicanálise propriamente dita (Laplanche & Pontalis, 2001; Roudinesco & Plon, 1998). Analisemos como transcorreu essa passagem e as consequências da descoberta dos desejos edípicos para a teoria das neuroses e em especial, para a neurose obsessiva.

Verificamos que a teoria da sedução partia do pressuposto de que a neurose era resultado de uma sedução, por um adulto, de uma criança em sua mais tenra infância. Na neurose obsessiva em particular, a sedução era seguida de atos sexuais infantis prazerosos, posteriormente fonte de autorrecriações, manifestas de forma transformada nos sintomas obsessivos (Freud, 1896/1986c). Contudo, há um fato da maior importância, um indício da inadequação da teoria da sedução e da necessidade da fantasia, que Freud omitiu na descrição de seus casos clínicos e admitiu somente posteriormente. Quem frequentemente era apontado como culpado pela sedução era o pai. Só que a inserção do pai na etiologia das neuroses trazia

consigo uma série de implicações. Por exemplo, se fosse verdade que, na equação da sedução, o pai era o sedutor que tinha desejos incestuosos, Freud era levado a considerar que talvez seu próprio pai, Jakob, tivesse-o seduzido. Além disso, o próprio Freud, também pai, seria um sedutor em potencial (Mezan, 1986). Ao invés de ter sido tornado público de imediato, esse dado clínico instigou Freud a aprofundar suas investigações teórico-clínicas.

Apesar das complicadas consequências de se considerar o pai o sedutor, Freud, inicialmente, desejava confirmar essa hipótese. Em suas correspondências ao amigo Wilhelm Fliess, ele confessou que esse desejo era tamanho que se manifestou em um de seus sonhos (Freud, 1897/1996a). Nesse sonho, sua filha mais velha Mathilde se chamava “Hella” (nome de uma sobrinha americana), e por ela nutria sentimentos “supercarinhosos”. Esses sentimentos seriam reveladores de um desejo seu por sua filha, fazendo dele um sedutor e confirmando a hipótese do pai sedutor. Perspicaz, Freud (1897/1996a) percebeu que não se tratava disso, mas sim de seu desejo de que sua hipótese fosse verdadeira, pois assim encontraria um adulto a quem responsabilizar pela sedução e, portanto, pela neurose. Em compensação, anunciava-se a Freud a percepção de que a criança e seus impulsos desempenhariam importante papel na causação das neuroses. Além disso, ao considerar o desejo pela filha um problema, e não necessariamente o ato, Freud dava indícios de que sua teoria deveria ser alterada (Anzieu, 1989).

No *Rascunho N* (1897/1996e), anexo a essa carta, Freud defendeu que fazem parte das neuroses impulsos hostis que as crianças têm contra os pais, como o desejo de suas mortes. Esses impulsos são manifestos de forma consciente como ideias obsessivas; na paranoia, na forma de delírios de perseguição, em que há uma desconfiança patológica nas autoridades. Eles são dirigidos a figuras diferentes na menina e no menino: a primeira deseja a morte da mãe; o segundo, do pai. Além disso, o desejo de morte do genitor do mesmo sexo estaria relacionado ao desejo de estar com aquele do sexo oposto. Esses desejos continuariam atuantes na vida adulta, porém dirigidos a figuras análogas às do pai e da mãe. É o que indica o caso de Lisl (Freud, 1897/1996e), governanta dos filhos de Freud, que desejava que sua patroa – Martha, esposa de Freud – morresse para que pudesse se casar com o patrão, Freud.

A descoberta dos impulsos hostis e incestuosos e do seu importante papel nas neuroses foi acompanhada da percepção, por Freud, da presença deles em si mesmo. Isso o conduziu a uma grave depressão e ao início de sua autoanálise, que culminaram com o abandono da teoria da sedução, revelado na conhecida frase “não acredito mais em minha neurótica” (Freud, 1897/1996b; Roudinesco & Plon, 1998). Em sua carta 69, Freud (1897/1996b) elencou para Fliess as razões que o levaram a questionar a existência de uma cena traumática de sedução.

No âmbito da prática clínica, ao fundamentar seus tratamentos na teoria da sedução, muitos deles eram interrompidos pelos pacientes, o que indicava que algo sobre as neuroses ainda não havia sido compreendido (Freud, 1897/1996b; Garcia-Roza, 2018). Além disso, se a teoria da sedução fosse verdadeira, seu pai não estaria isento de ser considerado perverso. Haveria, sobretudo, um impasse lógico: a perversão teria que ser muito mais comum que a histeria, o que não era verdade. E o mais importante, Freud (1897/1996b) descobriu que não há índice de realidade no inconsciente, não havendo diferença entre verdade (realidade material) e ficção (fantasia). É essa descoberta que altera profundamente sua teoria sobre as neuroses, pois implicou o abandono de uma teoria ancorada na concretude da realidade, nos fatores externos (Mezan, 1986; Monzani, 2014). Grande parte das cenas de sedução não tinha ocorrido, eram fantasias dos pacientes, porém produziam efeitos psíquicos assim como uma cena real (Garcia-Roza, 2018).

Junto com a descoberta da fantasia, vários indícios provenientes da autoanálise de Freud continuavam a apontar para a existência de impulsos infantis incestuosos e parricidas. Em sua próxima carta a Fliess, Freud (1897/1996c) admitiu ter tido sua libido “despertada para a *matrem*” (p. 312) quando possivelmente a viu nua em uma viagem, assim como também contou ter tido ciúmes e desejos hostis pelo seu irmão mais novo Julius. Ocorre que o irmãozinho morreu seis meses após o nascimento. O desejo de Freud se realizou, mas, de acordo com ele, deixou sementes para o desenvolvimento de autorrecriminações (1897/1996c).

No *Rascunho N* (1897/1996e), Freud já havia considerado impulsos infantis hostis e incestuosos como elemento integrante das neuroses. No entanto, foi em sua carta 71 (1897/1996d) a Fliess que verdadeiramente os detalhou, fazendo uma primeira descrição do que posteriormente foi concebido como complexo de Édipo⁷. Freud reconheceu em si mesmo o amor pela mãe e o ciúme do pai e considerou essa uma experiência universal da qual ninguém escapa. Essa descoberta de 1897 foi tornada pública em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2021).

Segundo Freud (1897/1996d, 1900/2021), essa dinâmica afetiva se encontra condensada no mito de Édipo, também personagem principal da obra *Édipo-Rei*, tragédia

⁷ Conforme indica Garcia-Roza (2018), o termo “complexo” aparecerá pela primeira vez somente em *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (contribuições à psicologia do amor I)* (1910/2017b). Nesta dissertação tomaremos como referência o complexo de Édipo masculino e positivo, pois tratar das diferenças dessa vivência em cada sexo nos conduziria a um caminho que nos desviaria de nosso objetivo. Tais diferenças foram desenvolvidas somente tardiamente, inicialmente Freud assumia que o Édipo na menina e no menino eram correlatos. A menina amaria o pai e o menino, a mãe. No entanto, quando em 1923 introduziu a fase fálica da sexualidade infantil em *A organização genital infantil* (1923/2019a), ele diferenciou o Édipo em cada um dos sexos (Costa, 2010).

escrita por Sófocles (496 a.C. – 406 a. C.). Édipo era filho de Laio e Jocasta, rei e rainha de Tebas. Quando pequeno, Édipo foi entregue por Laio a um pastor para que este o matasse. Laio soubera pelo oráculo que ele seria assassinado pelo filho e quis evitar a tragédia. O pastor, contudo, não cumpriu a ordem de Laio e deu Édipo para o rei e rainha de Corinto, que fizeram dele seu filho. Essa maldição incidira sobre Laio por causa de seus desejos homossexuais. Quando cresceu, Édipo ouvia que não era filho legítimo de seus pais e, ao procurar o oráculo, esse revelou que ele mataria seu pai e se casaria com sua mãe. Assustado e buscando evitar a tragédia, Édipo parte de Corinto, mas em seu caminho cruza com um homem, com o qual briga e termina por matar. Sem saber, Édipo havia matado seu pai Laio. Nessa época, a Esfinge aterrorizava Tebas ao matar todos aqueles que não decifravam seu enigma. Édipo foi o único que conseguiu adivinhar a resposta do enigma. Diante disso, a Esfinge se mata, e o regente de Tebas oferece sua irmã, Jocasta, para ser sua esposa. Édipo se casa com Jocasta sem saber que essa é sua mãe e com ela tem quatro filhos. Tempos depois, uma peste e a fome devastam Tebas, e o oráculo revela que os males cessarão quando o assassino de Laio for expulso do reino. Quando descobre a verdade, Édipo fura os próprios olhos e vai embora, ao passo que Jocasta, por sua vez, se enforca.

O mito grego representa uma compulsão de todos. Antes mesmo de nascermos, já fomos amaldiçoados pelo oráculo (Freud, 1897/1996d, 1900/2021). Para Freud, nunca nenhuma outra tragédia conseguiu produzir tanto horror quanto Édipo porque ela mostra realizada a fantasia produzida por nossos desejos infantis de casar-se com a mãe e matar o pai. Cada um de nós um dia foi um pequeno Édipo em fantasia. Aquilo que nos diferencia do personagem é que ele realizou aquilo que em nós foi fantasiado e recalcado. Por essa razão, não reconhecemos em nós esses desejos moralmente reprováveis, não sabemos nada de sua existência, e ao descobrir provavelmente iremos preferir fechar os olhos para nossa infância (Freud, 1900/2021). No caso de Édipo, ao descobrir sua realização inconsciente, além de ficar horrorizado, puniu-se furando os próprios olhos e indo embora de sua pátria.

Não é preciso que os desejos tenham sido de fato realizados para que produzam efeitos. Como não há diferença, no inconsciente, entre realidade e ficção, o simples fato de desejar produz efeitos psíquicos. É o que Freud (1897/1996d, 1900/2021) verificou ao fazer uma análise do personagem *Hamlet*, da obra homônima do célebre autor inglês Shakespeare (1564-1616). A trama dessa obra gira em torno da hesitação do personagem principal em vingar o pai morto assassinando seu tio, responsável pela morte do pai. Curiosamente, Hamlet é alguém inequivocamente cruel, mas hesita quando diz respeito a matar seu tio. Para Freud (1897/1996d, 1900/2021), a hesitação e inoperância de Hamlet resultam do fato de que ele também desejou

assassinar o pai, como fez seu tio, porque desejava a mãe. Aquilo que o impede de matar o tio é sua consciência moral, que na verdade é manifestação de seu sentimento de culpa inconsciente por ter tido desejos parricidas e incestuosos (Freud, 1897/1996d). Assim como os neuróticos obsessivos, Hamlet é tomado por autorrecriações. Escrúpulos de consciência o acusam de ser tão pecador como o tio (Freud, 1900/2021).

Os enredos das duas histórias estão separados por séculos de distância, o que implica em um diferente processamento do material. Em *Hamlet*, vê-se o crescente papel do recalçamento “na vida afetiva da humanidade” (Freud, 1900/2021, p. 306). Diferentemente de Édipo, que sofre somente quando descobre a realização dos desejos, Hamlet sofre os tormentos produzidos por esses desejos apenas fantasiados, a respeito dos quais nada sabe. Em *Hamlet*, a existência dos desejos edípicos é localizada pela inibição que provocam (Delorenzo, 2007). Nesse sentido Anzieu (1989) afirma que:

[...] Hamlet é o exemplo do homem trabalhado por este complexo [de Édipo], habitado por um desejo inconsciente de culpa devido a estes dois desejos, paralisado por ele em suas ações, seus sentimentos, sua vida. “A consciência moral nos torna covardes”, diz ele. (p. 152).

Assim como em *Hamlet*, os desejos edípicos recalçados desempenham importante papel na vida psíquica de todos. De acordo com Freud (1900/2021), os pais ocupam lugar central na vida psíquica das crianças. A paixão por um e ódio pelo outro constituem o “acervo imutável do material de impulsos psíquicos formado naquela época [infância] e tão significativo para a sintomatologia da neurose posterior” (p. 301). Universais, esses desejos estão presentes tanto nos indivíduos “normais” quanto nos neuróticos. A diferença é apenas que nesses últimos se manifestariam mais intensamente e nitidamente de tal forma que se tornariam mais visíveis.

Na neurose obsessiva em particular, o desejo de matar o pai para estar com a mãe é o elemento central em torno do qual se organizam os sintomas obsessivos. Isso já havia sido insinuado por Freud em seu *Rascunho N* (1897/1996e), ao afirmar que os desejos hostis se manifestam na consciência na forma de ideias obsessivas, e em sua *Carta 70* (1897/1996c), ao afirmar que seus desejos hostis por seu irmão levaram ao desenvolvimento de autorrecriações. Além disso, ainda que se trate de um personagem fictício, Freud, ao analisar Hamlet, indicou haver uma relação entre autorrecriações, consciência moral, sentimento de culpa e o desejo de matar o pai. Em *A Interpretação dos sonhos* (1900/2021), são apresentados alguns casos de neurose obsessiva atendidos por Freud, em que a relação entre desejos parricidas e obsessão é reforçada.

Em um desses casos, Freud (1900/2021) pôde estudar profundamente a vida psíquica inconsciente do paciente. Tratava-se de um “homem bastante moral e cultivado” (p. 301), que, no entanto, tinha sua vida extremamente dificultada pelo seu medo de sair na rua e matar todos que encontrasse. Se saísse na rua, precisava saber o destino de cada uma das pessoas com as quais cruzou e, se alguém sumisse repentinamente, pensava que poderia tê-lo matado (Freud, 1900/2021). Estava sempre planejando álibis se porventura fosse acusado de um dos assassinatos na cidade. Ao longo do tratamento psicanalítico, descobriu-se que sua obsessão remontava a impulsos de matar o pai, um homem demasiadamente severo, tendo chegado ao ponto de desejar jogá-lo em um precipício. O paciente relatou que aos sete anos teve conscientemente esses impulsos, mas para Freud eles se teriam originado muito antes, na primeira infância. Curiosamente, a fobia de sair na rua surgiu quando o paciente tinha 31 anos, justamente após o pai ter morrido em decorrência de uma dolorosa doença e era a projeção, em estranhos, de um “remorso⁸ obsessivo” pela morte do pai (Freud, 1900/2021, p. 273).

Apesar desse caso ser apresentado em 1900, esse rapaz foi atendido por Freud anos antes, na época em que estava às voltas com os impulsos infantis. Para Anzieu (1989), junto com a autoanálise de Freud, esse paciente foi determinante no processo de descoberta dos desejos de morte contra os pais. Esse caso marca a importância do estudo e tratamento da neurose obsessiva para o descobrimento do Édipo e nascimento da psicanálise. Enquanto as mulheres histéricas possibilitaram a Freud descobrir o sentido dos sonhos, um jovem obsessivo é que o levou até o Édipo (Anzieu, 1989). Foi a partir da abordagem revolucionária de Freud sobre a histeria que se construiu a psicanálise, mas ela só foi de fato fundada quando essa abordagem o permitiu compreender a neurose obsessiva e seus sintomas (Anzieu, 1989).

Em outro caso, ao interpretar o sonho de um neurótico obsessivo, Freud (1900/2021) novamente encontrou oculto o desejo infantil de morte do pai para estar com a mãe. No sonho, o rapaz leva uma bronca do pai porque chegou em casa muito tarde. As associações do paciente ao longo do tratamento psicanalítico revelaram que na verdade era ele mesmo quem estava com raiva do pai porque este voltou para casa mais cedo do que esperava, de certa forma o impedindo de ficar mais tempo a sós com a mãe. Ele não queria que o pai voltasse, o que equivaleu a desejar a sua morte, pois para a criança a morte significa somente ausência, nunca mais incomodá-la, não mais incomodar aqueles que ficam. Em sua infância, quando o pai estava

⁸ “Remorso” é uma palavra de origem latina, originando-se de *remorsus* que significa “morder”. Assim, é interessante sublinhar que o termo traz consigo a ideia de se ferir, se dilacerar, se torturar, se atormentar, por ter agido mal. Na *Standard Edition* das obras completas de Freud “remorso” foi traduzido por “autorrecriinação”.

ausente, havia agredido sexualmente uma pessoa, sendo castigado com a seguinte ameaça: “espere só até o seu pai voltar!” (Freud, 1900/2021, p. 370).

Se for olhada de forma realista a relação entre pai e filho, ver-se-á que há uma profunda inimizade cultivada nessa relação. Na história, em mitos e lendas está representada a ideia de um pai com poder ilimitado que o utiliza brutalmente (Freud, 1900/2021). Por exemplo, Cronos, que devora os filhos, ou Zeus, que castra o próprio pai e passa a ser o senhor. Antigamente, nas famílias, se o pai tivesse poder irrestrito, caberia ao filho se colocar como seu inimigo e esperar impacientemente a morte do pai para chegar ao poder. Isso se repetia nas famílias burguesas da época de Freud. Ao barrar ao filho o desenvolvimento de sua autodeterminação, o pai impulsiona ainda mais o surgimento da inimizade que já é típica dessas relações. Freud (1900/2021) destaca que tal inimizade é perceptível na clínica quando a dor do luto pela morte do pai não consegue esconder a satisfação do filho, finalmente livre. No entanto, nem sempre o que se manifesta frente à morte do pai é a satisfação, pelo menos não à primeira vista. No caso de obsessão mencionado logo acima, quando a tão desejada morte do pai se realizou, ao invés de se sentir livre, o rapaz passou a se sentir um criminoso, eclodindo a neurose obsessiva.

Freud também teve que lidar com os sentimentos que surgiram quando seu pai morreu. Esse episódio teve grande impacto em sua vida e no desenvolvimento da psicanálise. Em *A interpretação dos sonhos* (1900/2021), relatou que a escrita da obra foi uma reação à morte de seu pai, considerada por ele o acontecimento mais marcante na vida de um homem. A reação a essa morte foi tema do sonho “Pede-se para fechar os olhos”, revelado primeiramente a Fliess em 1896 na carta 50 (1896/1996b) e posteriormente descrito, com alterações, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2021). Ele aconteceu na noite anterior ou posterior ao funeral do pai, a depender da versão que se toma como referência. Em 1896 (1996b), Freud relata:

[...] Preciso contar-lhe um sonho interessante que tive na noite após os funerais. Eu me encontrava num local público e li um aviso que havia lá: Pede-se que você feche os olhos. Imediatamente reconheci o local como sendo o salão de barbearia a que vou diariamente. No dia do sepultamento, tive de me demorar ali, esperando minha vez, e por isso cheguei à casa funerária um tanto atrasado. Na ocasião, meus familiares estavam aborrecidos comigo porque eu providenciara para que o funeral fosse modesto e simples, com o que depois concordaram, achando isso bastante acertado. Também interpretaram um pouco mal o meu atraso. A frase no quadro de avisos tem um duplo sentido, e em ambos os sentidos significa: “deve-se cumprir a obrigação para com os mortos”. (Uma desculpa, como se eu não a tivesse cumprido e como se minha conduta precisasse ser tolerada, e a obrigação, assumida literalmente.) Assim, o sonho é uma saída para a tendência à autocensura, que costuma estar presente entre os sobreviventes. (pp. 280-281).

Em 1900 (2021), ele acrescenta novos detalhes ao mesmo sonho:

Na noite anterior ao enterro do meu pai, sonho com uma placa, um cartaz ou aviso impresso – como os de “Proibido fumar” nas salas de espera das estações de trem – que diz:

Solicita-se que fechem os olhos

ou

Solicita-se que fechem um olho,
o que costume representar da seguinte forma:

Solicita-se que fechem os/um olho(s). (p. 333).

Notemos que houve uma mudança do cenário onde se passa o sonho: não se tratava mais de uma barbearia, e sim de uma sala em uma estação de trem. No entanto, a mensagem é a mesma. Em alemão, “fechar os olhos” tem apenas o sentido literal do ato físico, que indica a obrigação que se deve ter para com os mortos. Não carrega consigo, como no português, inglês e francês o sentido figurativo de indulgência, perdão, tolerância (Anzieu, 1989). Por essa razão, em alemão, a frase precisa comportar “os olhos” e “um olho” ao mesmo tempo. Freud sente que não cumpriu todo o seu dever com o pai, no sonho representado na forma do atraso e da simplicidade no funeral, pedindo que seja perdoado. De acordo com Anzieu (1989), o sonho poderia ser um pedido de indulgência (perdão) do pai para o desejos – parricidas e incestuosos – de Freud. Curiosamente, ele usa a mesma expressão “fechar os olhos” em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2021) ao falar da reação que se tem ao descobrir os desejos edípicos que habitam em nós.

Segundo Anzieu (1989), a morte do pai de Freud e esse sonho foram uma etapa necessária para a formulação do complexo de Édipo. A dimensão parricida do Édipo foi renunciada nesse sonho, sendo sugerida sua relação com a culpa, noção posteriormente desenvolvida. Só a partir do momento em que Freud viveu a dor do luto que pôde perceber em si o surgimento da culpa em relação ao seu pai, a qual havia permanecido escondida desde sua tenra infância (Anzieu, 1989). Evidentemente, a culpa estava disfarçada no sonho: não era por ter desejado matar o pai, mas por não ter cumprido os deveres para com ele. Nessa esteira, Mezan (1986) inclusive sublinha que a universalização dos desejos edípicos pode ter desempenhado uma função na vida pessoal de Freud: diminuir a culpa por seus desejos parricidas e incestuosos.

2.3 OS DESEJOS EDÍPICOS NA PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA

Apesar da universalidade dos desejos edípicos, o indivíduo não percebe em si a sua existência. Eles nos governam sem sabermos, como um destino. Hamlet não sabia de seus desejos, e muito menos os pacientes atendidos por Freud, que os descobririam somente após o tratamento psicanalítico. Esse crime imaginário, jamais cometido, não deixa rastros na memória consciente, mas mesmo assim deixa efeitos para sempre (Garcia-Roza, 2008a). Isso porque esses desejos são recalcados e pertencentes ao sistema Inconsciente, segundo Freud explica em *A Interpretação dos sonhos* (1900/2021). Nessa obra, ele inseriu os desejos edípicos em sua concepção de aparelho psíquico e delineou como operam na formação de sintomas e sonhos.

Como visto no início deste capítulo, nos seus textos pré-psicanalíticos, Freud (1894/1986) considerava que a divisão da consciência era resultado do esforço do indivíduo em esquecer uma representação incompatível, uma consequência do acionamento de um mecanismo de defesa. Quer dizer, antes da doença, a consciência seria una, e somente naqueles que padeciam de alguma afecção ela se dividiria. Isso então se alterou, e a divisão da consciência deixou de ser exclusividade dos neuróticos, passando a ser entendida como comum a todos, uma característica própria do aparelho psíquico. A elaboração de um modelo de aparelho psíquico foi uma exigência dos estudos sobre os sonhos conduzidos por Freud em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2021) e contribuiu para o avanço de sua teoria sobre as neuroses.

Os sonhos se mostraram um ótimo meio de investigação do psiquismo porque são muito mais simples do que os sintomas, além de serem um fenômeno comum a todos, o que permitiu a Freud aplicar suas conclusões tanto para a psicologia “normal” quanto para a psicopatologia (Mezan, 2013). Por causa disso, Freud tentou não fundamentar suas hipóteses nos sonhos de seus pacientes neuróticos, expondo e interpretando sobretudo seu próprio material onírico (Mezan, 2013). Os sonhos são um fenômeno que articula os registros “normal” e patológico, possibilitando com que a linha entre normal e patológico ficasse cada vez menos perceptível (Garcia-Roza, 2018). A diferença entre esses registros é apenas de grau, e não de natureza. Nas “doenças” psíquicas, o aparelho psíquico não é destruído, ocorrem alterações dinâmicas, o jogo de forças que opera no aparelho sofre de fortalecimentos e enfraquecimentos (Freud, 1900/2021).

Para Freud (1900/2021), desejos são responsáveis por induzir à formação dos sonhos, por meio deles sendo capazes de realizar-se. Ele identificou três tipos de desejos. Primeiro, aqueles que emergiram durante o dia, mas que por alguma razão não foram satisfeitos. Esses

são desejos pertencentes ao sistema Pcs/Cs. Segundo, aqueles que também emergiram durante o dia (Pcs), mas que foram recalçados e lançados ao sistema Ics. Terceiro, os desejos exclusivamente inconscientes. Além disso, há os desejos noturnos, como, por exemplo, a sede ou outras necessidades fisiológicas. Contudo, os desejos Pcs/Cs somente induzem um sonho na medida em que despertam um desejo Ics semelhante que o reforça. Isto é, apenas desejos Ics são realmente capazes de produzir um sonho. Em última instância, são eles que verdadeiramente se realizam.

Para compreendermos a atuação dos desejos na formação dos sonhos, vejamos então no que consistem esses sistemas psíquicos. Freud (1900/2021) dividiu o aparelho psíquico em sistemas Pré-consciente/Consciente (Pcs/Cs) e Inconsciente (Ics). Essa divisão é conhecida como a primeira tópica freudiana. É importante sublinhar que o termo inconsciente já era empregado por Freud antes dessa tópica, mas como adjetivo que indicava que algo não estava no campo da consciência. A partir de então, “inconsciente” passou a indicar um sistema do aparelho psíquico. Houve uma passagem de um sentido descritivo para outro sistemático (Garcia-Roza, 2018).

Em um primeiro momento, pode-se ter a impressão de que os sistemas correspondem a lugares anatômicos. Porém, são uma espécie de lugar psíquico ou metafórico (Freud, 1900/2021; Garcia-Roza, 2018). O que é mais relevante é a posição ocupada por cada um dos sistemas e a relação que mantêm com os demais, de modo a permitir a passagem de um fluxo de energia orientado por um sentido progressivo-regressivo (Freud, 1900/2021). Por causa de sua posição no aparelho psíquico, o sistema Ics só alcança a consciência se antes passar pelo sistema Pcs/Cs, em que terá que se adequar às suas exigências, sendo distorcido por uma instância censória⁹, que atua nessa passagem. Para tentar burlar essa censura, os desejos Ics se utilizam de restos diurnos e desejos Pcs para chegarem até a consciência. O caráter alucinatório do sonho se deve ao fato de que nele a excitação toma um sentido regressivo, isto é, parte da extremidade motora do aparelho psíquico até a sensória em razão da atração exercida por experiências infantis (Freud, 1900/2021). Em contrapartida, na vigília o sentido do aparelho psíquico é, em geral, progressivo.

A partir de sua análise dos sonhos de morte de pessoas queridas, uma classe de sonho típico, Freud pode identificar com clareza alguns dos desejos pertencentes ao Ics. Nesses sonhos, o indivíduo sente muita dor ao viver a morte de alguém próximo, porém, apesar da dor,

⁹ A respeito do emprego do termo “instância”, Garcia-Roza (2018) indica que ele tem sentido jurídico, enquanto “sistema” tem sentido tópico. Não são sinônimos, Freud o utiliza principalmente para falar da censura, uma atividade do aparelho psíquico.

o que realmente seria expresso seria o desejo do sonhador de que a pessoa em questão morra. De acordo com Freud (1900/2021), o sonhador, em algum momento, desejou essa morte, e tal desejo encontrou lugar para se manifestar no sonho. São desejos infantis, normalmente direcionados para o pai, a mãe ou irmãos. Já na primeira infância, seriam despertados os desejos sexuais da criança, em estado germinante, segundo Freud (1900/2021). Enquanto o pai seria o objeto dos primeiros desejos sexuais infantis da menina, a mãe seria objeto do filho. A consequência disso é que a mãe se torna rival da filha, e o pai do filho, o que facilmente se transforma em desejo de morte. Essa dinâmica está condensada no mito de Édipo, representante do modelo de relação com os pais. Quer dizer, os desejos pertencentes ao Ics, responsáveis por induzir ao sonho e que nele se realizam, são desejos edípicos. No caso do menino, amor à mãe e ódio ao pai.

Só que nem sempre é claro para o sonhador qual o sentido de seus sonhos. Isso decorre do fato de que o desejo Ics, o conteúdo latente do sonho, sofreu uma distorção imposta pela censura na passagem para o sistema Pcs/Cs, processo conhecido como trabalho do sonho ou elaboração onírica (Freud, 1900/2021). O sonho ao qual temos acesso é o conteúdo manifesto, uma substituição distorcida do conteúdo latente. A censura busca adequar o conteúdo Ics para evitar a emergência de desprazer no Pcs/Cs e precisa operar porque não há diferença entre os pensamentos manifestos e latentes, isto quer dizer, identificaríamos imediatamente que se tratam, por exemplo, de desejos sexuais infantis (Freud, 1900/2021). A censura almeja esconder esse fato. Os desejos Ics se aproveitam do estado de sono para tentarem realizar-se porque nele há um relaxamento da censura, a “guardiã da nossa saúde mental” (Freud, 1900/2021, p. 568). Ela pode descansar porque durante o sono está fechada a porta para a extremidade motora, de tal forma que os desejos Ics se tornam inofensivos.

Os sonhos podem ser decifrados por meio de um processo inverso ao trabalho do sonho: o trabalho de interpretação conduzido na clínica psicanalítica. Com ele almeja-se chegar, partindo do conteúdo manifesto, do relato do paciente, até o conteúdo latente. Para Freud (1900/2021), não importa tanto o sonho manifesto, e sim os pensamentos latentes aos quais ele corresponde. Esse trabalho interpretativo nunca termina, pois o sonho é sobredeterminado e por isso pode ser interpretado de diferentes formas. Entretanto, mesmo que se alcance uma interpretação que permita a inteligibilidade dos pensamentos latentes, há sempre um ponto do sonho que não pode ser interpretado, um lugar sombrio e desconhecido, o umbigo do sonho. Da mesma forma, os sintomas, sendo formações do inconsciente, também são interpretáveis (Garcia-Roza, 2008a). Por meio da interpretação, será conduzido um percurso similar ao enredo

da peça Édipo-Rei de Sófocles: pouco a pouco no tratamento psicanalítico serão revelados os desejos edípicos produtores de sintomas (Freud, 1900/2021).

Freud (1900/2021) identificou quatro mecanismos do trabalho do sonho: condensação, deslocamento, figuração e elaboração secundária¹⁰. O primeiro consiste em diminuir o conteúdo latente, fazendo com que o conteúdo manifesto seja sempre menor do que ele. A condensação opera de três formas: são ocultados alguns dos elementos do conteúdo latente; apenas uma parcela do conteúdo latente se manifesta no sonho; ou são combinados diversos elementos similares entre si (Freud, 1900/2021). A atuação desse mecanismo pode ser observada nos sonhos em que uma pessoa presente no conteúdo manifesto simultaneamente representa outras: tem a aparência de uma pessoa X, mas o cabelo da pessoa Z, se veste como a pessoa Y, e assim por diante (Freud, 1900/2021).

O segundo mecanismo, o deslocamento, funciona substituindo um elemento do conteúdo latente por outro antigo, que lhe faça referência, ou alterando o acento psíquico, transformando, por exemplo, em importante algo que não o é (Freud, 1900/2021). Por consequência, muito do que é realmente importante em termos de conteúdo latente nem aparecerá no conteúdo manifesto ou terá valor insignificante. Esse mecanismo gera no sonhador um sentimento de estranheza em relação ao seu sonho. Mezan (2013) destaca que esse seria o mecanismo mais importante para a formação do sonho porque permite que a intensidade psíquica de um elemento seja deslocada, fazendo com que os pensamentos latentes alcancem a consciência disfarçadamente ao “enganarem” a censura.

O mecanismo de figuração consiste em transformar palavras em imagens e é típico dos sonhos. Caracteriza-se por ser uma forma de deslocamento porque as ideias precisam ser substituídas por outras para serem representadas visualmente no sonho (Mezan, 2013). As relações entre elementos ou noções abstratas ficam muito prejudicadas por esse mecanismo. Freud (1900/2021) sugere que é como transformar um artigo de jornal em imagens. São sacrificadas as relações lógicas de causa, consequência, oposição, restrição, adição, alternância, entre outras. Elas podem desaparecer completamente ou serem representadas por relações entre imagens, como a sucessão ou simultaneidade (Freud, 1900/2021).

Por fim, a elaboração secundária opera para tornar o sonho compreensível, aproximando-o dos pensamentos da vigília e despojando-o de seu caráter absurdo. Ainda, o trabalho do sono revela que “os mais complicados desempenhos do pensamento são possíveis

¹⁰ Posteriormente, Freud não mais considerará a elaboração secundária como fazendo parte do trabalho do sonho, visto que ela não lida diretamente com os pensamentos latentes, mas trabalha somente com o conteúdo já deformado pelos mecanismos do trabalho do sonho (Laplanche & Pontalis, 2001; Roudinesco & Plon, 1998).

sem a participação da consciência, algo que qualquer psicanálise de um paciente histérico ou obsessivo nos ensina” (Freud, 1900/2021, p. 646).

Esses mecanismos são relevantes na medida em que não são exclusivos da formação dos sonhos e não são criados por nenhum distúrbio, compõem o aparelho psíquico “normal” (Freud, 1900/2021). Ainda, a interpretação dos sonhos permitiu a Freud não apenas elaborar uma teoria sobre o aparelho psíquico, mas avançar em seus estudos sobre as neuroses. Por esse motivo, Freud sempre considerou os sonhos a via régia de acesso ao inconsciente (Freud, 1900/2021; Mezan, 2013). Conforme pontua Mezan (2013), o trabalho do sonho também é o trabalho do sintoma. Freud, inclusive, considera o sonho uma forma de sintoma, o único que os indivíduos “sadios” produzem. Ambos são fruto da distorção produzida pela censura, uma forma dos desejos Ics retornarem disfarçadamente (Garcia-Roza, 2018). A diferença é que o sonho possui um caráter regressivo, enquanto o sintoma neurótico não. Ou seja, a excitação psíquica segue um curso regressivo, volta às imagens mnêmicas, alcançando o polo perceptivo. O sonho, assim, é vivido como uma alucinação (Mezan, 2013).

Por serem a realização de desejos Ics, sintoma e sonho revelam um modo primário de funcionamento do psiquismo que precisou ser abandonado (Freud, 1900/2021). Esse modo primário corresponde à atuação do Ics, que quer a todo custo descarregar a energia de investimento que corre pelo aparelho, porque sente como desprazeroso o seu acúmulo. O Ics não sabe fazer nada além de desejar (Freud, 1900/2021). Em contrapartida, o Pcs/Cs impõe restrições a essa livre descarga, dado que muitos dos impulsos inconscientes são capazes de produzir desprazer no Pcs/Cs, como, por exemplo, os desejos edípicos. Esse sistema é chamado de processo secundário e tem função inibidora, agindo de forma a impedir o surgimento de desprazer pela atividade do sistema Ics (Freud, 1900/2021).

Ambos os processos primário e secundário têm sua origem na infância e revelam as mudanças pelas quais o aparelho psíquico e corpo passaram ao longo dos anos. Não há um aparelho psíquico em que operam apenas processos primários: trata-se de uma ficção teórica, mas eles existem desde o princípio, ao passo que os secundários precisam ser pouco a pouco desenvolvidos (Freud, 1900/2021). Esses últimos irão inibir e sobrepor-se ao primário, e possivelmente irão dominá-lo somente tardiamente, razão pela qual muitos desejos inconscientes não poderão ser apreendidos e inibidos pelo Cs/Pcs (Freud, 1900/2021).

Assim, muitos desejos Ics infantis não podem ser destruídos nem inibidos pelo Pcs. Dentre esses, muitos provocariam desprazer ao Cs/Pcs se realizados, pois são incompatíveis com o processo secundário (Freud, 1900/2021). Uma das funções do sistema Pcs/Cs será colocar em ação o recalque, responsável por efetuar essa transformação de prazer em desprazer.

O recalque será efetuado gradualmente durante o desenvolvimento e está relacionado, por exemplo, com o aparecimento do nojo, inexistente no início da infância (Freud, 1900/2021). Ele irá afastar as representações desprazerosas, retendo-as no inconsciente (Garcia-Roza, 2018). O modelo de recalque é a evitação da lembrança de uma experiência de dor, mecanismo análogo à fuga de uma percepção dolorosa (Garcia-Roza, 2018).

É recalado aquilo que é incompatível com o Pcs/Cs, como por exemplo os desejos sexuais infantis, que continuarão existindo no inconsciente como sombras que podem voltar à vida a depender das circunstâncias e se realizarão de forma distorcida nos sintomas neuróticos e outras formações do inconsciente (Freud, 1900/2021; Mezan, 2013). Esse material recalado continuará tentando a todo tempo fazer sua passagem para a consciência, mas a censura, figura do recalque, opera para impedi-lo (Mezan, 2013). Toda noite se tenta cometer os dois crimes – parricídio e incesto –, só que de forma disfarçada e distorcida, uma maneira de se proteger de si mesmo, ao mesmo tempo criminoso e policial (Garcia-Roza, 2008a).

O Pcs/Cs não consegue extinguir totalmente os conteúdos Ics, até porque é preciso que permaneça um pouco de desprazer para que o Pcs/Cs se mantenha em alerta, além de que, isso produziria uma tensão enorme no Ics. Então cabe ao Pcs/Cs “dirigir, através dos caminhos mais convenientes, os impulsos impregnados de desejo que surgem do inconsciente” (Garcia-Roza, 2018, p. 73), modificando o mundo externo para permitir uma satisfação indireta e parcial que ele é capaz de tolerar. É por haver essa aliança entre sistemas – ou entre instância crítica e criticada¹¹ – que as formações do inconsciente também são consideradas formações de compromisso (Mezan, 2013).

Nem sempre a censura consegue ser bem-sucedida em seu trabalho de distorção. Seu objetivo é, por meio da elaboração onírica, impedir o surgimento de desprazer. Porém, nos pesadelos, como os sonhos de morte de pessoas queridas, o sonhador sofre. Isso porque um resto excedente do afeto vinculado aos pensamentos latentes pode ficar no sonho manifesto, de tal forma que será produzido desprazer (Freud, 1900/2021). O trabalho do sonho consegue muito mais facilmente alterar o conteúdo do sonho do que o afeto vinculado aos pensamentos oníricos. Alguns sonhos são mais resistentes, não sendo capazes de serem alterados. No sonho de morte de pessoas queridas, o desejo recalado conseguiu fugir da censura e manifestou-se sem alterações no sonho (Freud, 1900/2021). Ainda, por serem desagradáveis, os pesadelos não parecem realizações de desejo porque não produzem prazer. Isso é falso porque o sonho não necessariamente produz prazer ao sonhador. Cada sistema tem suas exigências. Assim, ao

¹¹ Para Freud (1900/2021), o sistema Pcs atua como uma instância crítica que permite ou não a passagem de conteúdos para a Cs, o Ics sendo a instância criticada.

mesmo tempo que a realização de um desejo Ics produz prazer no Ics, o Pcs/Cs sentirá isso como desprazeroso. São exigências distintas que são atendidas, opostas uma a outra.

Freud (1900/2021) destaca um outro tipo de sonho desagradável: os sonhos de punição. Eles não são diferentes dos demais no sentido de que também são a realização de um desejo inconsciente, mas nesse caso um desejo inconsciente do Eu de punir a si mesmo pelos desejos proibidos recalçados. Portanto, eles têm uma particularidade: o desejo realizado não tem origem no Ics, e sim no Eu, indicando o papel do Eu na formação dos sonhos e, por extensão, dos sintomas. Nesse sentido, Freud (1900/2021) comenta que esses sonhos revelam que o mecanismo de formação dos sonhos poderia ser mais bem compreendido se a oposição entre consciente e inconsciente fosse substituída por outra entre “Eu” e “recalcado”. Tais sonhos surgem habitualmente se os restos diurnos forem satisfatórios, mas representarem uma satisfação proibida. Quer dizer, nos sonhos de punição, o desejo que induz ao sonho e realiza-se por meio dele não é Ics recalçado, mas sim um desejo do Eu. Só que se trata de um Eu inconsciente, não pertencente ao sistema Ics, que quer punir o sonhador pelos desejos Ics, revelando a existência de tendências masoquistas na vida psíquica (Freud, 1900/2021).

2.4 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, traçamos um trajeto desde os textos pré-psicanalíticos até a primeira tópica freudiana – condensada em *A interpretação dos sonhos* (1900/2021) – para analisarmos como Freud compreendia a neurose obsessiva e as consequências, para essa concepção, da formulação do Édipo e da primeira tópica freudiana. Optamos por ter a neurose obsessiva como norte deste trabalho porque consideramos que é uma afecção que ilustra a problemática do Supereu.

Vimos que Freud (1896/1986b) foi o responsável por criar a categoria nosográfica “neurose obsessiva”, separando-a das degenerações mentais e psicoses. Ele a considerou uma neuropsicose de defesa ao lado da histeria devido à atuação de um mecanismo de defesa contra uma representação incompatível de natureza sexual, na obsessão nomeado “deslocamento”. Verificamos que as autorrecriações eram um dos principais sintomas da neurose obsessiva, referindo-se à vida sexual do indivíduo, mas que, a partir da introdução da cena de sedução, as ideias obsessivas são invariavelmente reduzíveis a uma autorrecriação, dessa vez contra um ato sexual praticado com prazer na infância. Identificamos que os sintomas obsessivos são a expressão do retorno do recalçado e formações de compromisso entre forças recalçadoras e o recalçado (Freud, 1896/1986c). Para se manifestarem, as autorrecriações precisam ser

transformadas. Por isso, as representações são substituídas, e as autorrecriações podem se transformar em vários afetos igualmente desagradáveis.

Destacamos que as ideias obsessivas possuem uma natureza opressiva e almejam subjugar o Eu, sendo travada uma luta entre os dois. Na tentativa de defender-se das ideias obsessivas, o indivíduo pode produzir medidas penitenciais (cerimoniais opressivos), protetivas (fobias, superstições), entre outras (Freud, 1896/1986c). No entanto, podemos questionar-nos até que ponto essa estratégia é bem sucedida, pois, no caso das medidas penitenciais, o indivíduo, para se proteger das ideias obsessivas, faz sofrer a si mesmo. Ainda, observamos que o indivíduo obsessivo sente as ideias obsessivas como estranhas a si mesmo, uma força diabólica dentro de si, a respeito da qual ele tem consciência, mas nada consegue fazer além de tentar se proteger por meio das duvidosas medidas de proteção.

Logo em seguida, na segunda parte do capítulo, localizamos as razões pelas quais Freud abandonou a teoria da sedução sobre a qual alicerçava sua teoria da neurose obsessiva e das neuroses em geral. Dentre as razões principais, figuram a percepção de que não há diferença entre realidade e ficção no inconsciente e a descoberta de que as crianças têm desejos hostis e incestuosos em relação aos seus pais. Vimos que para Freud essa dinâmica afetiva é universal e está condensada no mito de Édipo, é uma compulsão a qual todos estão submetidos. Em Hamlet, Freud vê um Édipo recalcado que sofre por consequência de um dia ter desejado a morte do pai para possuir a mãe, mesmo sem saber.

Quanto à neurose, constatamos que os desejos edípicos desempenham importante papel na sintomatologia neurótica, os pais sendo figuras fundamentais na vida psíquica das crianças. Freud esboçou relações entre as autorrecriações, o sentimento de culpa, a consciência moral e os desejos parricidas. Por exemplo, Hamlet se sente inconscientemente culpado por ter desejado matar o pai, culpa que é manifesta na forma de consciência moral, que o impede de matar o pai. Da mesma forma, também é atormentado por autorrecriações e escrúpulos de consciência. Freud (1900/2021) ressaltou a inimizade característica da relação entre pai e filho. Nos casos de neurose obsessiva que analisa, o sintoma sempre faz referência ao desejo parricida, ligado ao desejo incestuoso. Quer dizer, é indicado que o desejo que está em jogo na neurose obsessiva é aquele de matar o pai para ocupar seu lugar ao lado da mãe. Freud, ele mesmo, teve que se haver com esses desejos em si mesmo. No sonho “Pede-se para fechar os olhos” já havia sido prenunciada a articulação entre culpa e a morte do pai, bem como a sensação de jamais cumprir seu dever perante ele.

Na última parte do capítulo, investigamos o que implica esses desejos serem inconscientes e quais são suas relações com os sintomas. Para isso, examinamos como se

inserir na primeira tópica do aparelho psíquico apresentada em *A interpretação dos sonhos* (1900/2021). Verificamos que Freud situa os desejos sexuais infantis, dentre eles figurando os edípicos, como a verdadeira força motriz do sintoma e dos sonhos.

A concepção de uma consciência dividida exclusivamente nas neuroses foi alterada. Na primeira tópica todos partilham de um aparelho psíquico dividido em sistemas Pré-consciente/Consciente (Pcs/Cs) e Inconsciente (Ics). São sistemas organizados em um determinado sentido e, devido a essa disposição, os conteúdos Ics só podem acessar a consciência pelo Pcs, não têm acesso livre. Por essa razão, estão sujeitos a uma distorção imposta pela instância censória (Freud, 1900/2021). A censura é uma figura do recalque, este último é função do Pcs/Cs e responsável por manter no inconsciente os desejos infantis. Porém, o Pcs/Cs precisa ceder e por vezes permite uma satisfação parcial dos conteúdos Ics. Surgem, então, os sintomas, que notamos que continuam sendo formações de compromisso, dessa vez entre Pcs/Cs e Ics. Além disso, percebe-se que a noção de incompatibilidade anunciada em 1894 (1986) também permanece. Agora, porém, são os desejos edípicos que são incompatíveis com o sistema Pcs/Cs.

Por fim, verificamos que os sonhos de punição indicaram para Freud uma limitação em sua teoria. Haveria uma tendência à punição existente dentro do próprio Eu, mas que seria inconsciente. Não seriam apenas desejos Ics que induziriam ao sonho: haveria um tipo de desejo inconsciente do Eu em punir o sonhador por possuir desejos proibidos (Garcia-Roza, 2018). Freud (1900/2021) localiza esse desejo nos sonhos, mas isso nos abre para a possibilidade de que o sintoma, operando de forma similar ao sonho, também seja movido por um desejo inconsciente do Eu de punir a si mesmo pelos desejos edípicos.

3 O SENTIMENTO DE CULPA E A NEUROSE OBSESSIVA NA PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA

Neste capítulo, temos como objetivo analisar a relação traçada por Freud entre a neurose obsessiva e o sentimento de culpa, identificando as origens desse sentimento e como ele opera nessa neurose. Neste momento nos restringiremos à primeira tópica freudiana, construindo, a partir da investigação da neurose obsessiva e da culpa, um caminho possível para compreender como posteriormente se tornou necessária a formulação do conceito de Supereu na segunda tópica freudiana. No capítulo anterior, tratamos pouco a respeito da culpa. Ocupamo-nos de investigar a primeiríssima definição de neurose obsessiva e as alterações que sofreu com a introdução dos desejos edípicos inconscientes na equação neurótica. Isso porque o sentimento de culpa só se tornou um objeto específico do interesse de Freud quando ele aprofundou seus estudos sobre a neurose obsessiva, tendo-se deparado com ele em toda a sua intensidade em especial no caso conhecido como *O homem dos ratos* (1909/2017).

Para atingirmos o objetivo proposto, este capítulo será estruturado em duas grandes partes. Inicialmente, investigaremos as primeiras menções ao sentimento de culpa na primeira tópica e sua inclusão como elemento constituinte do mecanismo da neurose obsessiva. Para tanto, será necessário apresentarmos a concepção de sexualidade infantil inaugurada em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), bem como suas especificidades nas obsessões. Além disso, examinaremos aquilo que alguns fenômenos clínicos – o fracasso no êxito e criminosos por sentimento de culpa – nos revelam sobre a origem da culpa. Os principais textos que nos guiarão serão *A instrução judicial e a psicanálise* (1906/2021), *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/2021) e *Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica* (1916/2016), partes II e III. Além disso, outros textos também serão úteis, uma vez que neles se encontram alguns dos fundamentos sobre os quais se alicerçam os textos supracitados, são eles: *As pulsões e seus destinos* (1915/2019) e *O inconsciente* (1915/2016).

Em seguida, tendo como base esse estudo inicial sobre o sentimento de culpa, realizaremos uma análise do caso *O Homem dos Ratos* (1909/2017), com o objetivo de identificar como a culpa opera na clínica da neurose obsessiva. Identificaremos os novos contornos adquiridos pela culpa quando posta em relação à ambivalência afetiva para com o pai e à onipotência dos pensamentos, dando destaque para sua potência punitiva manifesta nos impulsos suicidas do paciente em questão. Ademais, trataremos dos questionamentos acerca do Eu surgidos no atendimento de pacientes obsessivos e aquilo que prenunciam sobre a

organização de um aparelho psíquico tripartido. Por último, quando necessário, utilizaremos comentadores da obra freudiana e outros autores para nos auxiliar em nossas discussões.

3.1 O SENTIMENTO DE CULPA NA NEUROSE OBSESSIVA

Após abandonar a teoria da sedução e elaborar sua primeira tópica, Freud voltou a investigar a neurose obsessiva somente em 1907, quando publicou *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/2021). Nesse mesmo ano, apresentou na Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras a história de um paciente obsessivo que atendia na época, Ernst Lanzer, conhecido, posteriormente, como *Homem dos Ratos* (Roudinesco & Plon, 1998). A partir de então, Freud incluiu em sua teoria sobre as obsessões a noção de sentimento de culpa, a qual é localizada na origem de diversos fenômenos, tal como as autorrecriações obsessivas, os atos obsessivos, a prática de crimes por neuróticos e o fracasso no êxito. Considerar a existência de um sentimento de culpa permitiu a Freud que os compreendesse melhor e pouco a pouco sinalizasse a importante presença de uma poderosa tendência punitiva no psiquismo, já antes prenunciada nos sonhos de punição.

Para delinear a relação entre o sentimento de culpa e a neurose obsessiva, abordaremos, primeiro, algumas das primeiras formulações sobre o sentimento de culpa na primeira tópica, quando ainda não fora colocado em relação com as obsessões. Em seguida, examinaremos como a culpa atua no mecanismo de neurose obsessiva apresentado em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/2021). Para tanto, será necessário fazer uma incursão pela concepção de sexualidade infantil introduzida nos *Três ensaios* (1905/2016), sublinhando suas especificidades na neurose obsessiva. À vista disso, discutiremos as origens do sentimento de culpa no complexo de Édipo e sua ligação com “tendências julgadoras e punitivas” (Freud, 1916/2016, p. 263).

3.1.1 Primeiras formulações sobre o sentimento de culpa

Um primeiro esboço da relação entre sentimento de culpa e neuroses foi traçado em *A instrução judicial e a psicanálise* (1906/2021), publicado um pouco antes do início dos estudos de Freud sobre a neurose obsessiva. Nesse texto, ao fazer uma analogia entre o neurótico e o criminoso, ele inclui o sentimento de culpa como fator explicativo das autorrecriações, que já vimos serem um sintoma típico da neurose obsessiva. Freud chegou a essa conclusão ao verificar que muitos neuróticos atrapalhavam as investigações policiais, confundindo as

autoridades. Quando reféns de uma acusação, muitos deles, apesar de serem inocentes, comportavam-se como se fossem culpados. Para Freud (1906/2021), esse comportamento é resultado da pré-existência de um sentimento de culpa, o qual se aproveita da acusação para se ligar a uma motivação consciente (Laplanche & Pontalis, 2001). Ocorre que esse sentimento de culpa coloca o indivíduo numa situação muito perigosa, em que, apesar de inocente, está suscetível a ser punido por um crime que não cometeu.

O sentimento de culpa conduz a uma situação semelhante mais facilmente observável. Ao serem acusadas de algum malfeito, muitas crianças se dizem inocentes, mas choram como se fossem culpadas. Quando a criança de fato é inocente e reage dessa forma, o choro denuncia que na verdade ela é culpada por algo que ninguém sabe o que é e pelo que ninguém a acusou (Freud, 1906/2021). Assim, ao negar a culpa por um malfeito, acaba revelando a existência de um sentimento de culpa por outro. Nesse sentido, Freud (1906/2021) afirma que muitos neuróticos adultos agem como crianças, pois se comportam como culpados, acusando-se de variados crimes e transgressões, revelando a pré-existência de um sentimento de culpa por outra coisa. As autoridades policiais precisariam, então, ser capazes de diferenciar aqueles que acusam a si mesmo (os neuróticos) daqueles que são de fato culpados.

Já vimos no primeiro capítulo que, em sua primeira explicação para as autorrecriações, Freud (1896/1986c) defendia que derivavam de autorrecriações anteriores contra atos sexuais prazerosos praticados pelo obsessivo durante sua infância. Com o abandono da teoria da sedução e a introdução do complexo de Édipo, essa explicação se tornou inadequada, e Freud desenvolverá outras hipóteses, não sem manter alguns de seus fundamentos. As autorrecriações são agora consideradas como consequência de um sentimento de culpa pré-existente. Quanto à motivação desse sentimento, Freud (1906/2021) nos fornece algumas pistas ao traçar as semelhanças e diferenças entre o neurótico e o criminoso.

Ambos guardam um segredo e resistem em revelá-lo. Do lado do criminoso, a resistência é consciente e tem como objetivo evitar uma punição pelas autoridades. Para isso, esconde ao máximo o seu segredo, o crime cometido. Já o segredo do neurótico está escondido dele mesmo, de sua consciência. Ele verdadeiramente o ignora, ao passo que o criminoso apenas simula sua ignorância. Para Freud (1906/2021), a natureza desse segredo é sexual, sendo constituído de desejos e representações investidos de afetos que foram recalçados na origem da neurose e, conseqüentemente, apartados da consciência. Quer dizer, o segredo que o neurótico carrega é inconsciente e sexual.

A investigação a qual o neurótico está sujeito não é policial, e sim psicanalítica. Ao longo do tratamento, o analista precisará utilizar suas “artes de detetive” para descobrir qual é o segredo do paciente (Freud, 1906/2021, p. 292). Isso porque Freud (1906/2021) considera que é esse segredo o responsável por produzir os sintomas, por meio deles atuando como uma “má consciência” que busca punir o indivíduo. Isto é, enquanto o criminoso resiste em revelar o segredo para evitar uma punição, o próprio segredo inconsciente do neurótico, essa “má consciência”, é responsável por puni-lo. Descobrir o segredo implicaria interromper a formação de sintomas e aliviar o paciente dos danos da má consciência. No entanto, o desvelamento do segredo é feito com imensas dificuldades, em razão do indivíduo manifestar uma forte resistência, localizada nas fronteiras entre consciente e inconsciente, que faz com que permaneça na doença (Freud, 1906/2021).

Esse sentimento de culpa, então inicialmente atribuído às neuroses em geral, é, em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/2021), identificado como parte integrante do mecanismo psíquico da neurose obsessiva, provocando intenso sofrimento psíquico. Esse texto é o primeiro em que Freud se dedicou a estudar as obsessões desde *Observações adicionais sobre as neuroses de defesa* (1896/1986c) e nele desenvolve suas considerações partindo novamente de uma comparação, dessa vez entre o neurótico obsessivo e o religioso (Strachey em Freud, 1907/1996). À primeira vista, é uma analogia radicalmente diferente da anteriormente estabelecida entre neurótico e criminoso. Veremos, porém, que essas figuras possuem aspectos complementares.

Freud (1907/2021) defende que há uma semelhança entre os sintomas obsessivos – atos, cerimoniais, pensamentos, ideias, compulsões e proibições – e as práticas religiosas, em especial a presença de “cerimoniais” em ambos chama a sua atenção. Freud (1907/2021) define cerimoniais como “pequenos acréscimos, restrições, medidas, arranjos, que são realizados em certas ações cotidianas de forma sempre igual ou variações metódicas” (pp. 301-302). Essas formalidades parecem irrelevantes e incompreensíveis para os outros e até mesmo para o próprio indivíduo. Porém, assim como nos sonhos, nos cerimoniais são manifestas ideias e motivos inconscientes. Além disso, são ricos em significado, interpretáveis e expressão de “vivências ainda atuantes e pensamentos investidos de afetos” (Freud, 1907/2021, p. 304), que remontam às experiências sexuais dos neuróticos. Quando menciona a sexualidade, Freud não mais se refere à sedução, e sim à sua concepção de sexualidade infantil desenvolvida em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016). Isso posto, para investigarmos como opera o sentimento de culpa no mecanismo da neurose obsessiva, primeiro é preciso que demos um

passo atrás e examinemos o conceito de sexualidade infantil e suas particularidades nessa afecção.

3.1.2 A sexualidade infantil e a neurose obsessiva

Na descoberta dos desejos edípicos e na importância conferida aos desejos sexuais infantis para a sintomatologia neurótica – destacadas no capítulo anterior –, já estavam contidos os germes da noção de sexualidade infantil, que ganha o valor de estatuto teórico-conceitual somente em *Três ensaios* (1905/2016) (Garcia-Roza, 2008a, 2018). Tal noção nos fornece os fundamentos para a compreensão do complexo de Édipo e suas vicissitudes, mesmo que esse não seja mencionado nenhuma vez nesse texto, somente em notas de rodapé incluídas futuramente (Garcia-Roza, 2018).

À época de Freud, a sexualidade era analisada pelos estudiosos sob a égide da noção biológica de instinto sexual: comportamentos-padrão herdados que visariam à reprodução da espécie por meio da união dos genitais (Garcia-Roza, 2018). Isso implicava que para a biologia todos aqueles atos sexuais que se estenderiam para outras áreas do corpo e não teriam por objetivo a reprodução eram considerados perversos. Longe disso, Freud (1905/2016) defende que a sexualidade humana é ela mesma perversa, pois sua força-motriz é a pulsão sexual, a qual tem como objetivo o prazer e não possui nenhum objeto específico para se satisfazer. Essa pulsão é dotada de uma energia que Freud nomeia de “libido”, capaz de se ligar a objetos, deslocar-se, trocando de objeto.

Esse sistema pulsional faz parte do Eu e diferencia-se em dois grupos de pulsões opostas: as pulsões sexuais e as pulsões do Eu ou de autoconservação. Estas teriam a fome como modelo (Freud, 1915/2019). Essa divisão é decorrente da percepção de Freud, nesse momento de sua teoria, de que nas neuroses está presente um conflito entre sexualidade e Eu. No entanto, Freud (1915/2019) nos alerta que esse entendimento das pulsões em grupos distintos não seria uma suposição necessária, sendo considerada pelo autor como “[...] uma mera construção auxiliar, que só deve ser mantida enquanto for útil e cuja substituição por outra pouco alterará os resultados de nosso trabalho [...]” (p. 29).

Quanto à sexualidade, sua forma como a conhecemos na vida adulta é resultado de um longo processo de organização que se inicia logo após o nascimento e continuará por toda a vida. É na concomitância entre a satisfação de uma necessidade biológica e as sensações de desprazer/prazer que a acompanham que a pulsão sexual se constitui na tenra infância, produzindo-se uma “subjetivação das experiências somáticas” (Pinheiro, 2019, p. 114).

Tomemos o exemplo fornecido por Freud (1905/2016). Assim que nasce, o bebê periodicamente sentirá o desprazer da fome e encontrará no seio da mãe e em seu leite um alívio para sua tensão, o que lhe proporciona prazer. No repetir-se dessa satisfação, a experiência de prazer/desprazer se desvincula da necessidade biológica e torna-se prioridade. A partir de então, a nutrição é, além de biológica, também subjetiva, afetiva, erótica, atravessada pela sexualidade (Pinheiro, 2019). Ao saciar a fome por meio do leite, a necessidade biológica se mistura com a satisfação da pulsão em vários objetos parciais que acompanham a experiência da amamentação: o colo quente da mãe, seu cheiro, seu olhar etc. Além da pulsão sexual, na contingência entre biológico, prazer/desprazer e função materna, também se constitui o registro psíquico, ambos desvios da ordem biológica (Pinheiro, 2019).

No estabelecimento do circuito pulsional, com a emergência de uma sensação de desprazer, é necessário que o bebê busque objetos externos a ele, como as várias parcialidades maternas: seu seio, seu cheiro, seu olhar etc. (Pinheiro, 2019). Porém, o que esse circuito produz é uma erogeneização do corpo do próprio bebê: órgãos somáticos se tornam pulsionais, os olhos não servem mais somente para ver, nem a boca somente para alimentar etc. Por exemplo, paulatinamente o seio será substituído por outros objetos, como o próprio dedo, que é sugado com a boca erogeneizada e satisfaz não mais a nutrição, mas a pulsão. O bebê encontra vários prazeres em várias zonas erógenas do seu corpo fragmentado. Freud (1905/2016) elenca que existem regiões do corpo mais propensas a se tornarem zonas erógenas – boca, genitais, ânus – , porém na verdade qualquer uma está sujeita a ser erogeneizada. Todos esses elementos compõem o que Freud nomeia de autoerotismo: o estado original da sexualidade infantil quando a pulsão sexual é composta de várias pulsões parciais que são satisfeitas no corpo do próprio bebê, ainda sem capacidade cognitiva de discernir o interno do externo (Garcia-Roza, 2018; Pinheiro, 2019).

Freud diferencia dois¹² estágios da organização da sexualidade anteriores ao primado da zona genital que se inicia na puberdade, cada um marcado pela predominância de uma zona erógena e um tipo de relação que é estabelecida com o objeto e com o mundo (Garcia-Roza, 2018). O primeiro estágio é aquele de organização oral/canibal, em que o prazer é proporcionado pela ingestão de alimentos: como já mencionado, o mamar do bebê e o sugar o dedo. Nesse momento, há certa indiferenciação em relação ao objeto, contudo já existe um

¹² Em *A organização genital infantil* (1923/2019a), Freud acrescentará uma nova fase que antecede a genital: a fase fálica. Nela já há um predomínio dos órgãos genitais. Se diferencia da fase genital da vida adulta pelo fato de que nela apenas o pênis é reconhecido como órgão. Os sexos são entendidos tomando como referência a castração, a oposição que se forma é entre fálico-castrado. Como esse acréscimo na teoria é feito no contexto da segunda tópica, não o desenvolveremos nesse momento.

modo de relação com ele marcado pela sua incorporação e simultânea destruição (Freud, 1905/2016). Segue-se, então, para a fase de organização sádico-anal, em que a libido se organiza em torno da zona anal e predomina a oposição entre metas “ativa” e “passiva”. A atividade vem da parte da pulsão de dominação ou sadismo, enquanto a passividade está ligada ao erotismo anal. O modo de relação com o objeto se reveste de valor simbólico, principalmente por causa daquilo que representam as fezes: o dar (expulsão) e o receber (retenção) (Laplanche & Pontalis, 2001).

Para Freud (1905/2016), a sexualidade infantil e a puberdade são separadas por um período de latência, em que a sexualidade entraria em repouso, sendo retomada na puberdade no último estágio da organização sexual, quando a pulsão encontra um objeto sexual e encontra-se sob o primado da zona genital. Ocorre que a sexualidade humana nunca deixará de ser infantil. Essa é sua principal característica: está fadada a ser parcial, incompleta (Garcia-Roza, 2008). Isso porque, diferentemente do instinto, a pulsão não tem um objeto específico. Assim, a satisfação alcançada será sempre parcial, e a busca por ela será indefinida, formando-se um circuito pulsional (Garcia-Roza, 2018).

A neurose obsessiva está intimamente relacionada com a fase de organização sádico-anal. Em *A predisposição à neurose obsessiva* (1913/2016a), Freud está preocupado com o problema da escolha da neurose, isto é, por que alguém adoece, por exemplo, de uma neurose obsessiva, e não de uma histeria. Com o estudo das neuroses e a construção da teoria psicanalítica, Freud (1913/2016a) notou que as funções psíquicas, dentre elas a função sexual e as funções do Eu, passam por um longo processo de desenvolvimento. Com certa frequência, contudo, esse desenvolvimento da função libidinal passa por alguns percalços. Uma parte da função sexual permanece em um estágio anterior, em que é formado um ponto de fixação ao qual a função poderá regredir na ocasião de perturbações externas. As predisposições às quais Freud (1913/2016a) se refere são, portanto, inibições no desenvolvimento.

Em particular na neurose obsessiva, o ponto de fixação ao qual se regride é a fase sádico-anal (Freud, 1913/2016a). Em *Caráter e erotismo anal* (1908/2021), Freud relaciona alguns traços de caráter (ordem, parcimônia e obstinação), identificados em certos pacientes e típicos da neurose obsessiva¹³, com o erotismo anal. Por “ordeiro”, Freud quer dizer o cuidado corporal, a fiabilidade e a realização meticulosa dos deveres. A “parcimônia” se expressa na

¹³ Neste texto Freud não atribui explicitamente esses traços de caráter à neurose obsessiva, porém sabe-se que escreveu esse artigo inspirado pelo tratamento do caso de neurose obsessiva *O homem dos ratos* (1909/2017). A relação entre as obsessões e a fase sádico-anal será desenvolvida futuramente por Freud em *Sobre transformações dos instintos em particular no erotismo anal* (1917/2021).

forma de uma forte avareza. E, por fim, a “obstinação” por vezes se manifesta em teimosia, a qual tem relações com a raiva e a vontade de vingar-se. Ao retornar à infância dessas pessoas, descobre-se que no caso delas foi necessário bastante tempo para controlarem a sua incontinência fecal. Teriam sido os bebês que se recusam a defecar quando necessário, pois retirariam um prazer colateral nessa ação. Elas mesmas se recordam que tinham prazer na retenção fecal e no uso obsceno das fezes. Todas essas evidências conduziram Freud a postular a existência de um acento na zona erógena anal nos indivíduos com esses traços.

Esses traços de caráter seriam formações reativas, produto da ação do recalque, ao erotismo anal. A limpeza, a ordem e a confiabilidade parecem ser exatamente formações reativas relativas ao interesse pelas fezes, algo “sujo, perturbador e não pertencente ao corpo” (Freud, 1908/2021, p. 355). Quanto à obstinação, percebemo-la na teimosia dos bebês em reter as fezes. A associação entre dinheiro (avareza) e fezes provavelmente advém do fato de serem opostos: de um lado, aquilo que há de mais valioso; de outro, aquilo que é mais desprezível e se recusa como sendo lixo. Mais ainda, as fezes também significam obediência e são o maior presente que um bebê pode oferecer ao responsável por seus cuidados, sendo tão valiosas quanto o dinheiro. Por fim, a “supermoral” encontrada nos obsessivos seria uma formação reativa não ao erotismo anal, mas à sua vertente ativa: as pulsões sádicas. Com essa moral, pretende-se defender o amor objetal da hostilidade que abriga (Freud, 1913/2016a).

3.1.3 O sentimento de culpa no mecanismo dos atos obsessivos

Levando isso em consideração, Freud (1907/2021) postula que a neurose obsessiva se funda no recalque de um componente da pulsão sexual, o qual produz uma “consciência especial”, uma formação psíquica reativa, que se posiciona contrariamente aos objetivos da pulsão. No entanto, na neurose obsessiva, o recalque é somente parcialmente bem-sucedido. A consciência especial se sente continuamente ameaçada e pressionada pela pulsão recalçada que permanece no inconsciente. São necessários constantes esforços para equilibrar a pressão exercida pela pulsão. Em certa medida, esse equilíbrio é fornecido pelos sintomas da neurose obsessiva, pois operam servindo às duas forças psíquicas conflitantes: à pulsão recalçada (consentindo com a liberação de certa dose de prazer) e às instâncias recalçadoras (Freud, 1907/2021).

O obsessivo sente a influência da pulsão recalçada como uma constante “tentação” que reativa um sentimento de culpa, cuja origem Freud (1907/2021) encontra nas pulsões sexuais e nos processos psíquicos infantis. Esse sentimento é acompanhado de uma angústia expectante

de que ocorrerá alguma desgraça para puni-lo, de que sofrerá algum castigo. É nesse sentido que Freud (1907/2021) afirma que o neurótico obsessivo se comporta como se fosse dominado por um sentimento de culpa, pois as práticas obsessivas são tentativas de defesa contra a iminente punição por algo pelo qual se sentiria culpado. Os atos obsessivos se impõem como imperativos para o sujeito, porque o seu não cumprimento implica a punição com uma angústia fortíssima. Ainda, são compostos por várias leis não escritas. Por exemplo, é preciso que a roupa seja dobrada de um certo jeito, a cama precisa ficar numa posição específica, do contrário um infortúnio ocorrerá.

Dessa forma, Freud (1907/2021) localiza o sentimento de culpa no interior do mecanismo de formação de atos obsessivos, associando-o à punição. Os sintomas seriam uma forma de defesa contra a punição e a culpa. Além disso, em consonância à ideia de um “segredo sexual”, a culpa se originaria da sexualidade infantil, mais precisamente do recalque que incide sobre os desejos sexuais.

O sentimento de culpa também é encontrado na religião, inclusive muito antes do que na neurose, manifesto na forma de uma culpa consciente por uma contínua tentação, pela certeza de ser pecador, junto com a angústia expectante pelo medo de ser punido, nesse caso pela figura de deus todo-poderoso (Freud, 1907/2021). A defesa e a proteção são fornecidas pelas orações e ritos religiosos que preenchem inúmeras atividades do devoto, que se tornou religioso em função da percepção interna do pecado, renunciando às pulsões sexuais e egoístas. O neurótico obsessivo se comporta de forma muito similar a um religioso, porque, assim como este, sente-se culpado por ser um pecador. O neurótico obsessivo se sente criminoso, culpado inconscientemente por um crime que não sabe qual é e teme ser punido com angústia.

Como na neurose, o recalque das pulsões no religioso (sexuais e do Eu) também é parcial e imperfeito. Por isso, há momentos de “recaídas” no pecado, que conduzem a atos de penitência, em que o devoto impõe a si penas para expiação do pecado. Para Freud (1907/2021), na neurose obsessiva recaídas no que ele igualmente chama de “pecado” estão também presentes e produzem sintomas obsessivos correlatos aos atos de penitência. Isto é, diante do fracasso da defesa, o obsessivo entra em um circuito autopunitivo: após a “recaída”, o sentimento de culpa ressurgue com tanta força que o próprio indivíduo se pune. Em certa medida, isso já ocorre com as práticas obsessivas em geral, que conseguem proteger o indivíduo da punição, mas para isso é preciso pagar com certa dose de sofrimento proporcionada pelos sintomas.

Esse sentimento de culpa do qual padece o neurótico obsessivo é inconsciente. O indivíduo nada sabe a respeito dele. Em 1907 (2021), é a primeira vez que a expressão

“sentimento inconsciente de culpa” aparece. Daqui em diante, ela se espalhará por toda a obra freudiana (Strachey em Freud, 1907/1996). Freud não deixa de sublinhar a contradição entre os termos “sentimento” e “inconsciente”, ou melhor, entre “consciência [de culpa]” e “inconsciente” na tradução literal. Como é próprio da natureza de um sentimento que ele seja consciente, a priori não seria possível considerar inconscientes sentimentos, sensações ou afetos. Vejamos como Freud tentou explicar essa contradição em *O inconsciente* (1915/2016).

Para entendermos como um sentimento poderia ser inconsciente, Freud (1915/2016) indica que primeiro é preciso destacar as diferenças entre representação e afeto. Os dois estão ligados entre si, porém a primeira é constituída de traços mnêmicos investidos de libido e o segundo são descargas que percebemos como sensações. Quando opera um recalque, ambos são atingidos, porém cada um tem um destino diferente. É a representação que é propriamente recalçada, de tal forma que o afeto tem que se ligar a outra representação. Assim, é possível que o afeto seja percebido erroneamente, isto é, percebido em relação à nova representação e não à representação a que estava originalmente ligado¹⁴.

Enquanto a representação é recalçada, o afeto tem alguns destinos metapsicológicos. Freud (1915/2016) elenca três: o afeto permanece total ou parcialmente; transforma-se em outro afeto qualitativamente diferente, principalmente em angústia; ou é recalçado, quer dizer, seu desenvolvimento é impedido. Ocorre que jamais um afeto é inconsciente como uma ideia, porque esta permanece existindo no Ics, enquanto aquele somente não se pôde desenvolver (Freud, 1915/2016). Quer dizer, a culpa pode ser inconsciente em dois sentidos: porque sua motivação original foi recalçada e substituída por outra ou porque foi impedida de desenvolver-se, todavia não estando propriamente no Ics¹⁵.

3.1.4 O sentimento de culpa e os desejos edípicos

O sentimento de culpa e sua dinâmica punitiva foram também localizados por Freud em outros fenômenos clínicos, tendo suas origens mais bem delineadas. Ao investigar a razão pela qual alguns de seus pacientes cometiam crimes ao longo do tratamento (furtos, incêndios etc.), Freud (1916/2016) descobriu que os indivíduos o faziam porque neles estaria presente um sentimento de culpa de motivação desconhecida. Ao cometer o ato, a pressão imposta pela culpa

¹⁴ Semelhante diferenciação entre representação e afeto já havia sido elaborada por Freud em 1894 (1986), como abordado no início do primeiro capítulo.

¹⁵ A proposição de um sentimento inconsciente de culpa é intrigante e sugere ser possível haver algo inconsciente no Eu, o que poderemos compreender melhor mais adiante neste trabalho.

seria aliviada, pois encontraria uma sustentação na realidade. A origem do sentimento de culpa é então mais bem detalhada. Segundo Freud (1916/2016), ele “vem do complexo de Édipo, é uma reação aos dois grandes intentos criminosos, matar o pai e ter relações sexuais com a mãe” (p. 285). A partir dessa perspectiva, talvez seja possível compreender por que os obsessivos se sentem criminosos e criticam-se como tal, afinal um dia em fantasia desejaram cometer os maiores crimes humanos. Como a gravidade de pequenos delitos é muito menor do que o parricídio ou o incesto, produz-se alívio. Assim, o indivíduo se crê menos culpado, além de que a punição seria muito menor caso fossem descobertos. Novamente, Freud (1916/2016) afirma que nas crianças é possível observar um fenômeno similar. Por exemplo, quando se tornam “levadas” para que sejam castigadas e após o castigo ficam “tranquilas e satisfeitas” (p. 285).

O sentimento de culpa também seria um dos motivos pelos quais certos indivíduos adoecem neuroticamente justamente quando realizam um desejo profundo e antigo. Vejamos um breve caso clínico ilustrativo apresentado por Freud (1916/2016). Um homem, professor universitário respeitável, desejava há muito tempo ocupar a cátedra que pertencia a seu mestre. Quando esse mestre teve que inevitavelmente se afastar do posto, seus colegas o disseram que ele era a pessoa certa para substituí-lo. Nesse momento, o homem passou a ter dúvidas, diminuir suas conquistas, considerando-se indigno de estar no lugar do mestre. Por fim, ele entrou num estado melancólico que o impedia de realizar qualquer coisa.

Segundo Freud (1916/2016), o adoecimento no êxito é produto da atuação de forças da consciência de “tendências julgadoras e punitivas” (p. 263) ligadas ao complexo de Édipo, à relação com o pai e a mãe e ao sentimento de culpa. O desejo do homem de substituir o mestre nada mais é do que a repetição inconsciente do que um dia foi seu desejo infantil inconsciente de substituir o pai, eliminando-o para poder estar com a mãe. Uma vez o mestre morto, seu desejo se realizou, sobreveio a culpa e com isso o adoecimento, uma espécie de punição por parte dessas tendências julgadoras da consciência. Nesses dois fenômenos, verifica-se que o complexo de Édipo é uma das fontes do sentimento de culpa que perturba os neuróticos. A respeito disso, Freud (1917/2019a) comenta:

Ainda que o homem reprima seus impulsos maus, banindo-os para o inconsciente, e queira então dizer que não é responsável por eles, ele é obrigado a sentir essa responsabilidade na forma de um sentimento de culpa cujo fundamento desconhece. (p. 441).

A frequência com que a doença emerge após a morte do pai já havia sido percebida anteriormente, e apresentamos alguns exemplos disso no capítulo anterior. Agora, Freud propõe uma explicação para esse fenômeno pela via da culpa, punição e complexo de Édipo. A morte

do pai representa a realização de um desejo inconsciente cultivado desde a infância. Isso não ocorre sem consequências, postas em ação por essas tendências julgadoras da consciência. É importante destacar que a culpa e a punição emergem mesmo que o responsável pela morte do mestre (pai) não tenha sido o indivíduo. A severidade com que acometem o homem é tão forte como se ele tivesse de fato cometido o parricídio, e não apenas o desejado.

3.2 O SENTIMENTO DE CULPA NO CASO *O HOMEM DOS RATOS*

Alguns meses após a publicação de *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/2021), Freud deu início ao tratamento de um paciente obsessivo que ficou conhecido na história da psicanálise como *O homem dos ratos* (1909/2017). A publicação desse caso clínico marca o interesse de Freud pelo estudo da neurose obsessiva e será modelo para todas as suas discussões posteriores sobre essa afecção (Laplanche & Pontalis, 2001; Roudinesco & Plon, 1998). Nele, a neurose obsessiva é brilhantemente descrita em toda a sua complexidade e detalhes. É considerado o caso clínico mais bem elaborado, estruturado e lógico de todos os escritos por Freud e, também, o único que teria sido totalmente bem-sucedido (Roudinesco & Plon, 1998). A partir dele, Freud pode fornecer uma descrição do mecanismo psíquico da neurose obsessiva mais completa que aquela apresentada em 1896 (1986c), fundamentando-se, agora, em um aparelho psíquico dividido em sistemas e levando em consideração a sexualidade infantil e a dinâmica edípica (Mezan, 1986).

Além disso, em *O homem dos ratos* (1909/2017), encontraremos a culpa atuando em toda a sua potência punitiva. Por essa razão e tendo em consideração o caminho já traçado, faz-se importante emprendermos uma incursão nesse caso para investigarmos como a neurose obsessiva e a culpa se manifestam na singularidade da clínica psicanalítica. O recurso ao caso nos auxilia a navegar na complexidade das obsessões, pois, como Freud (Freud & Jung, 1976) mesmo indica, “difícilmente seriam inteligíveis quando não acompanhadas de históricos clínicos” (p. 176). Ademais, o caso será abordado não apenas para fins ilustrativos, mas também representa uma continuidade em nossa investigação a respeito da neurose obsessiva e do sentimento de culpa. Nele encontraremos valiosas considerações teóricas sobre essa afecção, que ainda não haviam sido desenvolvidas em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/2021). Destacamos sobretudo a ambivalência afetiva e a onipotência dos pensamentos, que são incluídas em sua dinâmica e estão diretamente relacionadas com o sentimento de culpa.

3.2.1 História clínica e análise teórica

Em primeiro de outubro de 1907, Ernst Lanzer, advogado de 29 anos que sofria de diversas obsessões, chegou até o consultório de Freud para iniciar um tratamento psicanalítico que duraria cerca de dez meses (Roudinesco & Plon, 1998). A afecção o paralisou de tal forma que demorou dez anos para concluir seus estudos de direito em Viena, além de ter dificuldades para iniciar sua vida profissional (Quinodoz, 2004). A principal obsessão que o atormentava profundamente no momento do tratamento era o medo de que alguma desgraça acontecesse com seu pai e com a dama com quem gostaria de casar-se. Além disso, proibia-se de realizar coisas pouco importantes e tinha impulsos obsessivos suicidas de, por exemplo, cortar a própria garganta (Freud, 1909/2017).

De pronto, Ernst se entregou à associação livre, técnica fundamental da psicanálise, e trouxe várias lembranças de seu passado remoto e recente. Na primeira sessão, relatou um pouco sobre sua ativa vida sexual infantil. De acordo com o paciente, por volta dos quatro ou cinco anos de idade, teve algumas experiências sexuais com belas e jovens governantas que trabalhavam em sua casa e que, segundo ele, permitiam que ele tocasse em seus genitais. Com o passar do tempo, o paciente desenvolveu um desejo de ver mulheres nuas, que era acompanhado de um temor obsessivo: “se tenho o desejo de ver uma mulher nua, meu pai vai morrer” (Freud, 1909/2017, p. 23).

Foi um acontecimento em específico, ocorrido no verão de 1907, que conduziu ao agravamento¹⁶ do quadro obsessivo do paciente. Essa experiência será o núcleo da análise. Ernst estava em um exercício militar na Galícia (Espanha), quando um dia ouviu um capitão contar um castigo aplicado no oriente. Esse homem era um sujeito afeito a crueldades, que defendia o uso de castigo corporal, ao qual o paciente era contrário. Com muita resistência, contou para Freud que o castigo consistia em amarrar um homem e colocar sobre suas nádegas um recipiente com ratos, que então perfurariam o ânus do indivíduo. Freud (1909/2017) percebeu que a expressão facial do paciente denotava um “horror ante um prazer seu que ele próprio desconhecia” (p. 27). Naquela ocasião, logo após ouvir a história, veio ao paciente a ideia de que aquilo aconteceria com a dama que amava ou com seu pai. Esse temor era absurdo, visto que o pai do paciente já havia falecido há nove anos – o que não impedia que permanecesse vivo em sua fantasia. Essa ideia era acompanhada de uma sanção, uma medida defensiva, que deveria ser tomada para evitar a realização do castigo.

¹⁶ A obsessão já se manifestava há anos, eclodindo em 1901, dois anos após a morte do pai. Antes de buscar Freud, Ernst já havia procurado tratamento com outros médicos (Roudinesco & Plon, 1998).

No mesmo dia em que ouviu essa história, Ernst perdeu seu pincenê em um exercício militar. Em seguida, solicitou ao seu oculista em Viena que lhe enviasse outro pelo correio. Dois dias após o ocorrido, quem lhe entregou o novo pincenê foi aquele mesmo capitão, pedindo a Ernst que pagasse a soma devida ao tenente A. Em dívida com esse tenente, o paciente passou a ser dominado por obsessões: não deveria pagar a dívida; caso contrário, o castigo seria infligido contra a dama amada e o pai (Freud, 1909/2017). Para combater essa interdição, surgiu um juramento: deveria pagar a dívida com o tenente A. Juramento esse impossível, porque Ernst já sabia de antemão, mas omitiu para si e para Freud, que aquele tenente não havia pagado o pincenê. A partir desse momento, a narrativa da história clínica se tornou “irremediavelmente confusa” (Freud, 1909/2017, p. 29), o paciente relatando as diversas tentativas, fracassadas, de cumprir seu juramento.

Com o andar do tratamento, a relação de Ernst com seu pai progressivamente se tornou o assunto principal das sessões. Na quarta sessão, o paciente decidiu falar sobre a morte do pai, ocorrida há nove anos e que o atormentava desde então. Na noite da morte do pai, por não achar que o pai corria risco de vida, o paciente decidiu se deitar, porém quando acordou ele já havia morrido. O paciente se recriminou por, em razão de sua negligência, não estar presente na hora de sua morte. No entanto, somente um ano e meio depois – quando da morte de uma tia – é que essas recriminações, a culpa, passaram a torturá-lo, fazendo com que se sentisse um verdadeiro criminoso responsável pela morte do pai, mesmo conscientemente sabendo que não o era.

Alguém pouco familiarizado com a psicanálise diria que o paciente exagerava, porém o psicanalista, e assim o fez Freud, deve sempre considerar o afeto do paciente justificado. A culpa do paciente estaria deslocada para outra representação que não a original, tendo-se estabelecido uma falsa conexão, mecanismo já descrito por Freud em 1894 (1986) e característico da neurose obsessiva. A representação original haveria permanecido inconsciente e caberia ao psicanalista procurá-la, descobrir por que de fato o paciente se sentia tão culpado (Freud, 1909/2017). Diferentemente da histeria, em que o recalque opera produzindo a amnésia dos motivos da doença, o recalque, na neurose obsessiva, conduz a uma perda dos nexos lógicos, fruto do mecanismo de deslocamento (Freud, 1909/2017).

Nesse caminho, o paciente retornou à sua infância nas sessões seguintes, como se soubesse que as representações originais inconscientes deveriam ser ali buscadas. Aos poucos foram trazidas à tona várias situações em que veio ao paciente a ideia da morte do pai. Por exemplo, quando tinha doze anos gostava de uma menina, que não o correspondia. Então, pensou que se uma desgraça ocorresse a ele, como a morte do pai, ela seria carinhosa com ele. Mais tarde em sua vida, seis meses antes da morte do pai, Ernst já estava apaixonado pela sua

dama, no entanto um casamento não seria viável em função de precárias condições econômicas, além do pai ser contrário à sua realização. Então, pensou que se o pai morresse ele se tornaria rico e poderia se casar com ela. O paciente lutou intensamente contra essas ideias, chegando ao ponto de desejar que o pai não deixasse para ele nenhuma herança, assim não receberia vantagem com sua morte. Ernst se surpreendeu com a existência de tais pensamentos, pois para ele a morte do pai não seria de forma algum seu desejo, e sim um medo. Considerava inclusive que deveria morrer por causa de seus pensamentos, merecendo tamanha punição.

No entanto, para Freud (1909/2017) o sentimento de culpa por seus pensamentos contradiz suas declarações de que não tinha desejos hostis em relação ao seu pai. Se Ernst se sente culpado, é porque em algum momento teria tido tais desejos. Além disso, o medo da morte do pai, seu forte amor ao pai, eram justamente os indicativos da existência de um desejo reprimido. Conforme afirma Freud (1909/2017), o “amor intenso é condição para o ódio reprimido” (p. 40). Considerando o material clínico relatado, Freud (1909/2017) defende que durante a infância do paciente esteve presente uma forte hostilidade em relação ao seu pai, sentido como um empecilho à realização de seus desejos sexuais e ao seu erotismo precocemente manifesto. Essa hipótese foi recebida com muita resistência, o paciente negando qualquer tipo de ódio, até mesmo afirmando que o pai era seu melhor amigo. Isso não sem confessar que divergiam particularmente em um domínio: o amor, isto é, com qual moça Ernst deveria casar-se. Assim, sem querer, o paciente revelava a precisão da hipótese freudiana do pai como empecilho à vida amorosa.

Apesar das resistências do paciente, uma cena infantil vivenciada por ele confirmava a tese de Freud. O próprio paciente não se lembrava da cena, mas a sua mãe o havia contado várias vezes que quando era bem pequeno teria mordido alguém (a mãe acreditava ser a babá) e por consequência teria sido fortemente surrado pelo pai. No meio dos golpes, como ainda não conhecia palavras, começou a xingá-lo de “Seu lâmpada! Seu lenço! Seu prato!” (Freud, 1909/2017, p. 67). Diante da explosão de raiva do filho, o pai parou a surra e disse: “esse menino será ou um grande homem ou um grande criminoso!” (Freud, 1909/2017, p. 67). Essa vivência teria provocado grande impacto tanto no pai – que nunca mais o surrou – quanto no paciente, que passou a ter grande medo de golpes e da potência de sua própria raiva.

Freud (1909/2017) destaca a dificuldade em comprovar a ocorrência das histórias que remontam à primeira infância. De qualquer forma, sendo pequena ou grande a influência de vivências reais, verifica-se que são sempre produzidas as mesmas fantasias a respeito da infância. Isso ocorre devido às características da vida sexual infantil:

O teor da vida sexual infantil consiste na atividade autoerótica dos componentes sexuais dominantes, em traços de amor objetal e na formação do complexo que poderíamos chamar de complexo nuclear das neuroses, que compreende os primeiros impulsos carinhosos ou hostis ante os pais e irmãos, depois que a curiosidade do pequeno é despertada, geralmente pela chegada de um novo irmãozinho. (Freud, 1909/2017, p. 70).

Quer dizer, a rivalidade sentida por Ernst em relação ao seu pai – um perturbador de sua sexualidade autoerótica e de seu desejo incestuoso pela mãe – se inscreve dentro da lógica do complexo de Édipo, já descrito por Freud (1897/1996d) como universal e aqui apontado como complexo nuclear das neuroses.

O paciente continuava incrédulo quanto a seus desejos hostis frente a seu pai. Isso mudou somente quando (re)viveu sua raiva na transferência com Freud. Ele passou a ter pensamentos, sonhos e devaneios em que xingava Freud e sua família. Ao mesmo tempo que relatava isso a Freud, afastava-se dele porque tinha medo de que o surrassse, temia ser punido. Só então que Ernst se lembrou com clareza de como seu pai era alguém violento, incapaz de controlar a própria violência, podendo chegar ao limite. Convenceu-se, portanto, dos desejos hostis que nutria por seu pai, esse homem violento e implacável.

Segundo Freud (1909/2017), no paciente está presente algo que é característico dos neuróticos obsessivos: a ambivalência afetiva¹⁷. Ao mesmo tempo que Ernst odeia o pai, ele também o ama, ficando dividido. Ocorre que o amor não consegue acabar com o ódio, ele é capaz somente de expulsá-lo em direção ao inconsciente, no qual permanece atuando sem a interferência da consciência. Nesse caso, para controlar o ódio, mantendo-o no inconsciente, o amor precisa se tornar muito intenso. Freud (1909/2017) propõe que a precoce separação de amor e ódio e o recalque de um deles, frequentemente o ódio – em especial ao pai –, é uma das exigências para o desenvolvimento da ambivalência afetiva como na neurose obsessiva.

Essa ambivalência para com o pai é manifesta em diversos sintomas. Ela está expressa, por exemplo, nas circunstâncias da prática masturbatória pelo paciente. Ele relata a Freud que se masturbava somente em situações excepcionais, como em certa ocasião em que sentiu o ímpeto de se masturbar ao ouvir uma corneta ser tocada à tarde no centro da cidade, ato que logo em seguida foi proibido por um guarda. Freud (1909/2017) notou que essa e outras ocasiões sempre envolviam uma proibição e um desafio à ordem. Isto é, o paciente conseguia obter prazer somente quando havia a contestação de uma autoridade, que encontra representação máxima na figura pai, um empecilho à sexualidade. Nesse sentido, é interessante

¹⁷ Freud tomou esse termo emprestado de Eugen Bleuler (1857-1939). Ele é introduzido na obra freudiana somente três anos depois em *A dinâmica da transferência* (1912/2016), porém a ideia de amor e ódio dirigidos à mesma figura já estava presente em *O homem dos Ratos* (1909/2017) e *O pequeno Hans* (1909/2021) (Laplanche & Pontalis, 2001).

destacar que Ernst teve sua primeira relação sexual e começou a masturbar-se somente após a morte do pai. Inclusive, após essa primeira relação, pensou que era algo tão prazeroso pelo qual valeria a pena matar o pai.

Ainda, durante seus estudos, cultivava uma fantasia de que o pai estava vivo e poderia retornar à vida a qualquer momento. Durante a noite, ao estudar, fazia uma pausa entre meia-noite e uma hora e abria a porta do apartamento como se o pai o esperasse, retornava e olhava seu pênis no espelho. Esse ato obsessivo atendia às duas correntes afetivas presentes no paciente. Como sempre fora um estudante pouco dedicado quando o pai era vivo, ao retornar ele ficaria contente com sua dedicação, agradando-o. Porém, de outro lado, olhar para o pênis no espelho era uma forma de desafiá-lo, revelando seus sentimentos hostis (Freud, 1909/2017).

Os sintomas que envolviam sua dama também expressavam a luta entre amor e ódio presente em sua relação com ela. Em certa ocasião, a dama partiu em viagem em sua carruagem e no mesmo caminho em que ela percorreria Ernst encontrou uma pedra no meio da estrada. Ele se sentiu obrigado a retirá-la, pois poderia quebrar a carruagem, no entanto após alguns minutos teria achado absurda sua ação e colocou a pedra novamente no mesmo lugar. Nesse ato, as duas tendências eram satisfeitas uma de cada vez. Retirar a pedra do caminho seria um ato de amor para com a dama, porém ao recolocá-la desfez o ato, possibilitando que a moça se machucasse (Freud, 1909/2017).

A ambivalência afetiva traz consigo o sentimento de culpa que o atormenta e pune por cultivar desejos hostis por alguém que tanto ama. Em certa ocasião, Ernst e a dama passeavam de barco quando, de repente, soprou um forte vento. Imediatamente, ele a obrigou a colocar seu chapéu porque surgiu o imperativo de que “nada podia acontecer à amada” (Freud, 1909/2017, p. 50). Segundo Freud (1909/2017), essa obsessão em proteger seria uma reação, uma penitência, um arrependimento pela culpa por ter dirigido um impulso hostil à dama. A raiva que sentia pela dama remontava a um acontecimento anterior que deixou fortes traços. Ao se despedir dela em Viena, o paciente entendeu que com uma de suas frases ela o havia desprezado diante dos outros, entristecendo-se com o ocorrido. Na estação de veraneio, pôde esclarecer essa situação com a moça, que lhe assegurou que quis somente protegê-lo. No entanto, permaneceu no paciente a dúvida se seu amor era correspondido, se ela realmente o amava (Freud, 1909/2017).

Ao longo do tratamento, Freud (1909/2017) identificou que os impulsos suicidas do paciente também estariam relacionados com a ambivalência afetiva. A sua obsessão em emagrecer é um exemplo disso. Certo dia, durante sua estadia em uma estação de veraneio, Ernst achou que estava muito gordo (em alemão escreve-se *dick*) e decidiu que deveria

emagrecer. Antes da sobremesa, saiu correndo pela rua sob o sol de verão, sem chapéu, indo até a montanha e eventualmente precisou parar por causa do cansaço e do suor. A tendência suicida por trás dessa obsessão em emagrecer ficou mais evidente quando, à beira de um precipício na estação de veraneio, foi tomado pelo impulso de se jogar. Aparentemente sem sentido, essa obsessão se explicou quando Ernst se lembrou que sua amada também estava na estação, porém junto de um primo chamado Richard, cujo apelido na Inglaterra era *Dick* e que a tratava com muito zelo. A verdade é que o paciente sentia muito ciúme desse primo, desejava matá-lo. A obsessão era uma forma de punir-se por esses desejos pelos quais se sentia inconscientemente culpado, impondo a si mesmo a dor daquele emagrecimento radical. Ou seja, seus impulsos suicidas tinham função de autopunição e surgiram como uma espécie de reação à raiva sentida por esse primo que dificultava a realização de seus desejos amorosos, lugar originalmente ocupado pelo pai (Freud, 1909/2017).

O juramento ao qual o paciente se submeteu para pagar o tenente A. era também uma forma de autopunição pelos desejos hostis. Ocorre que o paciente omitiu de si mesmo e de Freud que sabia, antes mesmo de falar com o capitão, que quem na realidade havia pagado o pincenê era a funcionária do correio. Assim, quando o capitão lhe entregou o pincenê, solicitando que reembolsasse o tenente A., Ernst o respondeu com uma piada em que zombava do pai e da amada: “sim, pagarei o dinheiro a A. quando meu pai e minha amada tiverem filhos” (Freud, 1909/2017, p. 80). Por ter insultado os dois, como forma de autopunição, o paciente se impôs o juramento obsessivo impossível de cumprir: pagar o tenente A. O paciente fechou os olhos para o erro do capitão, obrigando-se mesmo assim a cumprir o juramento, como se quem o tivesse enunciado fosse seu pai, aquele que nunca erra. Isso porque, de acordo com Freud (1909/2017), ao ouvir o suplício dos ratos, logo veio à mente do paciente a cena infantil da mordida, de tal forma que o capitão – defensor dos suplícios – passou a ocupar o lugar do pai, o qual tinha lhe dado uma surra na ocasião da mordida.

A onipotência de pensamentos, um traço típico da neurose obsessiva, contribuía para que o paciente se sentisse ainda mais culpado pelos seus desejos hostis, assim se punindo violentamente por meio dos sintomas. Há tanto uma onipotência do amor quanto do ódio, mas Freud (1909/2017) sublinha que na neurose obsessiva o paciente superestima “o efeito dos seus sentimentos hostis sobre o mundo exterior” (p. 96). Esse traço deriva de uma “velha mania infantil de grandeza” (Freud, 1909/2017, p. 96), de uma megalomania característica das crianças. A verdade é que o amor, mas sobretudo o ódio do neurótico, tem de fato muito poder, sendo o responsável pela formação dos pensamentos obsessivos, a respeito dos quais não sabe a origem e tenta defender-se sem sucesso.

Nota-se que o personagem principal da análise de Ernst, paciente neurótico obsessivo, é o pai (Mezan, 1986). O recalque do ódio do paciente pelo pai é considerado por Freud (1909/2017) como fator determinante para o surgimento da neurose obsessiva: “na repressão do ódio infantil ao pai enxergamos o evento que impeliu tudo o que sucedeu depois para o âmbito da neurose” (p. 100). O sentimento de culpa e as autorrecriações do paciente remontam todos ao ódio ao pai, operando de forma a punir o neurótico pela sua hostilidade. Esse ódio encontra suas raízes na infância, no complexo de Édipo, quando o pai se mostrou um obstáculo ao seu amor incestuoso pela mãe. Esse conflito entre a vontade do pai e seus desejos sexuais rege a neurose obsessiva do paciente e atravessa todos os seus sintomas (Freud, 1909/2017).

Seu adoecimento foi uma resposta a esse conflito fundamental que já existia desde a infância: obedecer ao pai amado e temido ou fazer valer a sua vontade? Logo após a morte do pai, sua mãe sugeriu que se casasse com uma moça rica após os seus estudos, o que lhe auxiliaria em sua vida profissional. Ele então se encontrou no conflito de decidir entre a moça rica e a dama com quem pretendia casar-se, de família modesta. Seu pai já havia expressado não aprovar o casamento com a moça pobre. A solução encontrada por Ernst foi adoecer. Com a doença, na verdade, eximiu-se de resolver o dilema, atrasando seus estudos e postergando a decisão entre as damas, permanecendo na dúvida, grande aliada na formação de sintomas obsessivos.

O paciente obsessivo se encontrava identificado ao pai, que também teve que decidir entre a moça rica e a pobre, por fim optando pela rica, sua mãe (Freud, 1909/2017). Além disso, a história do suplício e o aviso para que pagasse sua dívida com o tenente A. impactaram tão fortemente o paciente, pois estava inconscientemente identificado com o pai, que também havia servido ao exército. O pai havia contraído uma dívida de jogo e um colega do exército o ajudou a pagá-la, pois naquele momento não tinha condições. Porém, nunca mais encontrou esse colega, possuindo uma dívida impossível de quitar. Como o pai, Ernst se sentiu um devedor, assumindo também uma dívida impossível de pagar.

Quanto ao impacto que o castigo relatado pelo capitão teve sobre Ernst, Freud (1909/2017) destaca que ele tocara no erotismo anal do paciente, despertando seus “impulsos de crueldade egoísta e sexual prematuramente suprimidos” (p. 77), visíveis nos gestos e expressões no relato a Freud, bem como típicos do estágio de organização pré-genital sádico-anal (Freud, 1913/2016a). Assim como pontuado anteriormente, a neurose obsessiva se caracteriza por uma regressão a esse estágio, ponto de fixação da libido no qual impera a oposição ativo (pulsão de dominação, sádica) e passivo (erotismo anal) (Freud, 1913/2016a).

No tratamento analítico, foi possível destrinchar os vários significados simbólicos que os ratos (*Ratten*) adquiriram nesse caso: estavam ligados ao pênis, mas sobretudo à sujeira, às fezes e, portanto, ao dinheiro.

Na língua alemã, a palavra para ratos (*Ratten*) se assemelha muito àquela para prestações (*Raten*), o que se articula com as conclusões de Freud em *Caráter e erotismo anal* (1908/2021) sobre a relação entre fezes e dinheiro. As fezes são consideradas aquilo que há de mais repugnante, enquanto o dinheiro seria aquilo que há de mais valioso. Além dessa associação como opostos, as fezes também são sinal de obediência e o maior presente que a criança poderia oferecer ao responsável por seus cuidados, valor que também é característico do dinheiro (Freud, 1908/2021). Ratos se associavam às fezes porque são imundos e transmitem doenças como sífilis, muito frequente no exército e que colocava sob dúvida a conduta do pai durante essa época. De outro lado, o pênis é transmissor da sífilis. Portanto, rato também poderia significar esse órgão sexual, que na criança se assemelha a um verme (Freud, 1909/2017). Quando pequeno, Ernst, por um longo período, sofreu com vermes intestinais, de tal forma que já teria sentido algo semelhante ao suplício em que os ratos entravam e mexiam-se no ânus (Freud, 1909/2017). Todos esses elementos teriam reavivado o erotismo anal recalçado do paciente.

A respeito do dinheiro, a dívida que Ernst contraiu ao encomendar outro pincenê o teria lembrado da dívida (*Raten*) contraída pelo pai, considerado um rato de jogo (*Spielratte*) durante sua época no exército, dívida que nunca pode ser paga e figurava como evidência do fracasso do pai. Nessa esteira, a associação “ratos-prestação-rato de jogo” lhe lembrou dos interesses financeiros ligados à herança do pai, a qual lhe permitiria a liberdade sexual para se casar com sua dama amada. Importante também mencionar que a dívida (*Raten*) havia sido comunicada pelo capitão cruel, favorável à execução de castigos, o que associou com o seu pai, que por vezes poderia ser muito violento e já havia batido nele. A relação entre fezes-dinheiro se manifestou de forma notória na moeda inventada por Ernst, que sempre ao pagar a sessão dizia “tantos ratos – tantos florins” (Freud, 1909/2017, p. 76).

A partir de uma associação da tortura com a personagem “Senhora dos Ratos” da história *O pequeno Eyolf* de Henrik Ibsen (1828-1906), chegou-se à conclusão de que nos delírios os ratos também significariam crianças (Freud, 1909/2017). Inclusive, um dia, ao ir ao cemitério visitar o túmulo do pai, viu um animal que pensou ser um rato e imaginou que ele deveria ter acabado de comer seu pai. Associa-se a imagem do rato a de um animal sujo que morde, que “se alimenta de excrementos e vive em esgotos” (Freud, 1909/2017, p. 76), porém na realidade para Ernst é uma espécie que também é perseguida. O paciente tinha compaixão

pelos ratos porque ele mesmo havia sido um pequeno ser nojento e sujo e quando com raiva poderia morder, e em certa ocasião foi punido por isso. Em função de todas essas associações, a história do suplício dos ratos como que evocou/avivou o complexo paterno do paciente – sua ambivalência para com o pai – e seu erotismo anal, pelos quais se sentia culpado e inconscientemente se punia por intermédio dos sintomas obsessivos.

Ao final do caso, Freud (1909/2017) destaca a oscilação a que Ernst estava sujeito, apesar de ser um rapaz inteligente e ponderado, rapidamente se tornava supersticioso e severo consigo mesmo. Para o autor, é como se o paciente estivesse dividido em três personalidades distintas: duas pré-conscientes e uma inconsciente. A personalidade inconsciente é onde residem as pulsões infantis recalcadas. Uma das suas personalidades pré-consciente é seu estado “normal”, em que ele é “bom, alegre, superior, prudente e esclarecido” (p. 111). A outra personalidade, “uma terceira organização psíquica” (p. 111), é governada pela superstição e pela disciplina. Nela, são localizadas as formações reativas aos desejos recalcados. Seria por causa dessa divisão de personalidades no nível pré-consciente que o paciente acreditava simultaneamente em ideias tão opostas. Se a doença tivesse continuado, essa terceira organização psíquica teria consumido a pessoa normal do paciente (Freud, 1909/2017). Nesse sentido, Freud (1909/2017) menciona outro caso grave de neurose obsessiva em que observou essa divisão de personalidades: uma paciente relatava ser dividida em um “Eu oficial” jovial e indulgente e em um “Eu austero” sombrio e rígido que domina o oficial, ambos tendo acesso à consciência.

3.3 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

Ao longo deste segundo capítulo foi possível analisarmos as relações traçadas entre a neurose obsessiva e o sentimento de culpa na primeira tópica freudiana. Em *A instrução judicial e a psicanálise* (1906/2021), apesar de não mencionar a neurose obsessiva, identificamos a presença de uma relação entre as autorrecreminações – como pontuado no primeiro capítulo, sintoma típico da neurose obsessiva – e a culpa: aquele que se recrimina o faz porque se sente culpado. A culpa faz com que o neurótico se sinta como um verdadeiro criminoso, porém, curiosamente, ele desconhece o crime que cometeu. Verificamos que, ao traçar uma analogia entre o neurótico e o criminoso, Freud (1906/2021) nos sugere uma relação entre sentimento de culpa, sexualidade e punição. Assim como o criminoso, o neurótico guardaria um segredo de natureza sexual oculto de sua própria consciência. Esse segredo atua na forma de uma “má consciência”, que é responsável por punir o indivíduo.

Em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/2021), a culpa é incluída dentro do mecanismo da neurose obsessiva e tem suas relações com a sexualidade e a punição delineadas. Vimos que os rituais e cerimoniais obsessivos possuem um significado sexual. A sexualidade não se refere mais a uma experiência de sedução por um adulto, mas a uma manifestação da pulsão sexual – força motriz da sexualidade – que surge na infância por apoio e desvio da satisfação das necessidades biológicas (Freud, 1905/2016). A constituição da pulsão sexual é concomitante à emergência do registro psíquico, o Eu sendo o local do circuito pulsional. Ambos passam por um processo de desenvolvimento em que primeiro as pulsões parciais se satisfazem autoeroticamente no corpo erogeneizado do próprio bebê, sucedem-se fases em que predominam certas zonas erógenas e um tipo especial de relação com o objeto, até por fim na puberdade chegar-se até o predomínio da zona genital. Nessa perspectiva, a criança perdeu sua pretensa inocência e é considerada um perverso-polimorfo. É importante destacar que a sexualidade sempre será infantil porque a pulsão não possui nenhum objeto específico para se satisfazer, está fadada a ser parcial.

Constatamos que a neurose obsessiva se caracteriza por uma regressão ao estágio de organização sexual sádico-anal no qual predomina a zona erógena anal. Essa fase é marcada pela oposição ativo-passivo. Sua corrente ativa se manifesta nas pulsões de apoderamento e sádicas, já a passiva está representada no erotismo anal. A relação com os objetos é atravessada pelo simbolismo próprio às fezes: o dar e o receber. Chegamos à conclusão de que a fixação nesse estágio produz diversas formações reativas: a ordem, a parcimônia, a teimosia, além de uma “supermoral” para proteger o outro de seu sadismo. A sexualidade infantil fornece as bases para no próximo capítulo investigarmos com mais detalhes como transcorre o desenvolvimento do Eu.

Nesse sentido, verificamos que a neurose obsessiva se funda no recalque de um componente da pulsão sexual. Esta continua viva no Inconsciente e produz um sentimento de culpa originário dos processos psíquicos infantis. Constatamos que o obsessivo, para se defender, cumpre rituais e cerimoniais porque se sente inconscientemente culpado e teme uma punição. Quanto à natureza desse sentimento, identificamos que Freud o considera inconsciente e tentou explicar essa contradição em *O inconsciente* (1915/2016), contudo permanece no horizonte a possibilidade da presença de algo inconsciente no Eu.

Vimos que em alguns textos posteriores aos inicialmente trabalhados, Freud (1916/2016, 1917/2019a) confirma a relação entre a sexualidade e a culpa, vinculando essa última mais especificamente ao complexo de Édipo e “tendências julgadoras e punitivas” (p. 263) da consciência ligadas a ele. A culpa pelos desejos inconscientes edípicos parricidas e

incestuosos leva os indivíduos, por exemplo, a adoecerem no êxito ou a cometerem pequenos delitos para aliviá-la. Para essas tendências julgadoras, não há diferença entre desejo e ato. O desejo é o suficiente para a culpa emergir e para o indivíduo se sentir como criminoso ou pecador. É evidente, portanto, a natureza punitiva dessa culpa que conduz ao adoecimento e que por vezes é tão grande que o próprio indivíduo se pune para expiá-la (Freud, 1907/2021).

Na segunda parte deste capítulo, em nossa análise do caso *O homem dos ratos* (1909/2017), a culpa e os sintomas obsessivos são aproximados com a introdução de noções como a ambivalência afetiva – especialmente forte na relação com o pai e vinculada ao complexo de Édipo – e a onipotência dos pensamentos. Para Freud (1909/2017), por trás de todos os sintomas de Ernst está uma culpa por ter nutrido sentimentos hostis para com o pai. Essa culpa é produto de uma outra dimensão da relação com o pai: o amor por ele. Porque o ama, o obsessivo se sente culpado por odiá-lo. Essa é uma postura de ambivalência afetiva, especialmente forte nos neuróticos obsessivos e que remonta às relações com os pais no Édipo, quando o pai é odiado por ser um empecilho no acesso à mãe, mas também adorado (Freud, 1909/2017). No adoecimento, a corrente amorosa pode também se satisfazer, o que percebemos nas identificações estabelecidas com o pai. Observamos novamente a relação entre culpa e punição, pois os sintomas de Ernst se mostraram formas inconscientes de puni-lo pelos desejos hostis pelos quais se sentia culpado, dinâmica manifesta claramente em seus impulsos suicidas. Ainda, apontamos que a culpa é intensificada pela onipotência dos pensamentos, que faz com o indivíduo sinta que os seus desejos são tão poderosos ao ponto de afetar os outros como atos.

O pai é o personagem central desse caso, que permanece vivo na realidade psíquica mesmo após a morte (Mezan, 1986). Constatamos que a ambivalência afetiva para com ele constitui ponto nodal da neurose obsessiva e do sentimento de culpa. Identificamos esse mesmo protagonismo do pai nos outros casos de neurose obsessiva já mencionados neste trabalho, além da morte do pai novamente ser localizada como momento decisivo na história da doença. A morte do pai era desejada por Ernst há muito tempo e, quando se realizou, mesmo que não por sua causa, a doença emergiu, similarmente ao apontado por Freud em *Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica* (1916/2016).

Ainda em relação ao *Homem dos Ratos* (1909/2017), foi possível identificar que o agravamento da neurose obsessiva do paciente coincidiu com o despertar dos impulsos cruéis e erotismo anal do paciente, indicativo de sua fixação na fase sádico-anal de organização da sexualidade. Os ratos no castigo relatado pelo capitão assumiram vários significados simbólicos, sendo associados com sujeira, fezes, dinheiro e pênis. Quando pequeno, o próprio

Ernst teria agido como um rato, manifestando toda a sua hostilidade no episódio da mordida e também na ocasião em que xingou o pai.

Destacamos que a neurose obsessiva deu indícios para Freud de uma divisão de personalidades, uma gradação, tripartição do Eu. A análise de *O homem dos Ratos* (1909/2017) sugeriu a existência de uma “terceira organização psíquica” (p. 111) dominada pela disciplina. Era como se Ernst fosse dividido em três personalidades: uma inconsciente, na qual estão as pulsões recalçadas; outra pré-consciente, seu estado normal e esclarecido; e a terceira também pré-consciente, mas supersticiosa e rígida. Em outro caso, a própria paciente obsessiva relatou se sentir dividida em um “Eu oficial” e outro “Eu austero” (Freud, 1909/2017, p. 111). As características desse “Eu austero” se assemelham àquelas que posteriormente serão atribuídas ao Ideal do Eu e Supereu. De igual forma, a tripartição do aparelho psíquico será efetuada na segunda tópica, o que veremos nos próximos capítulos.

Ao localizar essa severidade e rigidez no Eu, anuncia-se a Freud a necessidade de pesquisar o desenvolvimento do Eu e de suas funções. O contato com a neurose obsessiva e o sentimento de culpa indicam a existência de algo inconsciente e “mau” no nível do Eu. Ao longo de todo o capítulo vimos que Freud se refere a uma forma de “consciência má”, “consciência especial”, e com “tendências julgadoras e punitivas” (Freud, 1906/2021, 1907/2021, 1916/2016).

A dinâmica punitiva da moralidade e do sentimento de culpa na neurose obsessiva, a suspeita de uma gradação, ou melhor, de uma tripartição do Eu, são todos elementos discutidos neste capítulo que culminarão na formulação do conceito de ideal do Eu em *Introdução ao narcisismo* (1914/2016a) e *Luto e melancolia* (1917/2016). Nesses textos, Freud defenderá a ideia de que o Eu passa por um processo de desenvolvimento em que as identificações no Édipo deixam como marca uma diferenciação no Eu: o ideal do Eu, responsável pela ordem moral e crítico de outra parte do Eu – similarmente ao que antes identificou como “Eu austero”. Inicialmente uma função e progressivamente uma instância do Eu, no próximo capítulo examinaremos como a elaboração desse conceito pouco a pouco apontou para uma gradação do Eu e exigiu uma reestruturação do aparelho psíquico em Eu, Isso e Supereu, apresentada pelo autor em seu artigo *O Eu e o Id* (1923/2019b).

4 UMA FORÇA DEMONÍACA NO PSIQUISMO

Neste capítulo, nosso objetivo é identificar como, progressivamente, Freud precisou considerar a existência de um Eu sujeito a gradações, largamente inconsciente e no qual operam forças destrutivas. Anteriormente, verificamos que o estudo sobre a neurose obsessiva indicou para Freud a possibilidade de o Eu ser tripartido, uma parte dele sendo “austera”. Ainda acerca dessa austeridade, os sintomas obsessivos revelavam a presença de tendências punitivas no psiquismo, responsáveis por aprisionar o indivíduo no sofrimento, como no caso dos pacientes que fracassam no êxito. Nessa esteira, nosso percurso partirá de um estudo sobre o narcisismo, no qual poderemos localizar o que poderia ser o “Eu austero” ao qual Freud se referia. Seguindo para a melancolia, será possível demarcarmos o processo de gradação do Eu – marcado pelas identificações – e a extrema crueldade que é capaz de ter consigo mesmo. Isso exigirá de nós que avancemos em direção ao conceito de pulsão de morte e analisemos sua formulação, que nos parece ser fundamento para a compreensão dessa crueldade intrapsíquica. Realizado esse percurso, teremos percorrido os elementos essenciais que nos permitirão compreender, no próximo capítulo, a formulação freudiana conhecida como segunda tópica, e em especial, o modo como o Supereu opera no psiquismo.

Com essa proposta, esse capítulo se organizará em duas grandes partes. Em um primeiro momento, nós almejaremos compreender como, a partir da proposição de uma fase narcísica de desenvolvimento da libido, Freud formulou a noção de Eu ideal e ideal do Eu, dando ênfase às relações deste com a identificação e à sua atuação crítica na melancolia. Para tanto, iniciaremos pelo texto *Introdução ao narcisismo* (1914/2016a), a partir do qual examinaremos no que consiste o estágio do narcisismo e como dele se estrutura uma função do Eu nomeada ideal do Eu, cujas principais funções são a auto-observação e a autocrítica. Em seguida, com base em uma incursão em *Luto e melancolia* (1917/2016), analisaremos a atuação cruel do ideal do Eu na melancolia e o papel da identificação nessa afecção e na constituição e gradação do Eu.

Considerando a neurose obsessiva e a melancolia como afecções em que são manifestas tendências punitivas e sádicas, na segunda parte deste capítulo investigaremos a formulação do conceito de pulsão de morte em *Além do princípio de prazer* (1920/2021), em que é apresentado pela primeira vez. Restringir-nos-emos à pulsão de morte como é definida nesse texto, os desdobramentos conceituais dessa transformação sendo abordados no próximo capítulo. Primeiramente, destacaremos quais foram os principais elementos que revelaram a Freud a necessidade de supor a existência de forças psíquicas mais primitivas que o princípio

de prazer. Em seguida, identificaremos no que consiste cada um dos grupos de pulsões e aquilo que os fundamenta. Por fim, analisaremos a relação entre pulsões de vida e de morte, destacando como estão essencialmente ligadas, caracterizando-se como modos de ser da pulsão (Garcia-Roza, 1993). Comentadores permearam nossa discussão ao longo do capítulo, fornecendo-nos fundamentos e operando como referência para as nossas considerações.

4.1 O DESENVOLVIMENTO E GRADAÇÃO DO EU

No capítulo anterior, verificamos que o estudo da neurose obsessiva e, com ela, o sentimento de culpa, possibilitou a Freud a descoberta de alguns elementos integrantes da vida psíquica, como, por exemplo, a ambivalência afetiva e a onipotência dos pensamentos. Destacamos a sua relevância principalmente por anunciar a presença de uma tendência punitiva no psiquismo e sua relação com o complexo de Édipo, além de indicar a necessidade de uma maior investigação acerca do desenvolvimento do Eu, já que nele poderia subsistir algo inconsciente e até mesmo ser tripartido. Nos anos que se seguem à publicação de *O homem dos ratos* (1909/2017), o Eu progressivamente se tornou um dos principais temas de investigação de Freud. O debate acerca das psicoses, que permeava suas discussões com Jung, desempenhou importante papel nesse crescente interesse (Laplanche & Pontalis, 2001). Anunciava-se a necessidade de um aprofundamento acerca do funcionamento e constituição do Eu e sua relação com a sexualidade.

Em *Totem e tabu* (1913/2016b), já se percebia o empenho de Freud em fornecer um modelo detalhado de desenvolvimento do Eu. A partir de uma incursão na antropologia, em que estabelece uma analogia entre os povos primitivos e as crianças, Freud propõe que a origem da moralidade e do sentimento de culpa deve ser buscada na vivência do complexo de Édipo e na consequente identificação oral estabelecida com as figuras parentais (Mezan, 1986).

O marco do posicionamento do Eu como elemento central nas reflexões freudianas se dá com a introdução do conceito do narcisismo em *Introdução ao narcisismo* (1914/2016a) (Roudinesco & Plon, 1998). Nesse texto, Freud assegurará que o Eu precisa ser desenvolvido, desempenhando a fase narcísica de organização da sexualidade importante papel nesse desenvolvimento. E o mais relevante para esse trabalho, irá propor que o narcisismo deixa como resíduo uma função do Eu nomeada ideal do Eu, responsável por observar e criticar o próprio Eu. Em textos subsequentes, esse ideal será considerado cada vez mais autônomo, uma instância dentro do próprio Eu cuja origem é situada na relação com os pais (Freud, 1917/2016, 1917/2019b, 1921/2021). Particularmente a melancolia indicará que essa instância do Eu é

capaz de atuar cruelmente atacando a si mesmo. Isso posto, neste subcapítulo nosso objetivo é analisar como foi formulado o conceito de instância ideal do Eu, sua atuação no psiquismo e seu papel na proposição de que o Eu é também inconsciente e possui gradações originárias das identificações.

4.1.1 O narcisismo e o ideal do Eu

O narcisismo assume a posição de conceito alinhado com o importante papel que desempenha na teoria psicanalítica em *Introdução ao narcisismo* (1914/2016a) (Garcia-Roza, 2008b). Ele já havia feito sua aparição em outros textos anteriores como *O caso Schreber* (1911/2016b), *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1910/2017a), *A predisposição à neurose obsessiva* (1913/2016a) e *Totem e tabu* (1913/2016b), porém neles Freud não o havia propriamente inserido em sua teoria da libido e analisado as implicações dessa extensão teórica. Foi principalmente a partir da megalomania, característica dos pacientes parafrênicos, e dos traços megalomaniacos encontrados nos neuróticos obsessivos e nos povos primitivos na forma da “onipotência do pensamento”¹⁸ que Freud (1914/2016a) precisou estender sua teoria da libido e considerar a existência de uma fase narcísica da organização da sexualidade comum a todos (Garcia-Roza, 2008b).

No capítulo anterior, vimos que a sexualidade tem como sua força motriz a pulsão sexual, que, em sua essência, visa à satisfação, não tem nenhum objeto fixo e está fadada a obter uma satisfação somente parcial (Freud, 1905/2016). É necessário um longo período de desenvolvimento para que as pulsões sexuais se organizem em torno da zona genital, configuração típica da vida adulta. Junto com a pulsão sexual, emerge também o registro psíquico, de tal forma que desenvolvimento da sexualidade e do Eu coincidem (Laplanche & Pontalis, 2001; Pinheiro, 2019). Freud (1905/2016) identificou várias etapas percorridas pela pulsão em seu desenvolvimento. A primeira – e estado original da sexualidade infantil – é o autoerotismo, quando a pulsão se expressa na forma de pulsões parciais, que se satisfazem anarquicamente nas várias zonas erógenas do bebê. De acordo com Garcia-Roza (2008b), nesse período ainda não haveria um Eu propriamente dito, somente a imagem de um corpo fragmentado composto por vários elementos dispersos.

¹⁸ De acordo com Freud (1913/2016b), essa expressão surgiu no tratamento de *O homem dos ratos* (1909/2017). Na análise desenvolvida no capítulo anterior, verificamos que Ernst acreditava que seus pensamentos tinham o poder de ações, o que inclusive aumentava sua culpa pelos desejos hostis que cultivava.

O narcisismo¹⁹ é a fase de organização da sexualidade que se segue ao autoerotismo. Nela, o indivíduo toma o próprio Eu como objeto de investimento libidinal. Dessa forma, o Eu não é mais considerado somente um mediador da realidade externa, um local pelo qual passa a energia psíquica (Laplanche & Pontalis, 2001). Ele pode ser objeto de amor assim como um objeto externo e, além disso, opera como um reservatório de libido, dele emanando os investimentos objetais. Freud (1914/2016a) propõe que primeiro a libido é investida no Eu e depois é transferida aos objetos. Conforme sua alocação, é considerada “libido do Eu” ou “libido de objeto”. Ambas funcionam num movimento de gangorra: o aumento de uma implica o da outra. Um bom exemplo seria o apaixonamento, quando se abandona a própria personalidade em favor do investimento no objeto (Freud, 1914/2016a). Essa diferenciação da libido em duas modalidades daria prosseguimento a uma hipótese freudiana anterior de que haveria uma oposição entre pulsões sexuais e pulsões do Eu (Freud, 1914/2016a).

Evidentemente, para que a libido seja investida no Eu durante o narcisismo, é necessário que já haja um Eu mais ou menos desenvolvido para o qual a libido será direcionada (Garcia-Roza, 2008b). Freud (1914/2016a) assevera que o Eu não existe desde o princípio:

[...] é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo. (pp. 18-19).

Essa “nova ação psíquica” que é acrescentada é o Eu, a formação de uma imagem unificada de si (Garcia-Roza, 2008b; Laplanche & Pontalis, 2001). A convergência dos fragmentos do corpo nessa imagem unificada é proporcionada pela revivescência do narcisismo abandonado dos pais, manifesto na atitude carinhosa que eles têm para com os filhos (Garcia-Roza, 2008b). Eles o superestimam, enxergam-no como perfeito e consideram que deve usufruir de tudo que há de melhor. Para a criança, não valem as necessidades da vida, tudo deve ser revogado: a doença, a morte, a restrição das vontades. Ela é tratada e amada como “*His Majesty the Baby*” (Freud, 1914/2016a, p. 37), nesse momento tudo gira ao seu redor, todo o investimento libidinal dos pais está direcionado para ela. De acordo com Freud (1914/2016a), na realidade esse amor objetal dos pais é extremamente infantil, uma forma de reprodução de seus próprios narcisismos, abandonados há muito tempo.

Nesse movimento de investimento libidinal dos pais, o Eu do bebê se desenvolve pouco a pouco e forma uma imagem unificada e idealizada de si, o Eu ideal, para o qual dirige

¹⁹ Lembremos que o termo “narcisismo” faz referência a Narciso, personagem da mitologia grega. No mito, Narciso é um rapaz muito belo, porém arrogante e orgulhoso. Não era capaz de se apaixonar por outras pessoas porque já estava apaixonado por si mesmo, morrendo à beira de um rio contemplando sua própria imagem.

o amor que seu Eu real recebeu dos pais (Freud, 1914/2016a). No entanto, eventualmente, a realidade se impõe, e a perfeição narcísica é perturbada pelas críticas dos pais e sobretudo pelo complexo de castração, responsável por produzir um efeito de intimidação sexual. Freud (1914/2016a) afirma que a castração é sentida diferentemente em cada sexo: o menino a sente como uma angústia em relação ao pênis, ao passo que na menina ela se manifesta na forma de uma inveja do pênis. Ocorre que a criança não é realmente capaz de renunciar à satisfação narcísica que experienciou, de tal forma que tentará recuperá-la aos moldes de um ideal do Eu, produto do encontro entre o narcisismo e as figuras parentais (Garcia-Roza, 2018). Assim, o ideal que o indivíduo impõe para si nada mais é do que uma substituição do narcisismo infantil perdido, período em que imaginava ser o seu próprio ideal (Freud, 1914/2016a).

O momento de distanciamento do narcisismo e formação de um ideal é essencial para o desenvolvimento do Eu. O amor ao Eu ideal é metamorfoseado em amor de objeto, isto é, o indivíduo investirá sua libido em certos objetos a fim de cumprir o ideal do Eu e, conseqüentemente, obter certa dose de satisfação narcísica. É então que Freud (1914/2016a) sugere existir uma instância especial no Eu responsável por garantir “a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu” (p. 41) e cuja função é observar o Eu e medi-lo tomando como referência o ideal. O autor indica que suas funções coincidem com aquelas do que é conhecido como “consciência moral”.

A assunção da existência dessa instância explicaria os delírios de ser observado presentes nas psicoses e neuroses de transferência – neurose obsessiva²⁰ e histeria. Nesses casos, os pacientes relatam terem a impressão de que seus pensamentos são conhecidos, suas ações são vigiadas e ouvem como uma voz que se dirige a eles na terceira pessoa. Essas queixas apenas revelam a existência de um poder comum a todos responsável pela auto-observação e autocrítica: a instância psíquica especial (Freud, 1914/2016a).

Essa instância se manifesta na forma de uma voz porque aquilo que estimula a formação do ideal do Eu é a crítica dos pais veiculada pela voz. Depois, são acrescentadas as influências dos educadores, das pessoas do meio em que a criança se encontra e até a opinião pública, já que instância especial, e, portanto, o ideal do Eu, estão inseridos no ideal de uma família, classe ou religião (Freud, 1914/2016a). Portanto, no ideal convergem as esferas individual e coletiva, a instância especial sendo a materialização da crítica dos pais e posteriormente da crítica da sociedade.

²⁰ Lembremos que no caso *O homem dos ratos* (1909/2017) trabalhado anteriormente, Ernst relatava que durante a infância sentia que seus pais ouviam seus pensamentos.

Além de uma instância crítica, também é uma instância “censória”. Isso porque Freud (1914/2016a) identifica o ideal do Eu – veiculado por ela – como o censor do sonho. Em *A interpretação dos sonhos* (1900/2021), verificou-se que os conteúdos latentes são distorcidos por ação de uma censura, um “poder especial” que representa as tendências recalcadoras presentes no Eu. Esse poder nada mais é que a instância crítica e o ideal do Eu, cuja formação seria essencial para o recalque, pois aumenta as exigências para com o Eu (Freud, 1914/2016a; Garcia-Roza, 2018). A atividade de ideal do Eu não apenas distorce os conteúdos do sonho, como também, por desempenhar a função de auto-observação, fornece-lhe conteúdos, principalmente no que tange ao estado em que o sonhador se encontra (a voz de um terceiro que o observa “agora ele desperta”, etc.) (Freud, 1914/2016a).

Por causa de sua função crítica, a instância especial frequentemente impede que o indivíduo cumpra o ideal do Eu e satisfaça-se ao investir nos objetos. Isso porque é muito exigente e considera muitos objetos intoleráveis, dificultando a satisfação da libido nos objetos e provocando sofrimento no indivíduo. Por exemplo, o não cumprimento do ideal produz como consequência um sentimento de culpa, cuja gênese é localizada no medo do castigo dos pais (Freud, 1914/2016a). Quer dizer, com a introdução dos conceitos de narcisismo, ideal do Eu e instância crítica, o sentimento de culpa ganha novos contornos. É manifestação da atuação do ideal do Eu no psiquismo, remontando ao medo do castigo imposto pelos pais quando não são respeitadas certas exigências, impostas na vida adulta por um ideal do Eu extremamente exigente.

4.1.2 Uma instância cruel

A melancolia é uma afecção que traz elementos fundamentais para a compreensão da formação do Eu e sua dinâmica. Em *Luto e melancolia* (1917/2016), Freud estuda a melancolia a comparando com o luto. Nesse percurso, a noção de Eu sairá largamente alterada. Será considerado sujeito a se dividir, parcialmente inconsciente, profundamente modificado pela identificação, criticado por um ideal do Eu autônomo e cruel, sendo objeto de satisfação de tendências sádicas (Laplanche & Pontalis, 2001). É nesse sentido que o estudo da melancolia nos será útil neste trabalho. Buscaremos depurar aquilo que revelou acerca do ideal do Eu e a natureza de sua relação com o Eu, destacando o papel do processo identificatório na constituição do Eu e em sua gradação.

A melancolia é definida por Freud (1917/2016) como um “abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda

atividade e diminuição da autoestima” (p. 172). Ao compará-la com o luto, Freud (1917/2016) discerne alguns de seus traços fundamentais. Ambos os quadros clínicos são reações à perda de um objeto amado, contudo nos estados melancólicos essa perda frequentemente é de natureza ideal. Ou seja, o objeto de amor não morreu, mas foi perdido, perda que é sobretudo de caráter inconsciente, diferente do luto, que é consciente. Por vezes, o melancólico até sabe quem perdeu, mas não “o que perdeu nesse alguém” (Freud, 1917/2016, p. 175).

Aquilo que é mais característico da melancolia – e ausente no luto – é a presença de um rebaixamento da autoestima manifesto em autorrecriações que se aproximam de uma delirante busca por punição (Freud, 1917/2016). O indivíduo crê que seu Eu é indigno, desprezível, insulta-se e recrimina-se, quer ser rejeitado e castigado. Inclusive, a melancolia revela um estado em que não se tem vergonha de diminuir-se ou humilhar-se na frente de outros, por vezes chegando ao ponto de abandonar os instintos que garantem a vida, não comendo e não dormindo. Contradizer o que o paciente diz não produz efeito algum. Consoante aquilo que é encontrado nos textos pré-psicanalíticos, Freud (1917/2016) demarca que é preciso tomar o afeto como verdadeiro, ou seja, deve ser justificado o que o paciente relata, ele deve ter razões para ter perdido seu amor-próprio.

Nesse sentido, ao analisar essas autorrecriações, Freud (1917/2016) descobre que na realidade foram feitas em relação a outra pessoa, alguém que ele já amou, ama ou deveria amar. Elas se voltaram contra o próprio Eu, tornando-se recriminações a si mesmo (Freud, 1917/2016). É por causa disso que na melancolia não se tem vergonha de humilhar-se diante dos outros, afinal as recriminações na verdade se referem a outra pessoa: ao se queixarem estão fazendo o equivalente a prestar queixa. Isto é, há um ponto de encontro entre Eu e objeto, em que o queixar-se sobre si representa também queixar-se do outro.

Isso ocorre porque houve uma identificação com o objeto abandonado. Inicialmente, existia uma escolha de objeto, ou seja, a libido estava ligada a algo, porém em decorrência de uma decepção ou ofensa da parte do objeto amado, a relação objetal foi abalada. Habitualmente, a libido seria retirada do objeto e realocada em um novo, todavia na melancolia o investimento objetal é cancelado. A libido retornou para o Eu e abre caminho para uma identificação do Eu com o objeto abandonado, caindo a sombra do objeto sobre o Eu (Freud, 1917/2016). Assim, a identificação se revela como uma reação à perda de um objeto, e, devido à sua ação, aquilo que era uma perda do objeto se tornou uma perda do Eu, modificando-o (Garcia-Roza, 2018).

De acordo com Freud (1917/2016), “a identificação é o estágio preliminar da escolha de objeto, e o primeiro modo, ambivalente em sua expressão, como o Eu destaca um objeto” (p. 182), a forma mais antiga de ligação com alguém (Freud, 1921/2021). Em especial, a

identificação com o objeto perdido que transcorre na melancolia é entendida por Freud (1917/2016) como uma regressão a uma forma de identificação muito antiga, característica da fase oral da libido, na qual predomina a incorporação como forma de relação com o objeto. Essa identificação já se revela ambivalente, implicando a incorporação a simultânea destruição do objeto. Ao propor isso, Freud anuncia a possibilidade de que o Eu não seja apenas remodelado por ação de identificações secundárias, mas que em seu princípio é formado por uma identificação que segue os moldes da incorporação típica da fase oral de organização da sexualidade (Laplanche & Pontalis, 2001).

Além do investimento regredir para uma identificação oral, ele também retorna para a fase sádico-anal, em que a relação com o objeto também é marcada pela ambivalência. De acordo com Freud (1917/2016), “travam-se inúmeras batalhas em torno do objeto, nas quais ódio e amor lutam entre si, um para desligar a libido do objeto, o outro, para manter essa posição da libido contra o ataque” (p. 191). Essa luta e os conflitos relativos à ambivalência se localizam no sistema inconsciente, até o momento em que o investimento libidinal abandona o objeto e vai em direção ao Eu, no qual o amor consegue sobreviver. No entanto, o ódio continuará atuante, dessa vez em relação à parte do Eu identificada ao objeto abandonado, diminuindo-a, fazendo-a sofrer e retirando disso uma “satisfação sádica²¹” (Freud, 1917/2016, p. 184).

Isso porque, com a introjeção do objeto no Eu, também uma relação é interiorizada. O conflito será então travado entre a parte do Eu identificada ao objeto e outra parte do Eu, a instância crítica (Laplanche & Pontalis, 2001). Dessa forma, de um lado, a melancolia revela que a identificação não representa somente uma forma de relação entre o indivíduo e o outro, ela é capaz de alterar profundamente o Eu do indivíduo, este “tornando-se o resíduo intrasubjetivo de uma relação intersubjetiva” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 132). De outro, indica que o Eu é passível de uma gradação, existindo uma instância dentro do próprio Eu, a qual toma o Eu como objeto – sua parte identificada ao objeto – e julga-o agressivamente sem perceber que está agredindo a si mesmo. Anuncia-se a Freud, então, uma dificuldade em identificar o Eu ao sistema Pcs/Cs, uma vez que o Eu tem gradações, partes separadas da consciência (Garcia-Roza, 2018).

A instância crítica atuante na melancolia é identificada por Freud em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2021) como sendo o já conhecido ideal do Eu, cujas origens são

²¹ Importante destacar que, de acordo Freud (1905/2016), “um sádico sempre é, simultaneamente, um masoquista” (p. 54). Isso porque, no sadismo a satisfação em infligir dores ao outro é produto de sua identificação na fantasia com o objeto violentado (Freud, 1915/2019). Portanto, na fantasia sujeito e objeto se confundem, de tal forma que não é possível conceber o sadismo sem o masoquismo e vice-versa.

encontradas na identificação estabelecida com os pais. A partir de 1917 (2016), não há mais distinção entre instância crítica e ideal do Eu, este ganha caráter de instância e considera-se que atua com certa autonomia no psiquismo. Usualmente, o ideal já incide criticamente sobre o Eu, porém na melancolia o que se observa é sua atuação “inexorável e injusta” (Freud, 1921/2021, p. 67). Fica evidente o seu potencial sádico e o sofrimento que é capaz de proporcionar quando atua violentamente, criticando o Eu excessivamente. Como resultado, o indivíduo pode chegar ao ponto de se aniquilar, suicidando-se (Freud, 1917/2016). Assim, revelava-se a Freud a necessidade de repensar o Eu como instância responsável pela conservação do indivíduo, pois poderia atuar justamente para a sua destruição (Laplanche & Pontalis, 2001).

Atuação semelhante, porém menos intensa, observamos nas autorrecriações dos obsessivos. Nas duas afecções, o ideal do Eu satisfaz tendências de ódio e sádicas, infligindo-as sobre o próprio Eu ao invés do objeto, o que se manifesta na forma de um “automartírio” punitivo (Freud, 1917/2016). Ao invés dos indivíduos se vingarem e torturarem os objetos amados, eles o fazem punindo a eles mesmos na doença, assim não revelam explicitamente sua hostilidade (Freud, 1921/2021). Ou seja, a hostilidade que um dia foi dirigida ao objeto é direcionada para si mesmo por meio da atuação ideal do Eu. Entretanto, Freud (1917/2016) não deixa de demarcar que a melancolia e a neurose obsessiva são afecções diferentes, têm em comum a ambivalência afetiva e a crueldade do ideal do Eu. Porém, nas obsessões não opera a retração regressiva da libido para o Eu, assim como também não há uma saída maníaca.

4.2 O REORDENAMENTO PULSIONAL

Desde a publicação de *Luto e melancolia* (1917/2016), evidenciava-se a necessidade de reformulação do dualismo pulsional entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, que até então sustentava a metapsicologia freudiana. Em sua clínica, Freud se defrontava com fenômenos que denotavam uma persistência do desprazer, exigindo repensar o domínio do princípio de prazer no psiquismo (Laplanche & Pontalis, 2001). Por exemplo, a neurose obsessiva com seus sintomas como o sentimento de culpa, autorrecriações e impulsos suicidas já indicavam a presença de uma tendência punitiva no psiquismo. Ou ainda, como acabamos de examinar, a melancolia escancarou ainda mais a presença de tendências sádicas no próprio Eu, indicando que, por meio da identificação com o objeto, dirige-se a agressividade ao outro para si mesmo, colocada em ação pelo ideal do Eu.

Vários elementos, portanto, permeavam as reflexões freudianas quando ele decide empreender o reordenamento do dualismo pulsional em *Além do princípio de prazer*

(1920/2021), em que apresenta sua hipótese da pulsão de morte, uma tendência psíquica de retorno ao inorgânico, de desligamento, estabelecida no Eu. Esse é um dos conceitos freudianos mais controversos, confusos e difíceis de se compreender e, também, dos mais importantes (Monzani, 2014). Sua elaboração marca o início de um processo de “virada” no pensamento freudiano.²² Desse momento em diante, diversos conceitos foram repensados e reorganizados por Freud, o que culminará com a segunda tópica do aparelho psíquico, isto é, sua divisão em Eu, Isso e Supereu (Freud, 1923/2019b; Garcia-Roza, 2018; Roudinesco & Plon, 1998).

A sua perspectiva dualista acerca das pulsões não será abandonada, apesar de todas as dificuldades em sustentá-la. A oposição entre pulsões sexuais e pulsões do Eu (ou de autoconservação) será reordenada em pulsões de vida, nas quais estão agrupadas as sexuais e do Eu, e pulsões de morte, que é a pulsão considerada como de natureza conservadora e regressiva. Já desde *Introdução ao narcisismo* (1914/2016a), vários elementos teóricos denunciavam a fragilidade do primeiro dualismo pulsional. No entanto, foi necessário certo tempo para que Freud efetuasse tamanha mudança, afinal, a proposição de uma pulsão de morte atuante no psiquismo era algo extremamente ousado, abalava a metapsicologia que havia construído até então, sendo realizada quando se tornou imprescindível para a clínica e teoria psicanalíticas (Garcia-Roza, 2018).

À vista disso, neste subcapítulo investigaremos como foi conceituada a pulsão de morte, porque se fez necessária, sua natureza e relação com a pulsão de vida. Fundamentar-nos-emos essencialmente em *Além do princípio de prazer* (1920/2021). Não avançaremos em direção a textos posteriores, em que a pulsão de morte é discutida sob outros ângulos e levando em consideração outras noções. Isso será feito no capítulo seguinte, quando introduzirmos o conceito de Supereu. Nosso propósito é compreender por que Freud necessitou formular a pulsão de morte e como isso foi feito, assim estaremos munidos dos fundamentos para em seguida compreendermos a estruturação da segunda tópica do aparelho psíquico e as manifestações psíquicas do Supereu.

²² O advento do conceito de pulsão de morte é comumente considerado um momento de mudança radical na psicanálise, porém Mezan (1986) nos adverte que se a obra freudiana for examinada com maior atenção, é possível perceber que a pulsão de morte é fruto da radicalização de ideias que já podem ser encontradas no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996b), como a noção de “inércia”.

4.2.1 Índícios da insuficiência do princípio de prazer

Um dos conceitos fundamentais da psicanálise, a pulsão é uma construção teórica que fornece inteligibilidade para aquilo que Freud percebia atuante em sua clínica e nos processos psíquicos (Garcia-Roza, 2018). Apesar de fundamental, em *As pulsões e seus destinos* (1915/2019), Freud não deixa de pontuar seu caráter “obscuro”. Ela se caracteriza por ser um estímulo para o psíquico, porém difere daqueles fisiológicos, pois incide sobre o psiquismo como uma força constante que se origina do interior, da qual não é possível fugir, apenas temporariamente suspendê-la por meio da satisfação (Freud, 1915/2019). Para Freud (1895/1996b, 1915/2019), o aparelho psíquico é regido por um princípio de constância: sua função é dominar os estímulos, afastando-os, reduzindo-os ao mínimo, sempre procurando permanecer livre. Esse é o fundamento do também operante princípio de prazer²³, isto é, um dos objetivos do funcionamento psíquico é proporcionar prazer e evitar o desprazer, ambas sensações definidas a partir de um referencial econômico: o prazer é produzido pela diminuição dos estímulos, e o desprazer, pelo seu aumento (Freud, 1911/2016a). Por não cessar de impor-se como uma força de trabalho, a pulsão exige do psiquismo que abandone sua pretensão de ver-se livre de estímulos, demandando com que o organismo se aventure em atividades que modificam o mundo e possibilitam sua satisfação.

Com base em seu trabalho clínico com a histeria e a neurose obsessiva, Freud postulou que na origem dessas afecções estaria um conflito entre as exigências do Eu e aquelas da sexualidade. Assim, dividiu as pulsões em dois grupos (primeiro dualismo pulsional): as sexuais e aquelas de autoconservação ou do Eu – correspondente à distinção entre amor e fome (Freud, 1915/2019, 1920/2021). Enquanto as pulsões sexuais buscariam a satisfação sexual e seriam governadas pelo princípio de prazer, as pulsões do Eu teriam como objetivo garantir a autoconservação do indivíduo, de tal forma que operariam na defesa do Eu contra as pulsões sexuais, sendo regidas pelo princípio de realidade (Freud, 1911/2016a; Roudinesco & Plon, 1998). Ao realizar essa separação, Freud (1915/2019) não deixou de mencionar o seu caráter hipotético e temporário, cuja validade dependeria de sua utilidade para o trabalho psicanalítico:

²³ Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/2016a), Freud enuncia que o psiquismo é regido por dois princípios: o de prazer e o de realidade. No início da vida o princípio de prazer seria soberano, o bebê tenta descarregar imediatamente a tensão pulsional que o habita. Na insuficiência de suas tentativas, o aparelho psíquico teve que se adequar ao mundo exterior, impõe-se o princípio de realidade para regulá-lo, a satisfação sendo adiada e alcançada somente indiretamente (Laplanche & Pontalis, 2001).

Essa classificação não tem o significado de um pressuposto necessário [...] trata-se de uma mera construção auxiliar, que só deve ser mantida enquanto for útil e cuja substituição por outra pouco alterará os resultados de nosso trabalho de descrição e de ordenação. (p. 29).

O conhecimento de Freud se estendia sobretudo às pulsões sexuais, às quais teve maior acesso em sua prática clínica com as neuroses de transferência. Foi acerca desse grupo de pulsões que até então tratamos nesse trabalho, cujo processo de organização em estágios coincide com o desenvolvimento do Eu. Já as pulsões do Eu permaneciam uma incógnita para Freud (1915/2019), que vislumbrava que o estudo das neuroses narcísicas poderia auxiliá-lo a desbravar esse campo:

Com a extensão da Psicanálise às outras afecções neuróticas, nosso conhecimento sobre as pulsões do Eu certamente também ganhará em fundamentos, ainda que pareça temerário esperar que esse novo campo de pesquisas ofereça condições de observação igualmente favoráveis. (p. 33).

Efetivamente, sua incursão no narcisismo, impulsionada pelas reflexões acerca de afecções narcísicas como a paranoia, acabou por produzir um abalo nesse primeiro dualismo, ao colocar em dúvida a existência de pulsões do Eu. Em *Introdução ao narcisismo* (1914/2016a), a proposição de duas modalidades distintas de libido, do Eu e do objeto, conforme sua alocação, testemunhava a necessidade de uma revisão teórica. Garcia-Roza (2018) assinala as implicações dessa proposição para o primeiro dualismo pulsional:

Em consequência dessa nova distinção, a autoconservação nada mais seria do que um amor a si mesmo, o que tornaria caduca a oposição entre pulsões sexuais e pulsões do ego: toda pulsão é, em última instância, sexual. (p. 126).

Em vista disso, a partir de 1914 estava colocada a ameaça de um monismo pulsional, a existência única da pulsão sexual. Contudo, Freud permaneceu sustentando sua perspectiva dualista, que é fundamental para a teoria e clínica psicanalítica e apresenta-se na forma de pares de opostos: consciente-inconsciente, princípio de prazer-realidade, desejo-defesa etc. (Garcia-Roza, 2018). O dualismo era necessário em função do lugar privilegiado ocupado pela noção de conflito na psicanálise, fornecendo a formulação do conceito de pulsão um suporte para ele (Garcia-Roza, 2018). Para dizer o essencial, as forças que entram em embate no conflito psíquico são fundamentalmente as pulsões (Laplanche & Pontalis, 2001).

Para além do abalo produzido pela classificação da libido em duas modalidades distintas, o primeiro dualismo já trazia consigo algumas problemáticas. Se Freud considerava a pulsão uma desnaturalização do instinto, colocava-se em questão a necessidade de falar em

“pulsão do Eu”, isso porque ela implica a satisfação de necessidades básicas – instintuais – para garantir a autopreservação, como, por exemplo, a fome, seu modelo (Garcia-Roza, 2018).

Apesar de todas as fragilidades às quais o primeiro dualismo pulsional estava exposto, ele é reorganizado somente em *Além do princípio de prazer* (1920/2021). Até a publicação desse texto, como vimos anteriormente, Freud (1911/2016a) havia localizado dois princípios operantes no psiquismo: o de prazer e o de realidade. Este serviria para regular o psiquismo e faria obstáculo à satisfação, impondo desvios, substituições, renúncias. Ocorre que os princípios não são totalmente opostos. Isso se torna mais compreensível se forem relacionados com o processo primário e secundário, modos de funcionamento do aparelho psíquico.

Conforme analisamos no primeiro capítulo, o processo primário é um modo de funcionamento em que a energia psíquica circula livre e procura ser descarregada de forma rápida e direta (Freud, 1900/2021). Já o processo secundário consiste em um modo de funcionamento em que aquela energia livre é ligada, dificulta-se que ela seja escoada para que o Eu seja protegido (Freud, 1900/2021). É permitido o escoamento da energia, porém somente indiretamente, mediante desvios impostos pela censura. Logo, o processo secundário, apesar de aparentemente fazer obstáculo ao primário, serve a ele, proporcionando-lhe uma descarga de energia indireta.

A relação entre os princípios de prazer e de realidade transcorre da mesma forma. Garcia-Roza (2018) pontua que o princípio de prazer coincide com o processo primário e aquele de realidade com o processo secundário, sendo responsável por permitir a satisfação dentro de certos limites. Ou seja, o princípio de prazer no final das contas é o que predomina no aparelho psíquico, pois o princípio de realidade opera garantindo um prazer seguro (Mezan, 2013). No entanto, em *Além do princípio de prazer* (1920/2021), Freud nos adverte que o prazer consiste muito mais em uma tendência do aparelho psíquico do que em um domínio. Isso porque existiriam forças, que não o princípio de realidade, independentes dele.

A observação de alguns fenômenos que se enquadram sob a égide da repetição exigiu de Freud uma reflexão acerca dos limites do princípio de prazer – o que irá culminar com a postulação da pulsão de morte (Garcia-Roza, 2018; Mezan, 2013). Alguns dos fenômenos elencados por Freud (1920/2021) são: os sonhos em que são revividos episódios traumáticos, a brincadeira em que a criança repete as idas e voltas da mãe (*fort-da*), as neuroses de destino e a repetição na transferência. O que inquietava Freud não era a repetição de situações agradáveis – a criança que ouve a mesma história várias vezes, o adulto que se recorda de bons momentos da infância –, e sim aquelas que pareciam indicar a presença de algo que desconsiderava o princípio de prazer. Em especial na relação transferencial, Freud (1920/2021) observou que a

repetição do paciente colocava em cena situações infantis que jamais teriam proporcionado prazer.

Ao longo do tratamento analítico, no lugar de recordar-se daquilo que foi recalçado, o paciente tende a repeti-lo como se fosse atual na forma de uma “compulsão à repetição” (Freud, 1914/2016b, 1920/2021). Essa configuração é nomeada “neurose de transferência” e consiste na vivência da neurose na relação transferencial com o analista, sendo necessário seu estabelecimento para que haja tratamento (Freud, 1914/2016b, 1920/2021; Garcia-Roza, 2018). No lugar de ser recordado, na análise, o recalçado aparece na forma de repetição porque há uma resistência em recordá-lo, que, apesar de usualmente inconsciente, deve ser atribuída ao Eu. Antes lugar por excelência da consciência, a pesquisa psicanalítica revelou a Freud que o Eu é em sua maioria inconsciente, fenômeno observável, por exemplo, na melancolia (Laplanche & Pontalis, 2001). Assim, a oposição entre consciente-inconsciente havia se tornado insuficiente e imprecisa, sendo mais adequado se fundamentar na oposição Eu-recalçado.²⁴ Quer dizer, de um lado, há uma resistência do Eu em recordar; de outro, uma compulsão em repetir, fruto da pressão exercida pelo recalçado inconsciente, que, devido à resistência, não encontra outra forma de expressar-se senão pela repetição.

Já era do conhecimento de Freud que aquilo que se repete na transferência na maior parte das vezes proporciona desprazer ao Eu, justamente porque são manifestas moções pulsionais recalçadas. Entretanto, não julgava que esse desprazer desconsiderava o princípio de prazer, pois seria meramente tópico, tal qual aquele dos sonhos de angústia. Isto é, como cada um dos sistemas psíquicos possui exigências distintas, o desprazer sentido no Pcs/Cs não entraria em contradição com o princípio de prazer, pois no Ics o mesmo conteúdo é prazeroso (Freud, 1900/2021). Ocorre que, com seus anos de prática clínica, Freud (1920/2021) percebeu haver uma compulsão à repetição que sobrepuja completamente o princípio de prazer. No tratamento analítico, eram trazidas à luz situações do passado que jamais teriam produzido prazer, que nunca se constituíram como satisfações, nem mesmo de moções recalçadas. O que o autor constatou é que o conteúdo dessas repetições totalmente desprazerosas sempre remontava à sexualidade infantil, mais precisamente ao complexo de Édipo.

Na infância, a sexualidade só é capaz de florescer até certo ponto. Ela está destinada a sofrer os golpes da realidade e seguir seu declínio, o qual é marcado por situações altamente desprazerosas e dolorosas (Freud, 1920/2021). A criança precisa, por exemplo, defrontar-se com a perda da exclusividade do amor dos pais quando nasce outro irmão. Dentre outras várias

²⁴ O que já havia sido sugerido pela análise dos sonhos de punição, conforme discutido no primeiro capítulo.

experiências, as pesquisas sexuais que empreende são frustrantes e engendram sentimentos de incapacidade, sente-se também humilhada, pois suas tentativas de fazer um filho são fracassadas. Da parte dos outros, exige-se cada vez mais da criança, que precisa obedecer às determinações da educação, impõe-se-lhe a disciplina, espera-se sua submissão às autoridades. Ela é progressivamente deposta de seu lugar como “*His Majesty the Baby*”, sendo tratada com desdém, instaurando-se nesse processo uma ferida narcísica (Freud, 1914/2016a, p. 37, 1920/2021).

Todas essas desgraças são repetidas na transferência²⁵ com o analista e produzem unicamente desprazer. O paciente as vive como se fossem atuais, e não originárias do seu passado remoto. Manifestam-se, por exemplo, nas tentativas de analisando de interromper o tratamento ainda incompleto; nas situações que cria para ter a impressão de que é tratado com desdém; quando exige do médico que seja rígido e frio com ele²⁶; na eleição de objetos de ciúme etc. (Freud, 1920/2021). Além disso, a compulsão à repetição pode atuar como obstáculo terapêutico. Inclusive, o medo de sua emergência seria a razão pela qual muitos temem iniciar um tratamento analítico.

Freud (1920/2021) identifica que tal compulsão, tão observável na transferência, comporta-se como uma força demoníaca “mais originária, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer por ela deixado de lado” (p. 99). Esse caráter pulsional da repetição decorre do fato de que ela anuncia algo próprio à natureza das pulsões: seu aspecto conservador, seu ímpeto em fazer retornar a um estado inicial, repetindo-o (Garcia-Roza, 2018). Assim, com base no observado e teorizado sobre a compulsão à repetição, Freud (1920/2021) remodela a definição de pulsão:

[...] uma pulsão seria, portanto, uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior, pressão que esse ser animado precisou abandonar sob a influência de forças perturbadoras externas; ela seria uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferir, a manifestação da inércia na vida orgânica. (p. 131).

O próprio autor nos adverte da estranheza que essa concepção pode causar. Afinal, até então, a pulsão era considerada como uma força que impulsiona o organismo em direção ao desenvolvimento, porém daqui em diante ela deve ser considerada em seu caráter conservador, como uma tendência a restaurar um estado anterior (Freud, 1920/2021). Ela é contrária à

²⁵ A compulsão à repetição também está presente na vida normal, frequentemente sob a forma do que Freud (1920/2021) nomeia de “neurose de destino”. É o caso dos indivíduos que parecem ser seguidos por um destino demoníaco em que as relações com os outros sempre possuem o mesmo desfecho.

²⁶ Como Ernst Lanzer, por exemplo, que temia que Freud fosse surrá-lo, conforme descrito no segundo capítulo.

mudança²⁷, um ímpeto para repetir-se o mesmo, aquilo que é primitivo, o estado inicial em que o indivíduo se encontrava antes de ser perturbado por forças externas: o inorgânico, o inanimado, aquilo que antecede a vida (Freud, 1920/2021; Garcia-Roza, 2018). Partindo da consideração de que a morte consiste justamente no retorno ao inorgânico e de que ela ocorre somente por causas internas, Freud (1920/2021) avança em postular que “a meta de toda vida é a morte” (p. 137). Com o surgimento da vida, tende-se a retornar ao equilíbrio da quietude inorgânica. Essa tendência presente em todos os seres vivos de retornar para o inorgânico é então nomeada como “pulsão de morte”.

Ainda acerca dos elementos que conduziram Freud à conceituação da pulsão de morte, as clínicas da neurose obsessiva e da melancolia, com o sentimento de culpa e autorrecriações que lhe são característicos, não são mencionadas em 1920 (2021) como situações clínicas que evidenciavam a atuação de algo além do princípio de prazer. No entanto, é necessário destacar que desempenharam importante papel nesse processo. É o que Laplanche e Pontalis (2001) defendem. De acordo com os autores, certas noções concebidas a partir da prática clínica com essas afecções, como por exemplo a ambivalência, o sadismo-masoquismo e a agressividade, pouco a pouco se tornaram mais importantes na experiência psicanalítica e denunciaram a persistência do desprazer nas relações humanas.

4.2.2 Vida e morte

A investigação do fenômeno da compulsão à repetição conduz, portanto, a uma transformação radical no conceito de pulsão. Considerada de natureza conservadora, regressiva, a repetição seria “a característica própria da pulsão” (Garcia-Roza, 1993, p. 25), por meio dela tentando-se repetir o que já foi, um estado anterior. De acordo com Freud (1920/2021), a pulsão por excelência seria a pulsão de morte, uma vez que impulsiona ao estado mais primitivo de todos: o inorgânico, o qual se alcança e ao qual se retorna com a morte. Essa nova pulsão denunciava, então, a necessidade de reformulação do antigo dualismo pulsional entre pulsões sexuais e do Eu. Onde ela se situaria?

As dificuldades impostas ao primeiro dualismo com a inclusão de um componente libidinal nas pulsões do Eu anunciado em *Introdução ao narcisismo* (1914/2016a) são admitidas por Freud em 1920 (2021). Nessas circunstâncias, de certa forma, o dualismo havia-se transformado em pulsões do Eu (libido do Eu) e pulsões de objeto (libido de objeto), ambas,

²⁷ Isso não implica dizer que ela não produz mudança.

portanto, sexuais. Tornara-se complicado distinguir a natureza dessas pulsões, suas diferenças concernindo sobretudo ao objeto em que são investidas. Esse impasse é solucionado por Freud (1920/2021) ao agrupá-las como “pulsões de vida” ou Eros, opostas às pulsões de morte, ou Tânatos²⁸, mantendo uma perspectiva dualista. As antigas pulsões de autoconservação consistem na dimensão das pulsões de vida dirigidas ao Eu, e as sexuais naquelas dirigidas aos objetos (Freud, 1920/2021).

Ambas, pulsões de vida e de morte, são conservadoras, afinal essa é a natureza própria das pulsões. Contudo, Garcia-Roza (2018) nos aponta para a necessidade de considerar-se as pulsões de vida em seus dois polos. Em sua dimensão de autoconservação, a pulsão de vida almeja garantir que a morte ocorra naturalmente, sendo dotada de um caráter mais conservador. No entanto, as pulsões sexuais seriam por excelência pulsões de vida, pois impelem à ligação entre os indivíduos, que tem como consequência a produção de um novo ser vivo, garantindo que a vida continue, repita-se indefinidamente, conservando-a por meio do estabelecimento de ligações e opondo-se a Tânatos (Garcia-Roza, 2018). De uma forma mais ampla, as pulsões de vida consistem em uma tendência a “ligar”, sejam as células, os indivíduos, energia, afetos e representações etc. Já as pulsões de morte, situadas por Freud (1920/2021) no Eu, não são exclusivamente impulsos para retornar ao inorgânico. De maneira geral, manifestam-se no psiquismo como um ímpeto a “desligar” a energia, no sentido de desfazer as ligações estabelecidas. São, portanto, conservadoras e disruptivas, simultaneamente.

Em *Além do princípio de prazer* (1920/2021), Freud nos dá pistas de que os dois grupos de pulsões opostos atuam conjuntamente ao discorrer brevemente sobre o par de opostos sadismo-masochismo. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016) e *As pulsões e seus destinos* (1915/2019), Freud propôs que a pulsão sexual continha um componente sádico, o qual era particularmente expressivo na organização pré-genital sádico-anal. O desafio seria compreender como o sadismo, cuja meta é prejudicar o objeto, poderia ser derivado das pulsões sexuais, Eros, cujo objetivo é conservar a vida. A hipótese de Freud é de que o sadismo consiste em uma pulsão de morte direcionada para o exterior em função da pressão exercida pela libido do Eu (pulsões de vida), de tal forma que a pulsão de morte só é percebida quando colocada em relação ao objeto por força da atuação das pulsões de vida. Esse processo é concebido como uma “fusão”, em que a pulsão de morte atua conjuntamente com as de vida, sendo atenuada

²⁸ Eros e Tânatos são, respectivamente, a personificação mítica das pulsões de vida e de morte. Na mitologia grega, Eros é o deus do amor e do erotismo, ao passo que Tânatos é o representante da morte. Importante pontuar que mesmo sendo um termo recorrente na literatura psicanalítica, Tânatos nunca foi mencionado nas obras publicadas de Freud, somente utilizado pelo autor no registro oral (Laplanche & Pontalis, 2001). Diferente de Eros, empregado largamente na obra freudiana.

nesse processo (Freud, 1920/2021). A introdução da pulsão de morte exige de Freud que repense sua perspectiva de um sadismo originário²⁹. Ele concebe a partir de então que o masoquismo – prejudicar a si mesmo – na realidade é primário, derivado da pulsão de morte, tornando-se sadismo quando fusionado com as pulsões de vida, então sendo direcionado para os objetos (Freud, 1920/2021). Na ausência dessa atenuação do masoquismo proporcionada pela fusão, seria instituída a ambivalência amor-ódio na vida amorosa (Freud, 1920/2021).

Ainda acerca da relação entre as duas pulsões, Garcia-Roza (1993) nos adverte sobre a indissolubilidade da ligação entre ambas. O dualismo que atravessa a obra freudiana acabou por levar muitos comentadores a considerarem pulsões de vida e de morte distintas em um nível ontológico. Isto é, desde o princípio, as duas se encontrariam separadas, cada uma sendo responsável por impulsionar o organismo para determinada direção, similar à oposição religiosa entre bem e mal. Contudo, é possível manter o modo dualista freudiano de pensar sem que isso resulte em tal dualismo ontológico. Seria muito mais coerente caracterizar cada uma das pulsões como modos de ser da pulsão, não existindo uma pulsão “em si mesma” de morte ou de vida, constituindo-se muito mais como diferenciações decorrentes da organização do campo pulsional (Garcia-Roza, 1993). A concepção de uma pulsão “pura” seria impossível, apenas concebível no plano teórico, pois sempre é de vida ou de morte. Garcia-Roza (1993) desenvolve uma metáfora para exemplificar esse ponto de vista:

Imaginemos um espaço cósmico mergulhado na mais absoluta escuridão, onde nem mesmo a luz de algum astro distante se fizesse presente no campo visual. Imaginemos soltos neste espaço portando uma possante lanterna unidirecional, com a qual esquadrimos o cosmo, com a condição de não voltarmos o foco contra nós mesmos. Numa situação dessas, apesar de estarmos com os olhos abertos e com a lanterna acesa, não veríamos absolutamente nada, nem mesmo o fecho de luz emitido pela lanterna, já que não haveria partículas em suspensão ou atmosfera. Apesar de estarmos com os olhos abertos e com a lanterna acesa, nada veríamos, estaríamos na mesma situação que um cego. Suponhamos agora que um objeto qualquer, por “acaso”, atravessasse nosso campo visual e fosse iluminado pela lanterna. Ele, ao mesmo tempo que se tornasse visível, denunciaria a existência do foco de luz e da nossa própria visão. (p. 56).

Para compreendermos essa metáfora, precisamos considerar que o foco de luz emitido pela lanterna representa a pulsão e o objeto seria o seio materno. A pulsão se constituiria como sexual apenas quando encontra um objeto que permite a diferenciação prazer-desprazer, como por exemplo o seio materno (Garcia-Roza, 1993). A pulsão de morte seria o foco quando não está ligada a um objeto, que assim como na metáfora, é invisível e silenciosa. Dessa forma, a

²⁹ Posição firmemente defendida por Freud em *As pulsões e seus destinos* (1915/2019), que exigiu do autor um grande esforço para articular os dois polos do par sadismo-masoquismo, ainda mais considerando o primeiro dualismo pulsional.

diferença entre pulsão de vida e de morte seria em termos de investimento: a primeira é fruto do investimento no objeto, e a segunda é a energia não-ligada, dispersa (Garcia-Roza, 1993). Configuram-se, portanto, como modos de ser da pulsão.

A metáfora, entretanto, dá a entender que, por ser o investimento no objeto que faz da pulsão sexual (de vida), haveria um momento anterior ao investimento, em que haveria senão pulsão de morte. Isso está em sintonia com Freud (1920/2021), que defende que a pulsão de morte é a pulsão por excelência e, também, a primeira pulsão. Contudo, Garcia-Roza (1993) nos adverte sobre a impossibilidade de se conceber um momento em que haveria apenas pulsão de morte. Isso porque ela só se torna “de morte” quando se instaura o sexual. Antes dessa diferenciação, não seria realmente possível falar de pulsão, porque na realidade o momento “anterior” ao qual nos referimos é possível somente em uma perspectiva metafórica, mítica. Porém, considerando a existência de tal momento miticamente, esse “fora da ordem”, “fora do pensável” seria de fato a pulsão ela mesma (Garcia-Roza, 1993). Em resumo, pulsão de vida e de morte estão juntas desde o princípio e assim permanecem, estão intrinsecamente ligadas, são modos diferentes de ser de uma mesma pulsão, em um só movimento surgindo ambas e, também, o próprio indivíduo: na metáfora, a visão. Conforme o próprio Freud (1920/2021): “se não queremos abandonar a suposição sobre pulsões de morte, temos de associá-la, desde todo o início, com as pulsões de vida” (p. 187).

A relação entre as duas pulsões também implica em um questionamento acerca da dimensão libidinal de fenômenos destrutivos³⁰, como o sadismo-masochismo. Freud (1920/2021) encerra seu livro se questionando justamente acerca da relação entre o princípio de prazer, pulsão de morte e compulsão à repetição. Isso será mais bem esclarecido nos anos seguintes com a formulação da segunda tópica do aparelho psíquico em *O Eu e o Id* (1923/2019b) e sua nova teoria sobre o masochismo em *O problema econômico do masochismo* (1924/2019), a serem tratados no capítulo seguinte.

4.3 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

A partir do percurso traçado nesse capítulo, pudemos identificar como os estudos freudianos acerca do narcisismo, melancolia e a conceituação da pulsão de morte implicaram grandes mudanças na concepção de Eu e das forças que nele operam. Em *Introdução ao narcisismo* (1914/2016a), Freud deixou mais claro do que nunca que o Eu precisa passar por

³⁰ Recordemos do caso *O homem dos ratos* (1909/2017) em que o paciente relatou para Freud o castigo dos ratos com uma expressão facial que indicava horror e prazer simultâneos.

um processo de desenvolvimento. De início, não há Eu. No estágio do autoerotismo, há somente pulsões se satisfazendo de forma anárquica. O narcisismo seria, então, o momento em que se começaria a formar a imagem de um corpo unificado, suporte para o desenvolvimento de um Eu. O tratamento dos pais para com o filho como “*His Majesty the Baby*” proporciona a convergência das partes desse corpo fragmentado. O bebê dirige sua libido para o seu Eu, que aos poucos se estrutura (Freud, 1914/2016a, p. 37). Identificamos algumas novidades que são anunciadas: além do Eu ser objeto de investimento libidinal, na realidade ele é, por excelência, o reservatório de libido, os investimentos objetais partindo todos do Eu, não sendo mais um local somente de passagem de energia (Freud, 1914/2016a).

O abandono do narcisismo também é importantíssimo para o desenvolvimento do Eu, sobretudo porque deixa como resíduo uma função do Eu nomeada “ideal do Eu”, um modelo ao qual o indivíduo tenta se adequar para obter a satisfação narcísica infantil perdida. Para que esse ideal seja alcançado, é necessária a atuação de uma “instância psíquica especial” do Eu, cujas funções são observar e criticar o próprio Eu com base no ideal, similar ao que se entende por “consciência moral” (Freud, 1914/2016a). Inclusive, esse caráter “especial” de algo na consciência já era percebido por Freud (1907/2021) quando mencionava a presença de uma “consciência especial” nos neuróticos obsessivos.

Quer dizer, opera-se uma diferenciação no interior do Eu, nele atuando uma instância apoiada sobre uma função derivada do narcisismo e da relação com os pais (Garcia-Roza, 2018). Tal instância explica os delírios de observação presentes em neuróticos e psicóticos. Sua manifestação na forma de voz revela sua origem nas críticas dos pais e da sociedade. Ocorre que a instância comumente dificulta o cumprimento do ideal do Eu, impedindo a obtenção de satisfação, visto que é extremamente exigente e não tolera vários objetos, assemelhando-se ao que Freud (1909/2017) nomeava como “Eu austero”. Com a introdução dessas noções, o sentimento de culpa é localizado como resultado do não-cumprimento do ideal, dificultado pela instância, sendo a culpa derivada do medo do castigo dos pais (Freud, 1914/2016a).

O estudo da melancolia efetuado por Freud em 1917 (2016) revelou que na realidade o ideal do Eu tem caráter de instância, trata-se de uma instância ideal do Eu. Isso porque, na melancolia, é tornada explícita a autonomia que possui no psiquismo, consiste em uma parte crítica que se separa do resto do Eu. Nessas circunstâncias, tornou-se patente não mais ser possível fazer coincidir Eu com o sistema Pcs/Cs, pois ele é constituído de gradações, partes separadas da consciência (Garcia-Roza, 2018). O que a melancolia também revela é que a identificação é o processo na origem dessas gradações do Eu. Ela é a forma mais antiga de ligação com o objeto e é capaz de alterá-lo profundamente, sobretudo aquela que ocorre sob os

moldes da incorporação-destruição característicos da fase oral (Freud, 1917/2016, 1921/2021). Nessa afecção, tornam-se explícitas tais gradações: de um lado, tem-se a instância ideal do Eu, resultado da identificação com os pais e resqúcio do narcisismo; de outro, o Eu modificado pela identificação com o objeto abandonado outrora investido, uma forma de manter vivo o objeto em si (Freud, 1917/2016).

A identificação se torna elemento chave para compreender tanto as autorrecriações e automartírios na melancolia quanto na neurose obsessiva. Em ambas as afecções, está presente uma forte ambivalência (amor-ódio) para com o objeto. Por meio da identificação, ao invés de dirigir a hostilidade ao outro, o indivíduo a dirige a si mesmo, pois ela estabelece um ponto de indiferenciação entre Eu-objeto, em que atacar um é atacar o outro (Freud, 1917/2016). O responsável por veicular críticas é então a instância ideal do Eu, que na melancolia atua com força máxima, criticando tão cruelmente o Eu ao ponto de ser capaz de conduzi-lo ao suicídio, nesse movimento sendo satisfeitas tendências sádicas (Freud, 1917/2016).

Foi possível, portanto, constatar que a noção de Eu sai em grande parte alterada dos estudos sobre o narcisismo e a melancolia. Constitui-se como reservatório da libido, pode ser ele mesmo objeto de satisfação, desenvolvendo-se grandemente na fase narcísica e em seu declínio. As identificações estabelecidas na tenra infância deixam marcas indeléveis no Eu, alteram-no profundamente, nele produzindo gradações. Em especial, a identificação com os pais e o narcisismo compõem a instância ideal do Eu, que opera de forma autônoma, observando e criticando o Eu, por vezes levando-o à destruição. Por conseguinte, tornara-se necessário repensar a relação do Eu com a consciência, já que está sujeito a gradações. E ainda, se o ideal do Eu poderia levar à autodestruição, seria preciso reconsiderar o Eu como uma instância psíquica responsável pela autoconservação, o que era feito, por exemplo, com a assimilação entre pulsões de autoconservação e de Eu (Garcia-Roza, 2018).

Ao levar em consideração a destrutividade presente na clínica se tornou necessário para Freud desenvolver o conceito de pulsão de morte. Na neurose obsessiva e na melancolia, já era visível o alto valor punitivo de alguns sintomas, que em ambas as afecções podem aproximar o indivíduo do suicídio³¹ (Laplanche & Pontalis, 2001). No entanto, foi o fenômeno da compulsão à repetição na transferência que possibilitou a Freud constatar a presença de forças mais elementares que o princípio de prazer, responsáveis por fazer com que o indivíduo vivencie situações exclusivamente desprazerosas, conduzindo a uma reformulação do conceito de pulsão. Certos pacientes repetiam situações que jamais haveriam produzido prazer, cujo

³¹ Por exemplo, os impulsos suicidas de Ernst Lanzer de se jogar de um precipício detalhados no segundo capítulo.

conteúdo sempre remontava à sexualidade infantil: as vivências desprazerosas que envolvem o surgimento de uma ferida narcísica (Freud, 1920/2021).

No lugar de lembrar, o paciente repete tais situações na relação com o analista como se fossem atuais. Isso porque o caminho para a consciência está bloqueado em razão da incidência de uma resistência do Eu sobre os conteúdos recalçados. Apesar de frequentemente inconscientes, essas resistências são operadas pelo Eu. Tornou-se evidente para Freud (1920/2021) a insuficiência da oposição consciente-inconsciente. Com efeito, o Eu é em sua maioria inconsciente, de tal forma que seria mais adequado fundamentar-se na oposição Eu-recalçado (Freud, 1920/2021).

Dotada de um caráter compulsivo, essa repetição se manifesta como uma força demoníaca no psiquismo, mais elementar e independente do princípio de prazer. E o principal, possui um caráter pulsional. Ela revelou a Freud que, na verdade, a pulsão é de natureza conservadora, regressiva. Sua principal característica é a repetição de um estado inicial, aquilo que se repete na transferência sendo a pulsão ela mesma (Garcia-Roza, 1993). A sua forma por excelência é a “pulsão de morte” ou Tânatos, responsável por um ímpeto de retorno ao inorgânico, ao inanimado, o que se alcança com a morte. No psiquismo, opera como uma tendência ao desligamento e separação, satisfeita, por exemplo, nos fenômenos destrutivos e agressivos (Mezan, 2013). Portanto, a introdução dessa modalidade pulsional fornecerá um referencial teórico para os fenômenos punitivos e destrutivos observados por Freud em sua clínica, alguns deles destacados por nós neste trabalho: o sentimento de culpa e as autorrecriações obsessivas, reflexos da atuação de um ideal do Eu extremamente exigente e, por vezes, cruel.

Preservando sua concepção dualista, Freud opõe as pulsões de morte às pulsões de vida ou Eros, reordenando o dualismo anterior pulsões do Eu-pulsões sexuais. Essas duas integram as pulsões de vida e possuem natureza libidinal, diferindo quanto ao objeto de investimento. Eros se manifesta no psiquismo na forma de uma tendência à ligação, é oposto a Tânatos sobretudo em sua dimensão sexual, que conduz o indivíduo a voltar-se para o exterior e estabelecer ligações, ainda que almejando perpetuar a vida indefinidamente (Garcia-Roza, 2018; Mezan, 2013). Ambas as pulsões devem ser consideradas como modos de ser de uma mesma pulsão, configurando-se como tal em razão da organização do campo pulsional (Garcia-Roza, 1993). Ainda, não há uma pulsão pura, é sempre de vida ou de morte, estando essencialmente relacionadas.

Por fim, em *Além do princípio de prazer* (1920/2021), Freud apresenta brevemente sua concepção de “fusão” pulsional, isto é, a mistura de seus dois tipos, manifesta, por exemplo,

na transformação da pulsão de morte em sadismo, quando colocada a serviço de Eros, surgindo a hipótese de um masoquismo primário. O mecanismo de “fusão” e a necessidade de considerar-se a dimensão libidinal dos fenômenos destrutivos restam como assuntos a serem desenvolvidos melhor por Freud em textos posteriores, que serão por nós tratados no próximo capítulo, ao introduzirmos a nova concepção de aparelho psíquico colocada em *O Eu e o Id* (1923/2019b).

5 O SUPEREU E O SENTIMENTO DE CULPA

Nosso objetivo neste último capítulo é analisar a atuação do Supereu como instância crítica no psiquismo, dando ênfase à manifestação clínica de sua força imperativa na forma de sentimento de culpa. No capítulo anterior, verificamos que o estudo sobre o narcisismo e a melancolia, bem como a introdução do conceito de pulsão de morte, indicavam para Freud a necessidade de uma reformulação da sua concepção de Eu e de aparelho psíquico. Nesse sentido, primeiramente empreenderemos uma incursão na formulação da segunda tópica freudiana – divisão do aparelho psíquico em Eu, Isso e Supereu –, proposição que veio a responder aos impasses anteriores. Ainda, anteriormente identificamos que há uma instância especial responsável por vigiar e criticar o próprio Eu, engendrando sentimento de culpa e autorrecriações, nossos objetos de estudo desde o início deste trabalho. Por essa razão, faz-se necessário um estudo aprofundado sobre o Supereu, traçando suas origens e configurações no psiquismo. Em particular, uma investigação de sua relação com o Isso nos possibilitará verificar como a pulsão de morte opera no psiquismo via crueldade do Supereu. Assim, será necessário seguirmos para uma análise do sentimento de culpa e suas origens, manifestação da relação sádico-masoquista entre Eu e Supereu. Uma vez realizado, esse percurso nos terá fornecido os elementos essenciais para avançarmos rumo à conclusão deste trabalho.

Este capítulo será dividido em dois momentos. No primeiro nos concentraremos em examinar as origens e funções do Supereu no psiquismo, destacando as origens de seu caráter imperativo e cruel. Em especial dois³² textos freudianos nortearão nossas discussões, *O Eu e o Id* (1923/2019b), no qual a segunda tópica é introduzida, e a *Conferência 31: a dissecação da personalidade psíquica* (1933/2019), no qual é retomada e são incrementados alguns detalhes. Inicialmente, verificaremos quais foram os elementos que exigiram de Freud a reformulação de seu modelo de aparelho psíquico e, por consequência, qual foi a concepção de Eu e de aparelho psíquico que foi necessária adotar. Tendo explorado essas transformações, examinaremos as origens do Supereu nos investimentos objetais e consequentes identificações do Eu com as figuras parentais durante o complexo de Édipo, bem como as consequências desse processo para o caráter do Supereu. Tal caráter, rígido e cruel, também depende fortemente das relações do Supereu com o Isso, as quais serão então discutidas.

³² É inegável a importância de *O mal-estar na civilização* (1930/2019) para uma teoria do Supereu, no entanto, não pretendemos abordá-lo extensivamente, apenas na medida em que nos auxilia em nossa reflexão metapsicológica e clínica.

Tendo percorrido esse caminho, estaremos munidos dos elementos essenciais para analisarmos o que está em jogo no sentimento de culpa, há tanto tempo percebido por Freud em sua clínica. Nessa etapa, investigaremos de que forma o sentimento de culpa se constitui como produto de uma relação sádica e masoquista entre Supereu e Eu. Em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2019), identificaremos como o masoquismo, considerado primário, opera no psiquismo, sobretudo na sua forma “moral”, produto da tensão entre Supereu e Eu. Então, avançaremos para identificar as origens do sentimento de culpa e suas formas de manifestação, seja inconsciente (necessidade de punição), consciente ou como resistência ao tratamento – a reação terapêutica negativa. Além disso, pontuaremos seu papel no surgimento das autorrecriações e suas particularidades na neurose obsessiva. Por fim, comentadores nos acompanharão pelo capítulo a fim de nos guiar em nossas reflexões.

5.1 UM NOVO MODELO DE APARELHO PSÍQUICO

A publicação de *O Eu e o Id* (1923/2019b) consiste em um marco na obra freudiana. Freud irá reformular seu modelo de aparelho psíquico, inaugurando o que é conhecido como a segunda tópica freudiana – a estruturação do aparelho psíquico em Eu, Isso e Supereu. Vinte e três anos haviam-se passado desde a publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900/2021), no qual havia proposto um psiquismo dividido em sistemas Inconsciente e Pré-Consciente/Consciente. Ao longo deste trabalho, pudemos acompanhar várias das mudanças que marcaram os anos subsequentes. A neurose obsessiva progressivamente tornou-se afecção de especial interesse para Freud, sempre acompanhada de sintomas como o sentimento de culpa e as autorrecriações. Sua concepção de um Eu unificado e a oposição consciente-inconsciente se mostrava cada vez mais inadequada. Ademais, despontava cada vez mais a importância das tendências destrutivas no psiquismo com a formulação da pulsão de morte. Esses elementos, dentre outros a serem discutidos ao longo desse capítulo, conduziram a essa reformulação tópica.

As mudanças inauguradas na virada dos anos 1920, o novo dualismo pulsional e a nova tópica, não implicam uma ruptura com aquilo que havia sido elaborado na primeira tópica e no início da psicanálise (Garcia-Roza, 2018). Os conceitos fundamentais formulados por Freud para explicar o funcionamento psíquico permanecerão válidos: Eu, Isso e Supereu não substituem Inconsciente e Pré-Consciente/Consciente (Garcia-Roza, 2018). O que ocorre nesse processo é muito mais um deslocamento temático do que uma reconstrução teórica. No início de suas pesquisas, a atenção do pai da psicanálise estava voltada para o sintoma e o recalcado

(Freud, 1933/2019). No entanto, aos poucos, teve que conduzir a investigação em direção à instância recaladora, deparando-se com o Eu, que até então parecia ser uma unidade clara, concepção que aos poucos ruía. Seu objetivo se tornou, então, pesquisar o próprio Eu (Freud, 1933/2019).

Nesse momento, pretendemos investigar como foi construída a segunda tópica. Contudo, considerando que neste trabalho tomamos como fio condutor o sentimento de culpa e as autorrecriações, daremos ênfase ao Supereu, instância crítica do psiquismo que está na origem de tais manifestações clínicas. Uma elucidação acerca de suas origens e relações que mantém com as outras instâncias nos possibilitarão, em um segundo momento, compreender sua atuação cruel na forma de sentimento de culpa.

5.1.1 Uma nova concepção de Eu

Já desde muito cedo, aquilo que Freud opunha e diferenciava do Inconsciente era o Eu, porém alguns fenômenos o indicaram que seria necessário considerar que, pelo menos parcialmente, o Eu seria inconsciente (Strachey em Freud, 1923/1996). Essa percepção remontava a pelo menos nove anos antes da reformulação tópica. Após *Introdução ao narcisismo* (1914/2016a) e *Luto e melancolia* (1917/2016), a oposição entre Eu e Inconsciente saíra abalada, afinal o Eu podia sofrer gradações, produto da substituição de investimentos objetais por identificações, bem como abrigava a instância ideal do Eu. Na realidade, para sermos mais precisos, já desde 1900 se anunciava a Freud a necessidade de considerar a existência de um Eu inconsciente. No primeiro capítulo deste trabalho, destacamos que os sonhos de punição indicavam que poderia subsistir um desejo inconsciente no Eu, nesse caso específico, um desejo de punir o próprio Eu, o que fazia da oposição Eu-recalcado mais pertinente que aquela entre inconsciente-consciente. Contudo, naquele momento, Freud não dirigiu sua atenção para esse problema.

A impossibilidade de fazer coincidir o Eu com a consciência foi propriamente atestada somente em *Além do princípio de prazer* (1920/2021), quando, dessa vez, não apenas uma hipótese, Freud confirma ser mais adequada a oposição Eu-recalcado e não consciente-inconsciente. O fenômeno que elencou como fundamental na constatação de tal inadequação foi a percepção da existência de resistências inconscientes, porém que necessariamente precisariam ser atribuídas ao Eu. É essa mesma resistência que é apontada em *O Eu e o Id* (1923/2019b) como um dos elementos que denunciavam haver algo de inconsciente no Eu, isto é, algo que se comporta como o recalado, produzindo efeitos sem ser consciente, exigindo

trabalho para tornar-se consciente. No tratamento analítico, almeja-se trazer à consciência ideias inconscientes que teriam sido recalçadas pelo Eu. No entanto, nesse percurso, eclodem resistências. Por exemplo, quando o paciente se aproxima do recalçado, suas associações falham, não lhe vem mais nada à mente. Essa resistência seria originária do Eu, pois não é função do recalçado, que pressiona justamente para acessar a consciência. Ela pertence ao Eu, que certa vez operou o recalque e esforça-se para conservá-lo (Freud, 1933/2019).

Outro fenômeno que apontava para um Eu parcialmente inconsciente era o sentimento inconsciente de culpa, que neste trabalho apontamos estar intensamente presente nas obsessões. Como indicado no segundo capítulo, já em *O inconsciente* (1915/2016), tornara-se difícil explicar a existência de tal sentimento. Em 1923 (2019b), ele é situado, para além de sintoma, como uma resistência, impondo obstáculo à cura. De acordo com Freud (1923/2019b), é um indicativo de que em certas pessoas as faculdades de autocrítica e consciência moral, socialmente valorizadas, diferentemente do esperado, são inconscientes e produzem fortes efeitos. Ainda de acordo com o autor, a necessidade de considerar a atuação de um sentimento inconsciente de culpa o desconcertou ainda mais do que a resistência inconsciente do Eu, estabelecendo-se como um enigma.

Posto isso, definir se algo é ou não consciente não seria mais tão importante, uma vez que consiste em qualidade ambígua, não permitindo que a partir dela sejam retiradas conclusões e generalizações para a teoria psicanalítica (Freud, 1923/2019b). No entanto, isso não implica descartar essa qualidade: permanece sendo importante delimitar se algo é ou não consciente, porém é insuficiente para uma caracterização precisa dos processos psíquicos.

Nessa esteira, aquilo que é alheio ao Eu não poderia mais ser chamado de Inconsciente, afinal o Eu também possui partes inconscientes. Dessa forma, Freud (1933/2019, 1923/2019b) escolhe outro termo para nomear esse local psíquico alheio ao Eu. Ele opta por *Es*, que neste trabalho optamos por verter em “Isso”. Esse é um pronome impessoal da língua alemã, que indicaria muito bem o índice de alheamento dessa instância em relação ao Eu (Freud, 1933/2019). Tal escolha foi uma referência a Georg Groddeck (1866-1934), que teria empregado esse termo fundamentando-se no uso de *Es* por Nietzsche, que o fazia para tratar daquilo que é impessoal no ser humano, que se impõe como uma necessidade da natureza. Doravante, para Freud (1923/2019b), o indivíduo seria composto de um Isso – inconsciente –, em sua superfície existindo o Eu, que se desenvolveu do sistema perceptivo, seu núcleo. O Eu não abarca todo o Isso, somente a sua superfície, na qual opera tal sistema, e as instâncias não possuem uma clara separação, encontram-se, fundem-se uma na outra, suas fronteiras sendo opacas (Freud, 1933/2019, 1923/2019b).

O Isso é a parte de nós que é inacessível. Tudo o que se sabe acerca dele deriva dos estudos sobre os sonhos e a formação de sintomas neuróticos. Freud (1933/2019) faz uso de analogias para descrevê-lo, consiste em “um caos, um caldeirão cheio de excitações fervilhantes” (p. 215). Nele se expressam as pulsões, é repleto de energia pulsional e seu único ímpeto é proporcionar satisfação às pulsões, guiando-se pelo princípio de prazer (Freud, 1933/2019). No Isso, estão em permanente luta as pulsões de morte – silenciosas e poderosas – e a pulsões de vida, barulhentas e perturbadoras da paz. Nessa instância, não há contradição, noção espacial, lei lógica. Especialmente, não há temporalidade, os desejos que enchem o Isso permanecem imortais, imutáveis, guardando a mesma força desde o princípio. Além do mais, carece de moralidade, nele não há bem nem mal, o que impera é o princípio de prazer e a necessidade de descarga de energia (Freud, 1933/2019).

Já o Eu é a superfície do Isso que foi alterada pelo contato com o mundo externo. Ele se estrutura para controlar os estímulos e deles se proteger (Freud, 1933/2019). Por essa relação próxima com o mundo externo, representa-o no Isso, o qual ajuda a preservar, pois do contrário sucumbiria à destruição na busca imperiosa por satisfação das pulsões. Ou seja, o Eu tenta substituir o princípio de prazer que governa no Isso pelo princípio de realidade, proporcionando ao Isso uma satisfação mais segura e garantida. Enquanto no Isso residem as paixões, o Eu representa a razão e a ponderação (Freud, 1933/2019, 1923/2019b). Por ter acesso à motilidade – o sistema motor –, a relação do Eu com o Isso funciona como o cavaleiro que necessita frear a força superior do cavalo, porém o fazendo com forças emprestadas, aquelas do próprio cavalo – a libido do Isso. Ademais, o cavaleiro por vezes também necessita deixar o cavalo seguir por onde deseja para que continuem juntos. Igualmente, eventualmente o Eu também faz valer a vontade do Isso, transformando-a em ato como se fosse sua própria vontade (Freud, 1933/2019, 1923/2019b). Em resumo, ao mesmo tempo que o Eu busca tornar o Isso obediente ao mundo externo, tenta fazer valer o desejo do Isso no mundo, pretendendo manter com ele uma relação harmônica.

Além da gênese do Eu repousar na influência do sistema perceptivo, o corpo também desempenha importante papel nesse processo, é dele que partem as percepções externas e internas. Portanto, o Eu é principalmente corporal, advém das sensações corporais, é como uma projeção mental da superfície corporal. Por essa razão que anteriormente Freud (1914/2016a) se referiu ao narcisismo como momento fundamental para a constituição do Eu, uma vez que é caracterizado pela emergência da noção de um corpo erógeno unificado, e não mais apenas zonas autoeróticas independentes entre si.

Há um mecanismo que desempenha papel essencial na configuração do Eu e de seu caráter: a identificação. O processo de substituição de um investimento objetal por uma identificação, localizado por Freud (1917/2016) originalmente na melancolia, não seria apenas característico dessa afecção, mas fundamental para a formação do Eu como um todo (Freud, 1923/2019b). Frequentemente, quando se necessita abandonar um objeto sexual, ocorre uma alteração no Eu, o objeto sendo estabelecido nele assim como na melancolia. O mecanismo de identificação faz com que o Eu se constitua como um “precipitado dos investimentos objetais abandonados” (Freud, 1923/2019b, p. 36), revelando a história das escolhas de objeto realizadas ao longo da vida. É dessa forma que o Eu facilita o abandono dos objetos pelo Isso, pois ao incorporar traços do objeto o Eu se coloca como objeto de amor do Isso, compensando-o pela perda. É como se dissesse para o Isso: “Veja, você pode amar a mim também, eu sou tão semelhante ao objeto” (Freud, 1923/2019b, p. 37). Desse modo, o Eu consegue controlar parcialmente o Isso e com ele aprofundar suas relações.

5.1.2 O herdeiro do complexo de Édipo

Em especial as primeiras identificações ocorridas na tenra infância são importantíssima, pois se constituem como uma instância especial no Eu responsável pela auto-observação, autocrítica (ou consciência moral) e manutenção de um ideal: o Supereu. Essa graduação no Eu já havia sido anunciada na proposição de uma instância ideal do Eu em *Introdução ao narcisismo* (1914/2016a), *Luto e melancolia* (1917/2016) e *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2021), um de nossos objetos de investigação no capítulo anterior. Essa instância recebe a partir de então o nome de Supereu, sendo minuciosamente investigada por Freud e inserida em sua segunda tópica. Em *O Eu e o Id* (1923/2019b), os termos “ideal do Eu” e “Supereu” são empregados de forma a entender que são sinônimos, contudo à frente veremos que o primeiro é uma função do segundo (Garcia-Roza, 2018; Laplanche & Pontalis, 2001).

O Supereu tem sua origem na identificação com os pais, aquela que é a primeira, mais importante e mais intensa. Essa identificação não é exatamente o produto de um investimento objetal, pois é mais direta e imediata. Freud (1923/2019b) nos oferece um modelo, no menino, da forma como se desenrolam essas identificações, que culminam com a formação de um

Supereu³³. Já muito inicialmente o menino investe objetivamente na mãe e apodera-se do pai por meio de uma identificação. Até certo ponto, a relação com o pai e a mãe coexistem sem maiores problemas. No entanto, eventualmente, os desejos sexuais pela mãe aumentam e mais do que nunca o pai passa a ser percebido como um obstáculo para a realização dos seus desejos. Esse é o ponto de início do complexo de Édipo. A partir de então, a identificação com o pai adquire uma tonalidade hostil, deseja-se eliminá-lo para poder ocupar seu lugar ao lado da mãe. Na realidade, desde o princípio a identificação com o pai seria ambivalente, contudo é só a partir desse momento que ela realmente se revelaria como tal. Deseja-se ocupar o lugar do pai pois é uma figura admirada, gostaria de ser como ele, mas isso implica também querer distanciá-lo da mãe (Freud, 1928/2020). Por conseguinte, configura-se um quadro de ambivalência afetiva ante o pai e uma relação terna estabelecida com a mãe.

Esse processo eventualmente encontra um obstáculo: o menino percebe que a tentativa de substituir o pai, eliminando-o, é passível de ser punida com castração. Com medo de perder o amor e proteção do pai, e com a intenção de preservar a sua masculinidade, o menino renuncia ao desejo de eliminar o pai e estar com a mãe (Freud, 1928/2020). É então que se inicia a dissolução do complexo de Édipo. O investimento na mãe terá que ser abandonado e poderá ser substituído ou por uma identificação com a mãe ou pelo endurecimento da identificação com o pai, que nos moldes da fase oral, permitirá satisfazer amor (incorporação) e ódio (destruição). Caso esse último seja o desfecho do Édipo, será mantida a relação terna com a mãe e a masculinidade será estabelecida no caráter do menino. Verifica-se, portanto, que nessas circunstâncias a identificação não é com o objeto abandonado, o qual permanecerá no Ics. De acordo com Freud (1923/2019b), o desfecho do Édipo, isto é, com quem a criança irá se identificar, depende da força das disposições bissexuais da criança. O resultado desse processo será a formação de um precipitado no Eu das duas identificações edípicas, uma ajustada à outra. Esse precipitado, essa alteração no Eu, emerge ante ao resto do Eu como Supereu, é “um caso bem-sucedido de identificação com a instância parental”³⁴ (Freud, 1933/2019, p. 201).

Considerando que os investimentos objetivos colocados em ação pelo Eu são provenientes do Isso, o Supereu se constitui como um resíduo de tais escolhas do Isso. No

³³ Neste trabalho, limitamo-nos a discutir esse modelo de complexo de Édipo, conhecido como simples e positivo. Freud (1923/2019b) destaca que esse não seria aquele mais comum, porém é de grande importância já que é uma simplificação que auxilia em objetivos práticos. Se a investigação fosse aprofundada, seria possível perceber que há um complexo de Édipo completo, simultaneamente positivo e negativo, a depender das disposições bissexuais de cada um (Freud, 1923/2019b).

³⁴ Laplanche e Pontalis (2001) apontam para o fato de que o emprego do termo “instância parental” é um indicativo de que a identificação na origem do Supereu não é necessariamente com pessoas, mas com o Supereu dos pais, como veremos a frente.

entanto, ele é, igualmente, uma formação reativa ao Isso. Isso se revela em sua atitude ambígua ante ao Eu: ao mesmo tempo que exige que seja como o pai, proíbe que seja como o pai, pois a ele certas coisas seriam reservadas. Quer dizer, o Supereu tem uma dupla face porque atuou no recalque do complexo de Édipo, mas simultaneamente deve a ele a sua existência, razão pela qual é considerado seu herdeiro. É importante considerar que o recalque do complexo de Édipo é uma empreitada muito difícil. A criança percebe que os pais, notadamente o pai, colocam-se como um obstáculo aos seus desejos edípicos. Nessa esteira, o seu Eu se fortifica para o recalque e estabelece em si mesmo um obstáculo, internalizando-o. O Supereu substitui a autoridade dos pais, fazendo o que eles faziam: observa, ameaça e castiga o Eu (Freud, 1933/2019). Portanto, essa instância se constitui como uma marca da dependência infantil do Eu, dominando o Eu adulto como um imperativo categórico. Dessa forma, o Eu obedece ao Supereu assim como na época em que era criança e sentia-se obrigado a obedecer aos pais (Freud, 1933/2019). Acata às suas ordens porque os pais são quem mais ama, tem medo de perder o seu amor, seja no tratamento com indiferença ou com uma punição (Mezan, 2013).

A função crítica do antes ideal do Eu passa então a ter uma explicação mais esclarecedora com a proposição da segunda tópica (Mezan, 2013). O Supereu tira sua criticidade do fato de ter sido uma reação contra o complexo de Édipo, nisso sendo internalizada – via identificação – a autoridade parental com suas exigências e proibições. Primeiro índice de consciência moral, o medo de ser descoberto cometendo atos proibidos, deixa de fazer sentido com o surgimento do Supereu (Freud, 1930/2019). Essa instância ocupa o lugar antes ocupado pelas figuras parentais, porém tem acesso a tudo, incluso os pensamentos, sendo onisciente, nada podendo ser dele escondido (Freud, 1930/2019; Mezan, 2013). Nesse sentido, ato e intenção são colocados no mesmo nível, o simples desejar já é motivo para castigos do Supereu. A satisfação pulsional renunciada pela criança, por medo de perda de amor e proteção, não é recompensada, é apenas trocada por uma permanente infelicidade interna: a crítica do Supereu sobre o Eu que se manifesta na forma de sentimento de culpa³⁵ (Freud, 1930/2019).

Estabelecido esse cenário, o Eu permanece sempre “sob o olhar de um outro que está em si. Este outro é o pai despersonalizado, cuja ameaça de castração perdura no âmago do sujeito por intermédio da identificação” (Mezan, 2013, p. 303). Pai despersonalizado porque progressivamente a instância adquire um caráter mais impessoal e afastado das figuras parentais (Freud, 1933/2019). Ao longo da vida, autoridades ocupam o lugar que era dos pais, identifica-se parcialmente com traços dessas imagens, que constituem o Eu (Mezan, 2013). Essas

³⁵ A ser discutido mais a frente neste capítulo.

identificações não são realmente capazes de alterar caráter do Supereu, que “lhe foi dado por sua origem no complexo paterno, ou seja, a capacidade de confrontar o Eu e dominá-lo” (Freud, 1923/2019b, p. 60).

Poder-se-ia pensar que uma educação rigorosa por parte dos pais resultaria em um Super mais exigente. A natureza da educação é apenas um dos elementos que podem influenciar no caráter do Supereu. Isso porque, no que concerne à educação dos filhos, os pais geralmente seguem os critérios de seus Supereus. Por conseguinte, o Supereu da criança se forma sobretudo aos moldes do Supereu dos pais, possui o mesmo conteúdo que o deles (Freud, 1933/2019). Inclusive, a severidade do Supereu é frequentemente inversamente proporcional à natureza da educação fornecida pelos pais. Freud (1930/2019) elenca alguns padrões que tendem a repetir-se. No caso de uma educação em que o pai foi excessivamente indulgente, criam-se as condições para que o Supereu se torne cruel, uma vez que, diante do amor demonstrado pelo pai, o filho volta toda a sua agressividade para dentro. Já o filho que, de outro lado, é criado sem o amor do pai, tende a desenvolver um Supereu mais brando, sendo pequena a tensão entre o Eu e o Supereu, pois grande parte de sua agressividade foi dirigida ao exterior, ao pai.

Quer dizer, a severidade dessa instância depende intimamente da intensidade e dos destinos da agressividade infantil (Freud, 1930/2019). Quanto mais forte os desejos edípicos infantis, mais frustrada a criança se sentirá na satisfação de suas moções pulsionais, impedida pela autoridade parental. Então, desencadeia-se uma forte agressividade vingativa – advinda das pulsões de morte –, porém por amor e temor ao pai, a criança renuncia à satisfação e identifica-se com ele, sendo a agressividade nutrida pelo pai deslocada para si mesmo nesse processo, mais especificamente para o Supereu (Freud, 1923/2019b, 1930/2019). Assim, a severidade do Supereu é proporcional àquela que o Eu nutre pelos outros, sobretudo pelo pai. Freud (1930/2019) conclui, então, que a severidade da instância está relacionada a dois principais fatores: a frustração na satisfação das moções pulsionais que desperta a agressividade da criança; e o amor que sente pela autoridade parental, que conduz à renúncia e ao deslocamento da agressividade para o Supereu.

Por conseguinte, é possível compreender aquilo que até então parecia um paradoxo: os indivíduos menos agressivos são aqueles dotados dos mais severos Supereus (Freud, 1930/2019; Mezan, 2013). Isso porque, aqueles que possuíram um complexo de Édipo mais forte, mais rapidamente o recalçaram e renunciaram à satisfação, direcionando toda a agressividade para o Supereu, que exige inúmeras renúncias. Dessa forma, na esperança de agradar esse Supereu severo, o Eu se comporta da melhor forma possível, porém não recebe

como recompensa sua confiança ou benevolência, pois a instância crítica sabe dos desejos edípicos que habitam o Isso (Freud, 1930/2019).

Tendo isso em consideração, a psicanálise propõe uma origem para a consciência moral – a função de autocrítica – que difere daquela usualmente proposta (Freud, 1930/2019). Em geral, supõe-se que a consciência moral produz a renúncia pulsional, tornando-se a consciência mais intolerante a cada renúncia. Já para a psicanálise se trata do inverso. É a renúncia à satisfação pulsional que produz a consciência moral. Esta que demandará mais renúncias (Freud, 1930/2019). Como visto acima, é na renúncia da satisfação dos desejos incestuosos e parricidas que se estabelece o Supereu, que tem a consciência moral como uma de suas funções.

Em resumo, vimos que algumas das funções do Supereu são a auto-observação e autocrítica – ou consciência moral –, sendo a primeira necessária para colocar em ação a segunda. Porém, há de se considerar uma terceira: a manutenção do ideal do Eu³⁶, derivado do narcisismo infantil (Freud, 1933/2019). O Supereu guarda esse ideal, referencial a partir do qual o Eu se mede, um “precipitado da velha ideia que a criança tinha dos pais, a expressão da admiração de quem os considerava perfeitos” (Freud, 1933/2019, p. 203). O Eu almeja atingir esse ideal de tal forma que o Supereu o impulsiona em direção à perfeição, ao Eu ideal que um dia imaginou ser, e pretende alcançá-lo seguindo os preceitos do ideal do Eu. No entanto, o ideal tem um caráter inatingível – justamente pelo fato de originar-se de uma pretensa perfeição infantil –, constituindo-se assim como um “espinho na carne do ego [...] uma ideia reguladora perversa e vingativa” (Mezan 2013, p. 295). Por essa razão, a cobrança do Supereu para que o ideal seja atingido nunca cessará: o indivíduo constantemente estando aquém do que gostaria de ser.

5.1.3 O Supereu e suas raízes no Isso

Em função de sua ligação com o complexo de Édipo – isto é, com os investimentos objetais do Isso –, é preciso considerar que o Supereu se encontra imerso no Isso, sede das pulsões, sendo, por causa disso, largamente inconsciente³⁷, agindo anonimamente (Freud,

³⁶ O ideal do Eu foi situado como função específica do Supereu apenas em 1933 (2019), antes disso o termo era empregado de forma a dar a entender que seria um sinônimo de Supereu (Garcia-Roza, 2018; Laplanche & Pontalis, 2001).

³⁷ Essa é uma das grandes novidades introduzidas formalmente em *O Eu e o Id* (1923/2019b). A inconsciência da instância crítica estava implícita em *Luto e melancolia* (1917/2016) e na noção de sentimento inconsciente de culpa (Laplanche & Pontalis, 2001).

1923/2019b; Mezan, 2013). Assim, aquilo que é o mais elevado no ser humano, o Supereu, estaria fora do campo da consciência, a despeito da expressão “consciência moral” (Freud, 1923/2019b). Devido a essa relação com o Isso, os conflitos entre Eu e Supereu indicam um conflito entre mundo exterior e interior, entre realidade externa e psíquico, respectivamente. O Supereu advoga em favor do Isso no mundo interior – mesmo que ancorado em ideais sociais –, enquanto o Eu representa a realidade externa (Freud, 1923/2019b). Em certa medida, o Supereu também representa o mundo externo, porém com as forças do Isso, porque as pessoas que estão em sua gênese pertencem ao mundo externo, no poder desempenhado pelos pais estando implícitas as tradições que precedem o indivíduo. Em especial uma análise do vínculo entre Supereu e Isso nos auxiliará a compreender a severidade com que incide sobre o Eu, o que é altamente perceptível nos casos de neurose obsessiva e também na melancolia, a tensão entre as duas instâncias se manifestando na forma de sentimento de culpa.

É preciso retomarmos a concepção freudiana sobre as pulsões forjada em *Além do princípio de prazer* (1920/2021) para investigarmos a ligação entre Supereu e pulsões. Verificamos que Freud (1920/2021) defende a existência de dois tipos de pulsões, ambas sendo de natureza conservadora. De um lado, temos as pulsões de vida ou Eros, às quais temos maior acesso e incluem as pulsões sexuais e de autoconservação – anteriormente consideradas opostas uma à outra. Eros almeja unir os organismos, complexificando-os, para assim conservar a vida, perpetuando-a. De outro, temos as pulsões de morte ou Tânatos, cujo representante é o sadismo. Elas objetivam fazer com que o indivíduo retorne ao inorgânico, ao estado inanimado, é uma força de desligamento. Ocorre que ambas são indissociáveis, não existem separadas, assim como também não se unem totalmente formando uma só pulsão (Freud, 1923/2019b).

As pulsões costumam estar misturadas, amalgamadas, fusionadas. Por exemplo, a pulsão de morte é desviada pela pulsão de vida em direção ao mundo exterior a partir da musculatura, em certas ocasiões se manifestando como pulsão de destruição ou agressão dirigida ao exterior, nesse processo ocorrendo uma atenuação da pulsão de morte (Freud, 1923/2019b). Ou seja, a pulsão de morte é comumente colocada a serviço da pulsão de vida. Um caso de fusão é o componente sádico da pulsão sexual, mescla-se a pulsão de morte à de vida para fins sexuais. Porém, se há uma fusão das pulsões, seria também possível haver uma desfusão, Tânatos em alguma medida não estando mais a serviço de Eros (Freud, 1923/2019b). É justamente uma desfusão que ocorre no processo de formação do Supereu a partir das identificações no complexo de Édipo, Tânatos se entrenchando nessa instância. Vejamos como isso transcorre.

O Eu é o responsável por se ocupar dos investimentos objetivos do Isso, substituindo-os por si mesmo quando se altera via identificação. É isso que ocorre durante o complexo de Édipo, porém as identificações são mais diretas e feitas com base no “modelo do pai”, constituindo-se como uma instância separada, o Supereu (Freud, 1923/2019b, p. 68). Nesse processo de transformação da libido objetal em libido do Eu, ocorre uma dessexualização da libido, um abandono dos fins sexuais, o que implica uma desfusão pulsional. Dessa forma, Eros não consegue mais controlar a destrutividade que permeia a relação com o objeto. A consequência da desfusão pulsional é sempre um aumento da agressividade. Tânatos fica livre na forma de uma inclinação à agressão e à destruição, retornando ao seu lugar de origem, o próprio indivíduo, mais especificamente vai em direção ao Supereu (Freud, 1923/2019b; Mezan, 2013). O caráter cruel do Supereu – o “ter que” – decorre, portanto, da desfusão pulsional ocorrida durante o processo de dessexualização pulsional implicado na identificação (Freud, 1923/2019b). O Eu em sua tentativa de controlar o Isso por meio das identificações sofre como consequência a punição do Supereu severo.

É desse processo de desfusão que advém a hipermoralidade do Supereu. Freud (1933/2019, 1923/2019b) situa o Eu como uma instância moral, o Isso como amoral e o Supereu como hipermoral, porém é importante sublinhar que esbarra na amoralidade ao ser cruel. Frente ao Supereu e às outras instâncias, o Eu é localizado como uma pobre criatura que serve a três senhores que o ameaçam: o mundo exterior, a libido do Isso e a severidade do Supereu (Freud, 1923/2019b). Ele se esforça por harmonizar as exigências de cada um, porém são em geral incompatíveis, mantém relações de dependência com os três, todos colocando o Eu em perigo e engendrando uma angústia diferente.

Em particular, a tensão entre o Supereu e o Eu, as críticas que faz ao Eu são sentidas como sentimento de culpa, presentes notadamente na neurose obsessiva e na melancolia. Nesta última, o tratamento cruel e agressivo que o Supereu dá ao Eu remete ao tratamento sádico com o objeto (Mezan, 2013). Tem-se a impressão de que nessa instância está condensado todo o sadismo existente. Para Freud (1923/2019b), nesses casos o que há no Supereu é “pura cultura do instinto de morte” (p. 66), tanto é que ocasionalmente na melancolia o indivíduo pode desembocar na morte. Nesse sentido, é importante retomarmos que Freud (1915/2019) concebe o sadismo-masiquismo como pares inseparáveis. Assim, exige-se de nós que investiguemos se nessa dinâmica produtora de sentimento de culpa está implicada alguma parcela de satisfação masoquista e sua relação com as instâncias psíquicas.

5.2 UMA RELAÇÃO SÁDICA E MASOQUISTA

Ao longo deste trabalho, destacamos que vários fenômenos clínicos indicavam a presença de uma tendência punitiva no psiquismo: nos obsessivos, a autopunição por meio de sintomas e formações reativas, os indivíduos que insistem em fracassar e permanecer no sofrimento ou até mesmo os sonhos de punição, os quais renunciavam a possibilidade de um masoquismo no Eu. Em todos, a impressão é de que há uma força diabólica que faz o indivíduo sofrer, esse, por sua vez, se submetendo ao sofrimento imposto ou até mesmo o procurando. Particularmente em *Luto e melancolia* (1917/2016), tornou-se mais evidente a existência de uma dinâmica psíquica em que de um lado há um torturador, um sádico – a instância ideal do Eu – e de outro há um torturado, um masoquista – o próprio Eu.

Uma compreensão mais aprofundada acerca desses fenômenos só se tornou possível com as mudanças teóricas inauguradas em 1920. Havia uma dificuldade em fazer derivar o ódio das pulsões de autoconservação e sexuais. Mostrava-se necessário propor uma força separada na origem dos processos destrutivos e agressivos, o que veio a ser respondido com a formulação do conceito de pulsão de morte, cujo representante seria o sadismo. Além disso, a estruturação do aparelho psíquico em *Eu e o Id* (1923/2019d) possibilitou compreender que o Supereu, instância derivada do Eu, é o grande responsável por atormentar o Eu com críticas e punições, sendo sádico por se encher de pulsão de morte por meio da des fusão pulsional.

Uma análise da relação entre Eu e Supereu seria, então, a chave para a compreensão da dinâmica punitiva que aprisiona os indivíduos no sofrimento. A última peça que faltava seria compreender por que o Eu se submete à crueldade do Supereu, o que veio a ser explicado em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2019). Era preciso considerar que tendências masoquistas habitam o Eu, correspondendo a relação entre Supereu e Eu àquela entre sádico e masoquista. Essa relação produziria como efeito o sentimento de culpa, que, em suas variadas formas, sobretudo como necessidade de punição, faz com que o indivíduo prefira o sofrimento à cura. Levando isso em consideração, neste momento pretendemos investigar no que consiste o masoquismo, sobretudo sua forma moral que se revela na relação Eu-Supereu. Então, poderemos avançar para uma análise das manifestações clínicas dessa configuração e suas nuances na neurose obsessiva – afecção em que o Supereu é especialmente severo.

5.2.1 O masoquismo originário e suas formas

Em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2019), Freud se dedicou a investigar a problemática que envolve o masoquismo, isto é, como seria possível que a dor seja prazerosa e uma meta a ser alcançada. O masoquismo e seu par complementar, o sadismo, já haviam sido estudados em *As pulsões e seus destinos* (1915/2019). Contudo, em razão de naquele momento o dualismo pulsional se fundar na oposição entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, Freud se viu diante da enorme dificuldade em articular os dois pares sem levar em consideração a existência de tendências unicamente destrutivas no indivíduo. Assim, o masoquismo foi considerado um dos destinos das pulsões sexuais, consistindo no direcionamento do sadismo – considerado primário – sobre o próprio Eu.

A teoria acerca do sadismo-masoquismo mudou com a publicação de *Além do princípio de prazer* (1920/2021) e o reordenamento do dualismo pulsional em pulsões de vida (as sexuais e de autoconservação) e pulsões de morte. A existência das pulsões de morte no organismo denunciava que o masoquismo deveria ser considerado como primário, um derivado de Tânatos. O sadismo, então, seria resultado da fusão de Tânatos com Eros, sendo a destrutividade atenuada em seu direcionamento aos objetos do mundo externo (Freud, 1920/2021). O texto de 1924 (2019) é um prosseguimento dessa investigação, sendo o objetivo de Freud então pesquisar as origens desse masoquismo primário e suas variações. Nesse processo, ele identificou três formas de masoquismo: o erógeno, o feminino e o moral. O primeiro deles consiste no prazer na dor e é fundamento para os outros. Vejamos, portanto, no que consiste, para então avançarmos em direção aos outros dois, sendo o moral considerado por Freud (1924/2019) o mais importante e manifesto na relação entre Eu e Supereu.

Para compreendermos como se desenvolve o masoquismo erógeno – prazer na dor –, é preciso retornar às considerações sobre a sexualidade infantil apresentadas em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016). Nesse texto, a excitação sexual fora concebida como produzida por “efeito secundário em toda uma gama de processos internos, logo que a intensidade desses processos ultrapassa determinados limites quantitativos” (Freud, 1924/2019, p. 190). Quer dizer, todos os processos que ocorrem no organismo seriam passíveis de produzir uma simultânea excitação sexual. Tendo isso em consideração, a ocasião de aparecimento de dor ou desprazer igualmente teria sido acompanhada de excitação sexual. Esse seria o fundamento fisiológico do masoquismo erógeno no psiquismo: na concomitância entre sensações corporais e excitação, surgiu o prazer na dor. É importante destacar que Freud (1924/2019) teve que repensar sua perspectiva econômica da definição de prazer/desprazer. Por

muito tempo, o desprazer era considerado como resultante da elevação das tensões, e o prazer resultado de sua diminuição. No entanto, em 1924 (2019), ele admite que existem tensões prazerosas – como a excitação sexual – e distensões desprazerosas, de tal forma que seria necessário considerar um fator qualitativo na definição de prazer/desprazer, o qual ele admite ser uma incógnita.

Essa explicação, entretanto, não esclarece as relações entre o masoquismo e a sua contrapartida, o sadismo. Se as pulsões forem tomadas como referência, é possível localizar também outra origem para o masoquismo, que de forma alguma entra em contradição com a coincidência infantil dor-excitação sexual. Freud (1924/2019) constatou que nos seres vivos está atuante a pulsão de morte, cujo objetivo é desintegrá-lo e conduzi-lo ao estado inanimado. Ocorre que, no encontro entre pulsão de morte e de vida, esta tenta tornar Tânatos inofensivo, amansá-lo, o que consegue a partir da musculatura, direcionando-o para os objetos da realidade externa (Freud, 1924/2019). Assim, a pulsão de morte é deslocada para a exterioridade pela pulsão de vida, sendo colocada a seu serviço, tornando-se pulsão de destruição, sadismo. A maior parte da pulsão de morte é deslocada para os objetos externos, porém uma parcela não é direcionada para fora e permanece dentro do organismo (Freud, 1924/2019). Com a produção simultânea de dor e excitação sexual mencionada anteriormente, essa parcela da pulsão de morte vincula-se à libido e constitui o masoquismo erógeno e primário. Ainda, pode ocorrer do sadismo retornar para o organismo, sendo introjetado. O que se produz então é um masoquismo secundário, que se acrescenta ao original e primário (Freud, 1924/2019).

O masoquismo feminino e o moral encontram suas bases no erógeno. O primeiro se manifesta em fantasias sexuais, em que se é “amordaçado, amarrado, golpeado, chicoteado de maneira dolorosa, maltratado de algum modo, obrigado à obediência incondicional, sujado, humilhado” (Freud, 1924/2019, p. 189). Tais fantasias, por exemplo, podem ser realizadas seja como passo preliminar ao ato sexual ou serem o seu propósito final. Por meio delas, o indivíduo se coloca em uma posição feminina. Elas implicam ser possuído por alguém, ser castrado ou dar à luz (Freud, 1924/2019). É por causa disso que essa forma de masoquismo foi nomeada como “feminino”. As fantasias são também atravessadas por um sentimento de culpa, uma vez que as torturas às quais o indivíduo se sujeita são formas de expiar uma infração. Por essa razão, estão relacionadas com o masoquismo moral.

Essa última forma de masoquismo está relacionada ao prazer do Eu no sofrimento imposto pelo Supereu, consistindo no “desejo de sofrer por sofrer” (Mezan, 2013, p. 297). As críticas do Supereu ao Eu produzem um sentimento de culpa consciente ou inconsciente, nesta se expressando como “necessidade de punição”, que, no tratamento, engendra uma resistência

à melhora, conhecida como reação terapêutica negativa³⁸ (Freud, 1924/2019). Essa resistência é a principal manifestação do masoquismo moral, representando o prazer do Eu em permanecer na doença para assim expiar os pecados dos quais o Supereu o acusa. O adjetivo “moral” advém do fato de que surge na crítica do Supereu em sua função de consciência moral (Mezan, 2013). A origem desse masoquismo é localizada em um processo de ressexualização da consciência moral, função do Supereu, que se formou a partir do processo de dessexualização pulsional, produto da desfusão pulsional, que ocorre na dissolução do complexo de Édipo. Mezan (2013) comenta acerca desse processo:

Em síntese, o masoquismo moral pode ser visto como uma tendência desvairada do ego de desfazer a desfusão pulsional, ligando novamente o Eros e a pulsão de morte; mas ao invés de predominar a libido, vence a tendência à autodestruição, dada a constelação pulsional específica do indivíduo. Este resultado se aproxima da neurose, de sorte que não é surpreendente encontrá-lo em formação patológicas de tipo obsessivo ou melancólico. (p. 299).

Por conseguinte, de um lado, tem-se um Supereu sádico, que verificamos que adquire esse caráter por força de sua íntima ligação com o Isso, especialmente em razão da desfusão pulsional, por meio da qual a pulsão de morte livre se entrincheira no Supereu, sendo a agressividade que se nutria pelos outros absorvida por essa instância. De outro lado, tem-se um Eu masoquista, fruto de uma tentativa do Eu de ressexualização da pulsão de morte que foi liberada, culminando com o masoquismo moral do Eu (Freud, 1924/2019). Estabelece-se, então, um quadro de complementariedade entre o sadismo do Supereu – geralmente consciente – e o masoquismo do Eu – inconsciente, perceptível apenas por inferência. Quer dizer, o Eu se satisfaz inconscientemente na tortura imposta pelo Supereu (Freud, 1924/2019).

5.2.2 Sentimento de culpa: produto da tensão entre Eu e Supereu

O sentimento de culpa é uma manifestação da relação entre Eu e Supereu (Freud, 1923/2019b). Pode ser encontrado de diversas formas: consciente, inconsciente, ser expresso como necessidade de punição ou como reação terapêutica negativa. Avançaremos, então, para uma análise do sentimento de culpa e suas modalidades, assim como suas particularidades na neurose obsessiva. Desde o início deste trabalho, destacamos o sentimento de culpa como já estando prenunciado nos primeiros estudos freudianos acerca das autorrecriminações obsessivas, sendo posteriormente identificado como elemento integrante do mecanismo da neurose obsessiva, sua dimensão inconsciente tendo sido constatada. Somente com a virada dos

³⁸ A ser discutida mais a frente neste trabalho.

anos 1920, com a formulação do conceito de pulsão de morte, a teorização do Supereu e a proposição de uma relação sádica e masoquista entre Supereu e Eu que o sentimento de culpa ganhou uma teorização mais acabada, sendo considerado elemento presente em todas as neuroses (Freud, 1923/2019b). Além disso, passou a ser fundamental identificar sua atuação no tratamento psicanalítico, pois oferece um dos mais fortes obstáculos contra a cura (Freud, 1923/2019b).

De acordo com Freud (1933/2019, 1923/2019b), o sentimento de culpa é comum a todos. Ele é a forma como o indivíduo sente a tensão entre as exigências e críticas do Supereu e as realizações do Eu, consiste na manifestação de uma “relação intersistêmica no seio do aparelho psíquico” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 473). A todo momento, o Supereu observa o Eu e impõe-lhe certas exigências – fundadas no ideal do Eu –, sem considerar as dificuldades para executá-las. Caso não seja possível alcançá-las, o Supereu pune o Eu, produzindo sentimento de culpa (Freud, 1933/2019).

Na neurose obsessiva, esse sentimento é geralmente consciente, e suas motivações inconscientes (Freud, 1933/2019). Nessa afecção, o Supereu é especialmente rigoroso e intransigente com o Eu, não parecendo a culpa que é produzida em decorrência dessa tensão justificada para o Eu, pois o Supereu o critica por conteúdos pertencentes ao Isso³⁹, aos quais o Eu não tem acesso (Freud, 1923/2019b, 1926/2020). Nessas circunstâncias, o obsessivo, por vezes, procura o psicanalista para pôr fim a esse sentimento produtor de autorrecriações. O conteúdo da culpa permanece oculto ao paciente porque sobre ele incidem mecanismos de deslocamento⁴⁰, fazendo com que a culpa recaia sobre representações outras que as que originalmente a provocaram (Freud, 1926/2020). Consequentemente, à primeira vista, a culpa parece exagerada ou sem sentido. Durante a análise, caberá ao analista tomar o afeto da culpa como verdadeiro e, junto com o paciente, descobrir o conteúdo ao qual a culpa verdadeiramente se refere, processo semelhante àquele já indicado por Freud em seus primeiros textos e descrito no primeiro capítulo deste trabalho. Percebe-se, portanto, que nesses casos o indivíduo não consegue se afastar da culpa, apenas das suas motivações originais, que se tornam inconscientes. Contudo, é importante destacar que em certas neuroses obsessivas não há sentimento de culpa, apenas um sentimento vago de mal-estar, pois o Eu se livra dele por meio da formação de sintomas como os atos de penitências e restrições autopunitivas⁴¹ (Freud,

³⁹ À frente veremos no que consistem.

⁴⁰ Mecanismo já descrito por nós no primeiro capítulo e detalhado sobretudo em *A interpretação dos sonhos* (1900/2021).

⁴¹ Processo semelhante àquele descrito por Freud em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/2021) e indicado por nós no segundo capítulo deste trabalho.

1930/2019, 1926/2020). Dessa forma, verifica-se que o sentimento de culpa, produto da tensão entre Eu e Supereu, desempenha papel fundamental na formação dos sintomas obsessivos (Freud, 1926/2020).

Em outras situações, o sentimento de culpa é inconsciente. Levando em consideração que o Supereu é majoritariamente inconsciente por ter sua origem no complexo de Édipo, sua relação com o Eu também é, sendo provável que a maior parte do sentimento de culpa seja inconsciente (Freud, 1923/2019b). Esse fenômeno possui um sentido mais radical do que a culpa inconscientemente motivada (Laplanche & Pontalis, 2001). Segundo Freud (1923/2019b). O sentimento inconsciente de culpa é algo que se infere a partir da percepção da tendência masoquista dos indivíduos de permanecer no sofrimento da doença. É como se sentissem culpados e precisassem sofrer para expiar a culpa, implicando o abandono do sofrimento em um aumento da culpa (Freud, 1923/2019b). A culpa inconsciente, ao aprisionar o indivíduo na doença e opor-se à melhora, atua satisfazendo tendências masoquistas do Eu – seu masoquismo moral (Freud, 1924/2019). Nesse sentido, curiosamente, há neuroses que desaparecem quando desponha alguma desgraça na vida do paciente, como uma doença orgânica, um casamento infeliz etc. (Freud, 1924/2019). O sofrimento da neurose é substituído por outro. Nisso, revela-se que o mais importante é apenas continuar sofrendo.

Com seus anos de prática clínica, Freud percebeu que possivelmente toda neurose guarda um sentimento inconsciente de culpa, o qual “fortalece os sintomas ao usá-los como castigo” (Freud, 1930, p. 113). Ao identificar a atuação desta culpa no tratamento, Freud por vezes optava por comunicá-la aos pacientes. Contudo, não acreditavam serem dominados por um sentimento inconsciente de culpa, isso porque já conheciam a culpa consciente, que se manifesta na forma de autorrecriações e remorsos, de tal forma que não compreendiam como poderiam sentir culpa sem o saber (Freud, 1924/2019). É como se o sentimento fosse mudo, sentindo-se o paciente apenas doente, e não culpado. Essa dificuldade da parte dos pacientes se deveria à expressão “sentimento inconsciente de culpa” ser em certa medida incorreta. De acordo com Freud (1930/2019), seria melhor empregar a expressão “necessidade de punição”, que é a forma como esse sentimento se manifesta, uma espécie de tendência ao aniquilamento do sujeito (Laplanche & Pontalis, 2001).

Assim, em seu trabalho, o psicanalista precisa levar em consideração o fator econômico envolvido nos sintomas produzidos pelo paciente. O circuito pulsional conforme concebido a partir de 1920 anunciou que a satisfação sádico-masoquista desempenha um papel fundamental na dinâmica psíquica. Assim, apesar de o indivíduo se queixar dos tormentos que, por exemplo, as autorrecriações obsessivas o submetem, a psicanálise revelou que os

sintomas só persistem porque esse sofrimento é acompanhado de uma parcela de prazer – o prazer na dor, o masoquismo (Freud, 1924/2019). Com efeito, o sintoma do qual o paciente se queixa é a forma como achou de expiar e lidar com a culpa inconsciente que o habita. Portanto, o psicanalista precisa estar preparado para os desafios que incluem perturbar a satisfação – à qual jamais se quer renunciar – que implica o sofrimento neurótico. Mais do que nunca, revela-se a magnitude da resistência que está sujeita a ser desperta no paciente quando, ao adentrar em um tratamento psicanalítico, ameaça-se privá-lo dessa satisfação.

Freud nomeou essa forma de resistência como reação terapêutica negativa, também conhecida como resistência do Supereu (Freud, 1933/2019, 1923/2019b, 1924/2019). Ela é produzida pelo sentimento inconsciente de culpa e a necessidade de punição, sua forma de expressão. Nesse fenômeno, o quadro da neurose piora ao invés de melhorar com o tratamento, indicativo de que o sofrimento é mais importante do que a cura. Essa resistência é o maior obstáculo à melhora terapêutica, consistindo na resistência mais obscura (Freud, 1923/2019b, 1926/2020). Ela revela que o paciente está preso em um sofrimento prazeroso – masoquista –, infligido por um Supereu sádico. Além disso, essa resistência estaria presente em diferentes medidas em todos os casos de neurose (Freud, 1923/2019b). Por essa razão, é fundamental o psicanalista investigar o comportamento do Supereu em cada neurose, pois demarca a gravidade da afecção. Quanto mais sádico o Supereu, mais o paciente se satisfaz masoquistamente na doença, ocasionando um fortalecimento inconsciente dos sintomas (Freud, 1923/2019b).

Um último ponto que resta a ser tratado é: do que o Supereu acusaria o Eu de ser culpado, pelo que o estaria punindo com culpa? Segundo Freud (1933/2019), o Supereu pune o Eu pelos desejos incestuosos e parricidas que habitam o Isso, a respeito dos quais o Eu nada sabe, acusando-o de consentir com eles. O que apenas confirma a proximidade entre Supereu e Isso, e que o contato entre as instâncias é feito sem a mediação do Eu, porque as tendências contra as quais o Supereu se revolta pertencem ao Isso e jamais integraram o Eu (Mezan, 2013). Assim sendo, os desejos incestuosos e parricidas inconscientes são a principal fonte, o motor, do sentimento de culpa e da necessidade de punição (Freud, 1928/2020). Tanto faz se houve ou não, por exemplo, o assassinato do pai, o simples desejo inconsciente basta para que surja a culpa. Conforme Freud (1930/2019):

[...] a diferença entre agressão intencionada e realizada perdeu sua força, devido à onisciência do Super-eu; o sentimento de culpa podia ser gerado tanto por uma violência realmente consumada – como todos sabem – quanto por uma apenas intencionada – como verificou a psicanálise. (pp. 110-111).

O Eu que o Supereu critica é sempre aquele “do complexo de Édipo, ego libidinoso e assassino, sem vergonha e pudor, que deseja a promiscuidade e a morte” (Mezan, 2013, p. 301). Assim, os crimes horrendos que o Eu expia no sofrimento via sentimento inconsciente de culpa são aqueles cometidos em desejo durante o complexo de Édipo, dos quais o Supereu o acusa. Em especial na neurose obsessiva, o crime seria ter desejado a morte do pai amado para estar ao lado da mãe. Considerando o desfecho do complexo de Édipo, em que se fortifica a identificação com o pai, o Supereu exige do Eu o impossível: que seja e não seja como o pai. Diante da onisciência do Supereu e das impossíveis demandas que faz ao Eu, surge o sentimento de culpa na neurose obsessiva. Será em função da culpa originária, da tensão imposta pelo Supereu, que surgirão as autorrecriações e uma vasta gama de sintomas obsessivos, até mesmo impulsos suicidas. Por meio deles, o indivíduo simultaneamente se defende e satisfaz-se masoquistamente – o que garante com que persistam.

5.3 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

Neste último capítulo, foi possível investigarmos as origens e funções do Supereu, assim como identificar o sentimento de culpa como reflexo da atuação cruel dessa instância na sua relação com o Eu. Verificamos que vários elementos indicavam para Freud a necessidade de uma reformulação do seu primeiro modelo de aparelho psíquico. O estudo sobre o narcisismo e a melancolia havia indicado que o Eu podia sofrer gradações, produto da substituição de investimentos objetivos por identificações, sendo a instância ideal do Eu uma delas. A percepção da presença de resistências do Eu inconscientes, denunciada em 1920 (2021) e reiterada em 1923 (2019b), anunciava que não era possível fazer coincidir Eu e consciência, sendo o Eu ao menos parcialmente inconsciente e sendo a oposição Eu-recalcado mais adequada do que aquela consciente-inconsciente. Destacamos que os sonhos de punição, já em 1900 (2021), apontavam para a existência de partes inconscientes do Eu. Ainda, verificamos que o sentimento inconsciente de culpa foi também outro elemento fundamental que exigia a proposição de outro modelo de aparelho psíquico, um indicativo de que a consciência moral poderia ser inconsciente (Freud, 1923/2019b).

Frente à impossibilidade de opor Eu ao Inconsciente, Freud identificou o local psíquico alheio ao Eu como Isso, instância na qual impera o princípio de prazer e na qual as pulsões de vida e de morte estão em constante luta. Na superfície do Isso, a partir do sistema perceptivo e no contato com o mundo externo, desenvolve-se o Eu. Como a percepção é feita por meio do corpo, o Eu também é considerado corporal, uma projeção mental do corpo. Ele almeja

controlar o Isso, tentando substituir o princípio de prazer pelo princípio de realidade, porém o faz com forças emprestadas do Isso. Quer fazê-lo obedecer ao mundo externo, contudo também procura fazer valer seu desejo no mundo. No final das contas, o Eu procura manter uma relação harmoniosa com o Isso.

Localizamos que há um mecanismo fundamental na formação do Eu. É a identificação, antes localizada como processo característico da melancolia e agora elevada a processo elementar na constituição do Eu. Na substituição dos investimentos objetivos por identificações, forma-se o Eu, um precipitado dos investimentos já realizados e abandonados. Há, contudo, uma identificação que é primeira e mais importante, aquela feita com os pais, responsável por constituir uma outra instância psíquica, o Supereu, cujas funções são a auto-observação, a autocrítica (consciência moral) e a manutenção de um ideal do Eu. Outras noções discutidas ao longo deste trabalho renunciaram o Supereu, a instância ideal do Eu, o “Eu austero”, a “consciência especial” (Freud, 1907/2021, 1909/2017, 1914/2016a, 1917/2016). Essas identificações com os pais se desenrolam sobretudo nas circunstâncias do complexo de Édipo. Com medo da perda do amor e proteção do pai – no caso do menino –, renuncia-se à satisfação dos desejos edípicos e sucede-se a dissolução do complexo de Édipo. Forma-se, então, um precipitado das identificações edípicas com o pai e a mãe, que constitui o Supereu. Por essa razão, é considerado herdeiro do complexo de Édipo, sendo resíduo das escolhas do Isso, mas simultaneamente uma reação a tais escolhas, retirando disso seu caráter ambíguo, exigindo do Eu que seja como o pai, porém também o proibindo de ser como ele.

Identificamos, portanto, que a função de consciência moral do Supereu deriva do fato de ter auxiliado no recalque do complexo de Édipo. O obstáculo à satisfação dos desejos edípicos que era feito pelo pai foi substituído por um obstáculo interno, o Supereu, que assume as funções anteriormente desempenhadas pelo pai, vigiar, criticar e punir. Diferentemente do pai, o Supereu é onisciente e nada dele o Eu consegue esconder, nem mesmo seus pensamentos. O Eu lhe obedece porque o teme, assim como temia perder o amor dos pais na infância. Vimos que essa instância crítica se torna mais impessoal ao longo da vida devido à influência de autoridades, que, no entanto, não são capazes de alterar o caráter do Supereu, que tem sua origem na identificação com a instância parental.

Pudemos localizar algumas origens para a severidade do Supereu, visível sobretudo na neurose obsessiva e também na melancolia, como vimos ao longo deste trabalho. Usualmente, supor-se-ia que uma educação benevolente produziria um Supereu benevolente, porém Freud constatou que a severidade dessa instância não é diretamente proporcional à educação recebida. Muitas vezes, o que ocorre é justamente o contrário: mais benevolente a educação, mais severo

o Supereu. Na realidade, ele irá formar-se aos moldes do Supereu dos pais e sua força dependerá em grande medida da intensidade do complexo de Édipo. Quanto maior o amor pela mãe, maior o ódio pelo pai. Na renúncia da satisfação pulsional, a agressividade nutrida contra o pai é deslocada para si mesmo. Portanto, verificamos que a agressividade do Supereu é proporcional à agressividade dirigida aos outros. Por isso, os indivíduos mais “bem comportados” são aqueles que têm os Supereus mais agressivos, pois esse absorveu toda a agressividade originalmente dirigida ao outro.

É importante destacar que a crítica do Supereu sobre o Eu é feita a partir das medidas fornecidas pelo ideal do Eu. O Supereu cobra do Eu que seja como o ideal, impulsionando o indivíduo à perfeição. Porém, esse ideal é perverso, é impossível de ser atingido, uma vez que deriva da ideia imaginária de perfeição cultivada durante o período narcísico. Dessa forma, o Supereu não cessa de cobrar o Eu, nunca sendo o indivíduo aquilo que gostaria de ser.

Localizamos outro fator que determina a severidade do Supereu: sua origem no Isso. Por derivar das escolhas objetais, o Supereu tem uma relação íntima com o Isso, está imerso nele. Por causa disso, é largamente inconsciente. Como já visto no terceiro capítulo, pulsões de vida e de morte estão geralmente fusionadas, Eros amansando Tânatos, direcionando-o para o mundo exterior. Entretanto, durante a formação do Supereu se passa o contrário, ocorre uma desfusão pulsional. No processo de transformação da libido objetal em libido do Eu, ocorre uma dessexualização da pulsão, isto é, ela perde suas metas sexuais. Por consequência, Eros não consegue mais controlar Tânatos, que fica livre como uma tendência à agressão e retorna ao indivíduo, entrincheirando-se no Supereu. Nesse processo, o Supereu se torna hipermoral, atormentando o Eu com suas exigências e castigos. Além do Supereu, o mundo externo e a libido do Isso fazem exigências ao Eu, que se vê ameaçado por três senhores, tentando atender aos três ao mesmo tempo, na esperança de manter com eles uma relação harmoniosa.

Em seguida, avançamos em direção a um estudo da natureza da relação entre Supereu e Eu e sua manifestação na forma de sentimento de culpa. Vários fenômenos que destacamos ao longo deste trabalho, como as autopunições dos obsessivos, os sonhos de punição e os que fracassam no êxito, indicavam a existência de uma forma de funcionamento psíquico em que o próprio indivíduo se aprisiona no sofrimento. Nessa esteira, ao longo deste trabalho, verificamos a presença de uma dinâmica em que, de um lado, há um torturador – um sádico – e, de outro, um torturado – um masoquista. Nós identificamos que aquele responsável pela tortura seria o Supereu, instância crítica repleta de pulsão de morte, e aquele que é torturado é o Eu. Empreendemos, então, uma investigação acerca da relação entre Supereu e Eu, marcada pelo sadismo e o masoquismo. Verificamos que a partir de 1920 (2021), com a proposição da

pulsão de morte, Freud considera o masoquismo original, anterior ao sadismo, seu par complementar. Na tentativa de compreender as origens desse masoquismo, Freud identificou três formas dele: o erógeno (original), o feminino e o moral.

O primeiro é fundamento para os outros. Consiste no prazer na dor e tem sua origem na produção de excitação sexual que acompanha todos os processos orgânicos. Nessas circunstâncias, o surgimento de dor é capaz de produzir excitação sexual. Assim, o masoquismo original surge da concomitância excitação sexual-dor. Ele possui também outra origem, a partir da qual podemos verificar sua relação com o sadismo. Todos nós somos atravessados pela pulsão de morte, que é comumente colocada a serviço das pulsões de vida e direcionada para o exterior. No entanto, há uma parcela de pulsão de morte que permanece no organismo e constitui o masoquismo erógeno (Freud, 1924/2019). A segunda forma de masoquismo, o feminino, são as fantasias em que se é maltratado ao ser colocado em uma posição feminina.

Por fim, o masoquismo considerado por Freud o mais importante, e muito relevante para esse trabalho, é o moral. Ele consiste no prazer do Eu no sofrimento infligido pelo Supereu. Constatamos que ele se origina da tendência do Eu em ressexualizar a pulsão dessexualizada na ocasião da formação do Supereu. O Eu, ao tentar ligar Eros e Tânatos, acaba produzindo o masoquismo moral. Em função disso, o Eu sente prazer em permanecer no sofrimento imposto pelo Supereu, satisfazendo-se. Isso é perceptível no fenômeno da reação terapêutica negativa, ancorado em um sentimento inconsciente de culpa, em que o indivíduo prefere a doença à melhora. Destacamos, então, que se configura uma relação entre sádico (Supereu) e masoquista (Eu).

Nós pudemos constatar que o sentimento de culpa é uma manifestação dessa tensão entre Eu e Supereu. Não é exclusivo da neurose obsessiva, é comum a todos e é a forma como o Eu sente a crítica feita pelo Supereu, consiste também em uma forma de punir o Eu por conteúdos do Isso. Na neurose obsessiva, costuma ser consciente, porém sua motivação inconsciente. Os obsessivos não sentem a culpa como justificada, isso porque o conteúdo ao qual se refere a culpa sofreu a ação de um mecanismo de deslocamento. Por vezes, procuram a ajuda de um psicanalista, que terá que considerar a culpa como verdadeira e investigar qual a representação que está em sua origem. A culpa também pode estar ausente, pois, na tentativa de afastá-la, formam-se sintomas obsessivos, e a culpa pode se transformar em um vago mal-estar, por exemplo.

Vimos que, na realidade, grande parte do sentimento de culpa é inconsciente, pois o Supereu encontra sua origem no complexo de Édipo e sua relação com o Eu é largamente inconsciente. Freud inferiu a existência desse sentimento a partir da percepção da permanência

dos indivíduos no sofrimento. É como se sentissem culpados e precisassem expiar a culpa por terem feito algo errado. O autor situa a dificuldade que implica considerar um sentimento como inconsciente. Por essa razão, propõe que a expressão clínica desse sentimento se dá na forma de uma “necessidade de punição”. Para ele, a culpa inconsciente se manifesta na forma de uma resistência, a reação terapêutica negativa. Diante da perspectiva de melhora, o paciente piora, aprisionando-se no sofrimento, em função de retirar dele uma satisfação masoquista. Esse seria o maior obstáculo à melhora e estaria presente em todas as neuroses.

Quanto àquilo que pelo qual o Eu seria culpado, Freud (1928/2020) sublinha que o Supereu pune o Eu com culpa por causa dos desejos edípicos – incestuosos e parricidas – que foram cultivados durante a infância⁴². Identificamos que para essa instância, o Eu será sempre aquele criminoso da infância, mesmo que tenham sido apenas desejos. O Supereu se comunica diretamente com o Isso e tem acesso a todos os impulsos que foram recalçados, não faltando motivos para criticar o Eu – nas obsessões, sobretudo os desejos parricidas. Igualmente, culpa o Eu por não atingir as exigências impossíveis que impõe: acusa-o caso seja parecido com o pai ou caso seja diferente. Será em função da culpa produzida pelo embate entre as instâncias que surgirão as autorrecremnações e sintomas obsessivos. São uma simultânea defesa e forma de satisfação masoquista – vinculada ao sentimento inconsciente de culpa –, o que dificulta com que o indivíduo deixe de repeti-los. Ao psicanalista cabe estar atento a esse duplo aspecto dos fenômenos obsessivos, sua dimensão econômica, pois pode operar como resistência ao tratamento.

⁴² Como foi verificado no primeiro e segundo capítulos deste trabalho, especialmente no caso *O Homem dos Ratos* (1909/2017).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo realizado esse longo percurso teórico nesta pesquisa, convém retomarmos nosso ponto de partida. O elemento disparador para a realização deste trabalho foi a prática clínica, em especial os impasses que surgiram no manejo de fortes autorrecriminações apresentadas por pacientes. Criticam-se pelas mais diversas razões, martirizam-se por pequenos detalhes, tendo-se a impressão de que o mais importante é o fazer-se sofrer, pouco importa a gravidade ou o motivo para as críticas. Disso, surgiu como questão compreender por que tais indivíduos se recriminam tanto e não conseguem deixar de fazê-lo. A nossa hipótese era de que o que estaria dando sustentação para essas autorrecriminações seria a atuação de um Supereu severo responsável por fazer emergir, no Eu, um sentimento de culpa. Inspirados pelo método de fundação da psicanálise por Freud, em que a clínica exigiu constantes revisões teóricas, desenvolvemos essa dissertação com o intuito de verificar a validade dessa hipótese. Para melhor delimitarmos o percurso a ser traçado, optamos por ter como fio condutor a neurose obsessiva, a qual consideramos como típico clínico que ilustra a atuação do Supereu no psiquismo. Nessa esteira, propusemos como nosso objetivo investigar o sentimento de culpa na neurose obsessiva e a sua relação com o Supereu.

Para tanto, no primeiro capítulo nos ocupamos de analisar a primeira concepção de neurose obsessiva apresentada nos textos pré-psicanalíticos, para em seguida avaliarmos as mudanças que sofreu com o advento do complexo de Édipo. Verificamos que, desde sua primeira definição, Freud identificou o mecanismo de deslocamento como fundamental para a compreensão da formação dos sintomas obsessivos. Diante de uma representação incompatível, cuja natureza seria sexual, o Eu dá início a um processo de defesa, em que o afeto é deslocado para outra representação não-incompatível. Dessa forma, Freud nos recomenda a sempre tomar o afeto do paciente como verdadeiro, sendo o trabalho do psicanalista investigar qual seria a representação original a qual estaria vinculado. Percebemos que ele elenca as autorrecriminações como o principal sintoma da neurose obsessiva. Inclusive, os demais sintomas dessa afecção também deveriam ser considerados como autorrecriminações, que foram, contudo, transformadas. Durante esse percurso, evidenciou-se que o sentimento de culpa não era considerado como elemento propriamente integrante do mecanismo da neurose obsessiva. A culpa estaria somente implícita nas autorrecriminações.

Já quanto ao conteúdo da representação incompatível, vimos que, desde os primeiros textos psicanalíticos, Freud apontou que sua natureza seria sexual. Inicialmente, o autor vinculou essa representação a uma experiência de sedução – ativa – sofrida pelo paciente

durante sua tenra infância. Contudo, essa que foi chamada de “teoria da sedução” veio a ser considerada inadequada e foi deixada de lado por Freud. Alguns dos elementos que sugeriram a Freud essa inadequação foram: a constatação de que se a sedução fosse real grande parte dos pais seriam perversos; a percepção de que não havia índice de realidade no inconsciente; a descoberta de que as crianças possuem desejos sexuais para com seus pais. Ao fazer uso da tragédia Édipo-Rei, Freud indicou que esses desejos são fundamentalmente incestuosos e parricidas. Deseja-se estar com a mãe, e o pai, visto como obstáculo, teria que ser eliminado. Uma breve análise realizada pelo autor acerca do personagem Hamlet, da obra homônima de Shakespeare, evidenciou para nós que as autorrecriações estariam relacionadas a um sentimento de culpa pelos desejos edípicos. Em especial na neurose obsessiva, verificamos que o ódio ao pai – os desejos parricidas – desempenham forte papel na formação das autorrecriações.

Avançamos, então, em direção a compreender a natureza de tais desejos, pois são considerados inconscientes, isto é, o indivíduo não os percebe em si. Para isso, empreendemos um exame daquilo que é proposto por Freud como seu primeiro modelo do aparelho psíquico: os sistemas Pcs/Cs e Ics. Pudemos verificar que sonho e sintoma são considerados formações do inconsciente, isto é, são produzidos a partir de conteúdos inconscientes, notadamente desejos sexuais recalçados, dentre eles os edípicos. Ocorre que esses conteúdos – chamados latentes – passam por um processo de deformação para que consigam alcançar o sistema Pcs/Cs, o que é feito pela censura, que opera mecanismos como deslocamento, condensação, figuração e elaboração secundária. O deslocamento, então, apesar de ser típico da neurose obsessiva, é incluído como mecanismo comum a todas as formações do inconsciente. Ainda nesse caminho, a análise desenvolvida por Freud acerca dos sonhos de punição trouxe grandes contribuições para esse trabalho. Diferentemente dos demais, indicaram que um desejo inconsciente do próprio Eu de punir a si mesmo poderia ser motor da formação dos sonhos e, portanto, também dos sintomas. Ou seja, trata-se de um prenúncio de que partes do Eu poderiam ser inconscientes, nelas subsistindo o desejo de fazer mal a si mesmo – uma espécie de sadismo-masochismo. Freud mesmo nos indicou que nessas circunstâncias seria melhor substituir a oposição entre consciente-inconsciente por outra entre Eu-recalcado.

Nos anos que seguiram *A interpretação dos sonhos* (1900/2021), enfatizamos que a neurose obsessiva foi progressivamente se tornando um dos principais objetos de estudo de Freud, lugar antes ocupado pela histeria. Portanto, no capítulo seguinte, objetivamos analisar a relação estabelecida por Freud entre neurose obsessiva e o sentimento de culpa, procurando identificar as origens deste sentimento e como opera nessa afecção. Verificamos que, em *Atos*

obsessivos e práticas religiosas (1907/2021), o sentimento de culpa é incluído no mecanismo da neurose obsessiva. Para o autor, o obsessivo se comporta como se fosse dominado por um sentimento inconsciente de culpa, almejando, por meio de rituais e cerimoniais, fugir da culpa e da punição que poderiam incidir sobre ele. Evidenciamos a problemática que é considerar um sentimento como inconsciente, questão que Freud teve dificuldade para explicar e que denunciava a possibilidade de uma parcela do Eu ser inconsciente. Acerca da origem desse sentimento, pudemos identificá-la no complexo de Édipo: deriva dos desejos incestuosos e parricidas. Esses últimos desempenham papel especialmente importante na neurose obsessiva.

Aos poucos, foi-se confirmando aquilo que havia apenas sido esboçado nos textos pré-psicanalíticos: a culpa é um motor para a formação de sintomas – nesse, caso os obsessivos – e origina-se dos desejos edípicos, na neurose obsessiva notadamente os parricidas. Sentimento de culpa que passa a ser delimitado como inconsciente, incluindo-se, também, um novo elemento nessa equação: a punição. Verificamos que se tornara cada vez mais evidente a presença de tendências punitivas na consciência, o que Freud pôde observar tanto no caso dos obsessivos que se impõem penitências quanto no caso daqueles que fracassam justamente quando têm sucesso e realizam seus desejos. Torna-se perceptível a existência de uma espécie de força que impede a melhora ao não cessar de infligir punições sobre o indivíduo.

Para compreendermos como o sentimento de culpa se manifesta na neurose obsessiva, seguimos para uma análise do caso *O Homem dos Ratos* (1909/2017), no qual encontramos novos elementos relacionados à culpa. Nesse caminho, destacamos que o ponto principal em torno do qual giravam os sintomas obsessivos do paciente era a culpa ligada à ambivalência afetiva que nutria pelo pai: amava-o e odiava-o simultaneamente. É alguém odiado porque provoca temor e consiste em um obstáculo no acesso à mãe, porém também é admirado e amado. É justamente por causa do amor pelo pai que emerge a culpa por odiá-lo. Por conseguinte, percebemos que o pai é uma figura central na neurose obsessiva (o que vinha sido esboçado ao longo desta pesquisa). Vários dos sintomas do paciente também revelavam a identificação com ele (como no caso da dívida), mas, sobretudo, consistiam em formas de autopunição pelos desejos hostis que tivera pelo pai – morto, porém muito vivo no inconsciente. Essa autopunição esteve extremamente visível, por exemplo, nos impulsos suicidas relatados pelo paciente. Sublinhamos que ao ter contato com a dinâmica apresentada pelos pacientes obsessivos, Freud revelou ter a impressão de que o Eu poderia sofrer gradações. Uma das hipóteses por ele elencadas é de que o Eu poderia ser tripartido, uma das partes sendo severa com as demais, como uma espécie de “Eu austero”.

Esse ponto nos encaminhou para o terceiro capítulo, no qual tivemos como objetivo examinar como, para Freud, fez-se necessária uma alteração na concepção de Eu, considerando-o sujeito a gradações, largamente inconsciente e no qual operam forças destrutivas. Ao percorrermos *Introdução ao narcisismo* (1914/2016a), verificamos que o Eu precisa ser desenvolvido, o que ocorre juntamente com o processo de organização da sexualidade. Em especial a fase narcísica, em que a libido é direcionada para o Eu, é fundamental para a sua constituição. Identificamos que ela deixa como resquício uma função no Eu nomeada de “ideal do Eu”, que detém aquilo que seria necessário para alcançar um Eu ideal, imagem idealizada de si. Mais importante, revelou-se que haveria uma instância no Eu responsável por fazer valer esse ideal, observando e julgando o Eu, tomando-o como objeto. Quer dizer, tornou-se ainda mais evidente a possibilidade do Eu ser parcialmente inconsciente e sofrer gradações, uma delas sendo responsável por criticar o próprio Eu. Em *Luto e melancolia* (1917/2016), isso apenas foi confirmado, sendo o mecanismo de identificação localizado como aquele capaz de alterar profundamente o Eu e provocar essa gradação. Ainda, nesse texto, pudemos observar que subsistiriam tendências sádicas no Eu, veiculadas pelo ideal – a partir de então considerado uma instância –, tornando-se difícil fazer coincidir Eu e autoconservação.

Na neurose obsessiva e seus sintomas, assim como na melancolia, era perceptível a existência de tendências punitivas e sádicas no psiquismo. Enfatizamos que progressivamente a destrutividade ganhou destaque e exigia de Freud que repensasse o domínio do princípio de prazer. A análise do fenômeno da compulsão à repetição na transferência em especial apontava para Freud a existência de uma força psíquica demoníaca. Identificamos que essa repetição era resultado da ação de resistências inconscientes do Eu, que impediam que os conteúdos recalçados alcançassem a consciência. A partir disso, foram anunciadas por Freud duas grandes novidades teóricas. A primeira, o Eu deveria ser em parte inconsciente, o que já vinha sendo evidenciado por nós desde o início deste trabalho. A segunda, devido ao caráter compulsivo da repetição e aos conteúdos desprazerosos que nela eram revividos, Freud propôs que deveria haver uma força mais elementar e independente do princípio de prazer: as pulsões de morte, uma força de desligamento, uma tendência de retorno ao inorgânico. Ela seria oposta às pulsões de vida – força de ligação. Com o auxílio de Garcia-Roza (1993), pudemos entender que os dois tipos de pulsão são modos de ser de uma mesma pulsão. Elas estariam essencialmente relacionadas, podendo ser encontradas fusionadas, como no caso do sadismo-masochismo: Tânatos estando a serviço de Eros.

No quarto e último capítulo, dedicamo-nos a investigar as origens e atuação do Supereu no psiquismo, assim como a sua manifestação na forma de sentimento de culpa. Foi

no contexto das várias alterações sofridas pela concepção de Eu, como descrito no terceiro capítulo, que Freud propôs um modelo de aparelho psíquico dividido em instâncias Eu, Isso e Supereu. Verificamos que a partir desse momento o Eu é considerado como a parte do Isso que foi modificada pela realidade por meio do processo de identificação, mecanismo oficialmente considerado fundamental na formação do Eu. De fato, o Eu sofre gradações, como é o caso do Supereu, instância psíquica originária das primeiras identificações parentais realizadas pelo Eu, cujas funções são a auto-observação, a autocrítica (consciência moral) e a manutenção do ideal do Eu. Houve, portanto, um deslocamento. O ideal deixou de ser uma instância e passou a ser uma função do Supereu, esta a instância crítica propriamente dita. Assim, aquele Eu austero e severo que Freud supunha existir foi propriamente inserido na teoria e formalizado como Supereu, o qual foi caracterizado como predominantemente inconsciente, devido à proximidade que guarda com o Isso.

Identificamos que a função do Supereu como consciência moral é resultado de sua dupla origem no complexo de Édipo: deriva dele, mas também foi uma reação a ele. Já quanto à magnitude de sua severidade, localizamos que essa depende de dois principais fatores: é diretamente proporcional à intensidade dos desejos edípicos e deve-se à desfunção pulsional em sua origem. Esta é um processo em que a pulsão de morte termina por se entrincheirar no Supereu, que se torna tão moral a ponto de se aproximar da amoralidade.

Munidos do conceito de Supereu, pudemos avançar em direção a uma compreensão das tendências punitivas que ao longo deste trabalho destacamos serem perceptíveis em fenômenos como as autorrecriminações, nos sintomas obsessivos em geral, nos sonhos punitivos, no caso daqueles que fracassam no êxito, entre outros. Para tanto, foi necessário investigar a relação entre Eu e Supereu. Com base em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2019), compreendemos que no psiquismo subsiste um masoquismo primário e erógeno – o prazer na dor –, derivado da concomitância entre excitação sexual e dor, bem como fruto da parcela de pulsão de morte que não é direcionada para o exterior e permanece no indivíduo. Nesse sentido, localizamos que há um tipo específico de masoquismo que permeia a relação do Eu com o Supereu: o chamado masoquismo moral. Este consiste no prazer que o Eu retira das críticas feitas pelo Supereu, de tal forma que entre as instâncias configura-se uma relação entre sádico e masoquista. O sadismo seria bem evidente e consciente, já o masoquismo, inconsciente, apenas identificável por inferência.

Sustentamos que o Eu sente essa tensão com o Supereu na forma de um sentimento de culpa, o qual pode manifestar-se de diversas formas. Na neurose obsessiva, a respeito da qual discorreremos ao longo desta pesquisa, esse sentimento de culpa costuma ser consciente – isto é,

o paciente percebe a culpa em si. Contudo, suas motivações são inconscientes. O paciente não compreende por que se sente culpado. É preciso um trabalho de interpretação junto ao psicanalista para descobrir ao que originalmente se refere, como apontado no primeiro capítulo. Inclusive, muitos sintomas obsessivos, como atos de penitências e restrições autopunitivas, são formas encontradas pelo Eu de fugir do sentimento de culpa, que se pode transformar em um vago sentimento de mal-estar. Assim, verificamos que o sentimento de culpa é parte integrante do mecanismo de formação dos sintomas obsessivos: para fugir da culpa são formados certos sintomas.

Ainda, o sentimento de culpa pode ser completamente inconsciente, ou seja, o paciente não se percebe culpado. Foi possível compreendermos essa dinâmica ao considerarmos que boa parte do Supereu é inconsciente. Portanto, da mesma forma seria sua relação com o Eu. A existência desse sentimento foi inferida por Freud ao observar a tendência masoquista dos pacientes de continuamente se colocarem em situações de sofrimento. A impressão que tinha é de que estavam expiando uma culpa. Assim, seria mais preciso nomear essa culpa inconsciente como uma “necessidade de punição”, que é a forma como se expressa. Na clínica, em especial, constatamos que se trata do maior obstáculo à cura, configurando a resistência que Freud nomeou como “reação terapêutica negativa”. Essa seria a manifestação por excelência do masoquismo moral, do prazer do Eu em sofrer nas mãos do Supereu sádico: ao invés de melhorar com o tratamento, prefere-se permanecer no sofrimento. Entendemos que aquilo do que o Supereu sádico está constantemente acusando o Eu, culpando-o, é pelos desejos edípicos de sua infância. Na neurose obsessiva em especial, a acusação e culpa seriam por ter desejado matar o pai para estar com a mãe, ter desejado ser como ele, mas também ter-se afastado do modelo do pai.

Esperamos que com esse percurso teórico tenhamos respondido à questão disparadora desta pesquisa e validado a nossa hipótese inicial. Verificamos que ao se debruçar sobre a neurose obsessiva e a sua dinâmica, na qual têm lugar as autorrecriações e o sentimento de culpa, vários elementos foram sendo fornecidos a Freud, que o conduziram à formulação do Supereu. Pudemos constatar que de fato as autorrecriações resultam da ação do Supereu, mais especificamente do seu embate com o Eu que produz um sentimento de culpa. O motivo principal do embate com o Eu na neurose obsessiva são os desejos criminosos parricidas, que sofrem ação do mecanismo de deslocamento, assim sendo substituídos por outros motivos ou apenas ocultados. Ao psicanalista, cabe sempre considerar o afeto trazido pelos pacientes como verdadeiro – nesse caso, as autorrecriações –, sobretudo quando se mostra sem sentido, pois, assim como nos sonhos, é sinal de que houve um trabalho de deformação nos conteúdos

psíquicos. Ainda, pudemos verificar que o comportamento “exemplar” dos pacientes é apenas reflexo de um Supereu severo, que assim se formou por causa da intensidade do complexo de Édipo vivido na infância. Assim, mesmo que não pareça, nesses casos não faltam razões para o Supereu atormentar o Eu, que não deixará de recriminar-se.

Quanto à persistência das autorrecriminações, a insistência do indivíduo em fazê-las, essa tendência punitiva que notamos nesse e outros fenômenos, pudemos relacioná-la ao sentimento inconsciente de culpa ou necessidade de punição, os quais se fundamentam em um masoquismo moral, em que pulsões de vida e de morte se encontram fusionadas. Assim, este trabalho traz como grande contribuição para o manejo clínico deste fenômeno a necessidade de se considerar a existência de uma parcela de prazer envolvida no sofrimento ocasionado pelos sintomas: no circuito pulsional, há lugar para uma satisfação sádico-masoquista. Quer dizer, acreditamos que será sempre necessário que o psicanalista esteja atento ao fator econômico envolvido na dinâmica singular do paciente, o quanto de satisfação é retirada da dor, o quanto sádico e masoquista são Supereu e Eu. Contudo, essas constatações abriram um grande desafio que é: como produzir uma alteração em uma dinâmica dolorosa que é também prazerosa? Como manejar a reação terapêutica negativa? E, além disso: se tanto na neurose obsessiva quanto na melancolia estão presentes fortes autorrecriminações e sentimento de culpa, como diferenciá-las?

Ainda, outra questão que emergiu como resultado deste trabalho foi: seria possível o Supereu agir de forma benevolente para com o Eu? Além de vigiar e punir, não poderia também protegê-lo? Parece ser o que ocorreria no caso do fenômeno do humor, destacado por Freud brevemente em 1927 (2020), e ainda pouco estudado pelos psicanalistas. Esses são alguns dos questionamentos que se abriram com a conclusão desta pesquisa e que se impuseram como problemas a serem investigados futuramente.

Isso porque, como já mencionado no início deste trabalho, o ponto de chegada de uma pesquisa é sempre o ponto de início de outra. Não nos propusemos a esgotar completamente o nosso tema, até mesmo porque a teoria psicanalítica e seus conceitos são permanentemente inacabados e multifacetados. Sempre é possível dizer mais, ou por outros prismas de reflexão. No entanto, acreditamos ter alcançado o objetivo ao qual nos propusemos.

REFERÊNCIAS

- Anzieu, D. (1989). *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. (F. F. Settineri, Trad.). Artes Médicas.
- Costa, T. (2010). *Édipo*. Zahar.
- Delorenzo, R. (2007). *Neurose obsessiva*. Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1986a). A etiologia da histeria. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original publicado em 1896)
- Freud, S. (1986b). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original publicado em 1896)
- Freud, S. (1986). As neuropsicoses de defesa. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original publicado em 1894)
- Freud, S. (1986c). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original publicado em 1896)
- Freud, S. (1986). Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original publicado em 1895)
- Freud, S. (1996a). A psicoterapia da histeria. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original publicado em 1895)
- Freud, S. (1996). Atos obsessivos e práticas religiosas. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original publicado em 1907)
- Freud, S. (1996a). Carta 46. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original escrito em 1896)
- Freud, S. (1996b). Carta 50. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original escrito em 1896)
- Freud, S. (1996a). Carta 64. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original escrito em 1897)

- Freud, S. (1996b). Carta 69. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original escrito em 1897)
- Freud, S. (1996c). Carta 70. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original escrito em 1897)
- Freud, S. (1996d). Carta 71. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original escrito em 1897)
- Freud, S. (1996). O Ego e o Id. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996b). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original escrito em 1895)
- Freud, S. (1996c). Rascunho K. As neuroses de defesa (Um conto de fadas natalino). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original escrito em 1896)
- Freud, S. (1996e). Rascunho N. Notas III. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1) (J. Salomão, Trad.). Imago. (Texto original escrito em 1897)
- Freud, S. (2016). A dinâmica da transferência. In S. Freud. *Obras completas, volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre a técnica e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1912)
- Freud, S. (2016). Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. In S. Freud. *Obras completas, volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1916)
- Freud, S. (2016a). A predisposição à neurose obsessiva. In S. Freud. *Obras completas, volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre a técnica e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1913)
- Freud, S. (2016a). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In S. Freud. *Obras completas, volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre a técnica e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1911)
- Freud, S. (2016a). Introdução ao narcisismo. In S. Freud. *Obras completas, volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1914)

- Freud, S. (2016). Luto e melancolia. In S. Freud. *Obras completas, volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1917)
- Freud, S. (2016b). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia (“O caso Schreber”). In S. Freud. *Obras completas, volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1911)
- Freud, S. (2016). O inconsciente. In S. Freud. *Obras completas, volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1915)
- Freud, S. (2016b). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud. *Obras completas, volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1914)
- Freud, S. (2016b). Totem e tabu. In S. Freud. *Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1913)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1905)
- Freud, S. (2017). Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”). In S. Freud. *Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1909)
- Freud, S. (2017a). Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. In S. Freud. *Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1910)
- Freud, S. (2017b). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (contribuições à psicologia do amor I). In S. Freud. *Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1910)
- Freud, S. (2019a). A organização genital infantil. In S. Freud. *Obras completas, volume 16: o Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). (Texto original publicado em 1923)

Freud, S. (2019). *As pulsões e seus destinos*. (P. H. Tavares, Trad.). Autêntica. (Texto original publicado em 1915)

Freud, S. (2019a). Conferência 21: o desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In S. Freud. *Obras completas, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise* (S. Tellaroli, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1917)

Freud, S. (2019b). Conferência 26: a teoria da libido e o narcisismo. In S. Freud. *Obras completas, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise* (S. Tellaroli, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1917)

Freud, S. (2019). Conferência 31: a dissecação da personalidade psíquica. In S. Freud. *Obras completas, volume 18: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1933)

Freud, S. (2019b). O Eu e o Id. In S. Freud. *Obras completas, volume 16: o Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1923)

Freud, S. (2019). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Obras completas, volume 18: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1930)

Freud, S. (2019). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud. *Obras completas, volume 16: o Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1924)

Freud, S. (2020). Dostoiévski e o parricídio. In S. Freud. *Obras completas, volume 17: inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1928)

Freud, S. (2020). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud. *Obras completas, volume 17: inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1926)

Freud, S. (2020). O humor. In S. Freud. *Obras completas, volume 17: inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1927)

Freud, S. (2021). A instrução judicial e a psicanálise. In S. Freud. *Obras completas, volume 8: o delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1906)

Freud, S. (2021). *Além do princípio de prazer*. (M. R. S. Moraes, Trad.). Autêntica. (Texto original publicado em 1920)

Freud, S. (2021). Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O pequeno Hans”). In S. Freud. *Obras completas, volume 8: o delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um*

garoto de cinco anos e outros textos (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1909)

Freud, S. (2021). Atos obsessivos e práticas religiosas. In S. Freud. *Obras completas, volume 8: o delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1907)

Freud, S. (2021). Caráter e erotismo anal. In S. Freud. *Obras completas, volume 8: o delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1908)

Freud, S. (2021). *Obras completas, volume 4: a interpretação dos sonhos (1900)* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1900)

Freud, S. (2021). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud. *Obras completas, volume 15: psicologia das massas e análise do Eu e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1921)

Freud, S. (2021). Sobre transformações dos instintos, em particular no erotismo anal. In S. Freud. *Obras completas, volume 14: história de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1917)

Freud, S., & Jung, C. (1976). *Freud/Jung: correspondência completa* (W. McGuire, Org.). Imago.

Garcia-Roza, L. A. (1993). *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões* (4ª ed.). Zahar.

Garcia-Roza, L. A. (2008a). *Introdução à metapsicologia freudiana* (8ª ed., Vol. 2). Zahar.

Garcia-Roza, L. A. (2008b). *Introdução à metapsicologia freudiana* (7ª ed., Vol. 3). Zahar.

Garcia-Roza, L. A. (2018). *Freud e o inconsciente* (2ª ed.). Zahar.

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise* (4ª ed.) (P. Tamen, Trad.). Martins Fontes.

Mezan, R. (1986). *Freud, pensador da cultura* (4ª ed.). Brasiliense.

Mezan, R. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 227-241.

Mezan, R. (2013). *Freud: a trama dos conceitos* (5ª ed.). Perspectiva.

Monzani, L. R. (2014). *Freud: o movimento de um pensamento* (3ª ed.). Editora da Unicamp.

Pinheiro, N. N. B. (2019). Presença paterna e construção da ilusão de unidade a partir das teorias de Freud e Winnicott. *Polêm!ca*, 19(3), 109-121.
<https://doi.org/10.12957/polemica.2019.52332>

Pinheiro, N. N. B., Lustoza, R. Z., & Pinheiro, D. P. N. (2019). Pesquisa em Psicanálise na Universidade: seguindo o método freudiano. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 8(15), 1-11.

Pinheiro, N. N. B. (2022). Pesquisa em Psicanálise na universidade: uma proposição metodológica. In N. N. B. Pinheiro, R. S. Peres, & S. N. Cordeiro (Orgs.), *Pesquisas acadêmicas em Psicanálise: reflexões teóricas e ilustrações práticas* (pp. 13-27). Pedro & João Editores.

Quinodoz, J. M. (2004). *Lire Freud : découverte chronologique de l'œuvre de Freud*. Presses Universitaires de France.

Ribeiro, M. A. C. (2011). *A neurose obsessiva* (3ª ed.). Zahar.

Rilke, R. M. (2009). *Cartas a um jovem poeta* (P. Sússekind, Trad.). L&PM. (Texto original publicado em 1929)

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro, & L. Magalhães, Trad.). Zahar.

Tavares, L. A. T., & Hashimoto, F. (2013). A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 166-178.